

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

EDUARDO LUIZ VIVEIROS DE FREITAS

Política e internet:  
4 jornalistas (blogueiros) em novos tempos

DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

SÃO PAULO

2010

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

EDUARDO LUIZ VIVEIROS DE FREITAS

Política e internet:  
4 jornalistas (blogueiros) em novos tempos

DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais, sob orientação do Prof. Dr. Miguel Wady Chaia.

SÃO PAULO  
2010

Banca Examinadora

---

---

---

---

---

## A G R A D E C I M E N T O S

Agradeço a Miguel Chaia, orientador, querido amigo, incentivador deste percurso

Agradeço a Vera Chaia pelo apoio no NEAMP (Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política) e na Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP

Agradeço a Ana Amélia por sua amizade e incentivo

Agradeço aos componentes da banca examinadora por aceitarem este desafio

Agradeço aos colegas, amigos e amigas do NEAMP

Agradeço a meus amigos pela amizade e carinho com que me brindam

Agradeço aos colegas e amigos da Panamericana pelo incentivo

Agradeço aos colegas e amigos da Estácio-Uniradial pelo apoio

Agradeço a minha família pelo amor e presença constante

Agradeço à CAPES pelo estágio de doutorado na Espanha e a bolsa aqui, no Brasil

**Dedico esta tese à minha querida sobrinha Ana Carolina, poeta**

## **Resumo**

Novas formas de fazer política estão surgindo no chamado ciberespaço, espaço de comunicação mediado pela rede mundial de computadores, localizado em algum ponto dessa realização do conhecimento humano chamada Internet. A política e as relações de poder, em especial aquelas mediadas, analisadas e criticadas utilizando-se ferramentas disponíveis na Internet se transformam nesse processo. Se acrescentarmos a essa discussão as mudanças porque passam o jornalismo, os profissionais do jornalismo e o que entendemos por meios de comunicação ou mídia, teremos novos materiais para uma empreitada analítica e crítica nos campos das Ciências Sociais, Ciência Política e Comunicação. Esta pesquisa analisa o perfil de 4 jornalistas que utilizam ferramentas das novas tecnologias de informação e comunicação (blogs) para a produção de informação, crítica à mídia tradicional, interação e fomento ao debate político com internautas, e sua contribuição para a construção de um novo espaço público democrático. Foram analisadas a trajetória profissional dos jornalistas-blogueiros, a estrutura e a dinâmica de seus blogs e, através da análise de entrevistas, procurou-se capturar o pensamento desses profissionais sobre mídia, política e novas tecnologias de informação e comunicação. O aporte da pesquisa, em termos metodológicos, está na construção do diálogo entre pesquisador e objetos de estudo visando caracterizar e identificar, em suas manifestações, um novo tipo de jornalismo e de jornalistas, atores políticos e midiáticos, seu papel e lugar nas relações entre comunicação e poder na sociedade em rede.

### **Palavras- chave:**

**política; internet; comunicação e poder; jornalistas-blogueiros; espaço público democrático.**

## **Abstract**

New ways of making politics are emerging in the so-called cyberspace, a communication space mediated by the world's computer network, located at some point of this achievement of human knowledge called Internet. Politics and power relations, especially those mediated, analyzed and criticized through the use of tools that are available in the Internet, undergo transformations in this process. If we add to this discussion the changes experienced by journalism, journalism professionals and what we understand by means of communication or media, we will have new materials for an analytical and critical enterprise in the fields of Social Sciences, Political Science and Communication. This study analyzes the profile of 4 journalists who use tools of the new information and communication technologies (blogs) for the production of information, criticism against the traditional media, interaction and fostering of the political debate with Internet users, and their contribution to the construction of a new democratic and public space. The professional history of the journalists-bloggers was analyzed, and also the structure and dynamics of their blogs. Through the analysis of interviews, the researcher attempted to capture these professionals' thought concerning the media, politics and new information and communication technologies. The research's contribution, in methodological terms, is in the construction of the dialog between researcher and objects of study, aiming to characterize and identify, in its manifestations, a new type of journalism and journalists, political and media players, their role and place in the relations between communication and power in the networked society.

### **Keywords:**

**politics, Internet, communication and power, journalists-bloggers, public democratic space.**

## S U M Á R I O

APRESENTAÇÃO	1
CAPÍTULO 1	11
CAPÍTULO 2	32
CAPÍTULO 3	71
CONCLUSÃO	96
BIBLIOGRAFIA	102

**ANEXO 1** – Roteiro de Entrevista

**ANEXO 2** – Entrevistas com os jornalistas-blogueiros Ricardo Noblat, Luis Nassif, Mino Carta e Paulo Henrique Amorim

**ANEXO 3** – Entrevista com Manuel Castells (Mayte Pascual - TVE)



## APRESENTAÇÃO

“El papel del intelectual, se dice, es hablarle al poder con la verdad.  
Noam Chomsky ha desmentido este cliché curialesco mediante dos tipos de argumentos.  
De un lado, el poder ya conoce la verdad; y está ocupado tratando de ocultarla.  
Del otro, los que necesitan la verdad no son los que están en el poder,  
sino aquellos a quienes el poder oprime.”

**Terry Eagleton,**

Los intelectuales y el poder - resenha do livro de Stefan Collini  
Absent Minds: Intellectuals in Britain  
Oxford University Press<sup>1</sup>

Novas formas de fazer política (ou ainda, novos modos de fazer a mesma política) estão surgindo no chamado ciberespaço<sup>2</sup>, espaço de comunicação mediado pela rede mundial de computadores, localizado em algum ponto dessa realização do conhecimento humano chamada internet, criada (e recriada constantemente) a partir do desenvolvimento acelerado da tecnologia digital e das relações e mudanças nos modos de sentir, pensar e agir de indivíduos e grupos sociais envolvidos direta e indiretamente com esse processo. A distorção na percepção do espaço e do tempo é maior no ciberespaço, modificando nosso modo de apreender os limites entre o real e o imaginário, o próximo e o distante. Assim, muito mais do que informações e dados codificados que transitam em circuitos digitais e redes de comunicação, relações sociais e de poder se constroem e desconstróem entre grupos e indivíduos, principalmente. A política e as relações de poder, em especial aquelas mediadas, analisadas e criticadas utilizando-se ferramentas disponíveis na internet (blogs, mas também twitter, redes sociais, etc) não ficariam imunes a esse fenômeno. Essas transformações ocorrem no processo de estruturação da organização social contemporânea na chamada sociedade em rede (CASTELLS, 1999).

---

<sup>1</sup> fonte: <http://www.sinpermiso.info/textos/index.php?id=441> (acessado em 20/06/09)

<sup>2</sup> [ ver MUSSO, Pierre, Ciberespaço, figura reticular da utopia tecnológica, IN: MORAES (org.) 2006, pp 191-224]

A discussão sobre a política em tempos de novas tecnologias (digitais) de informação e comunicação, no âmbito da sociedade em rede, pode perder-se na simples oposição entre forma e conteúdo. Ora, em muitos sentidos, a forma determina o conteúdo. E um conteúdo político inovador, tem que se utilizar de novas formas de fazer ou apresentar a política. Se acrescentarmos a essa discussão as transformações porque passaram e estão passando o jornalismo, os profissionais do jornalismo e o que entendemos por meios de comunicação ou mídia, adaptando-se, resistindo ou tomando posturas conservadoras em relação ao desenvolvimento tecnológico (não apenas, mas também cultural e social) apontado mais acima, teremos ingredientes para uma empreitada analítica e crítica de grande espectro, no campo das Ciências Sociais, Ciência Política e Comunicação, entre outras áreas do conhecimento.

Uma das primeiras e principais reações de governos e estruturas de poder (executivo, legislativo ou judiciário) em várias partes do mundo, em especial no Brasil, foi tentar circunscrever a atividade ou militância política mediada pela Internet ao imaginário e à institucionalização da política em termos tradicionais, ignorando ou desconhecendo cenários emergentes de novos modos e relações de produção da informação, resultantes de transformações tecnológicas e da emergência de novas institucionalidades, práticas e utilização política das novas tecnologias (digitais) de informação e comunicação por indivíduos, grupos e movimentos sociais. A visão da política na Internet pelos poderes constituídos ainda é muito influenciada pela comunicação tradicional (jornais, revistas, rádio e televisão).

Os juristas, legisladores e mesmo muitos comunicadores acreditam poder impedir que novas ou atualizadas formas de fazer política se manifestem. Talvez a política formal,

partidária, possa ser "regulamentada", mas outros modos e muitas maneiras de fazer política estão surgindo. Em breve, o impacto se fará sentir também sobre o processo eleitoral, como já aconteceu no último processo eleitoral norte-americano. Enquanto isso, o comportamento e as crenças de operadores institucionais e da mídia tradicional demonstram que eles acreditam, firmemente, que ainda detêm muito poder sobre boa parte da sociedade e de suas manifestações.

Em certo sentido, graças a práticas monopolistas no espectro de rádio e televisão, e à política de concessões mantida pelo poder público, a realidade não mudou na velocidade com que essas mudanças ocorreram e estão ocorrendo no processo de estruturação da sociedade em rede. No entanto, a realidade em todo mundo está demonstrando que, se não no todo, em boa parte, é questão de médio prazo essa transformação também nesses veículos. Principalmente com a digitalização e a ampliação do número de empresas de telecomunicações a terem acesso à produção de conteúdo para rádio e televisão.

A grande mídia privada, impressa e/ou eletrônica, sobretudo o rádio e a televisão, se constitui na forma dominante através da qual a maioria de nossa população ainda hoje recebe, sem possibilidade de interação, as informações que moldam a sua percepção do que é e de como funciona o mundo, próximo e distante. (...) Não há dúvida de que o acesso à internet através de suportes como o computador pessoal e os celulares está provocando uma mudança profunda na produção, distribuição e no "consumo" de informações e entretenimento. (...) Um dos riscos que se corre em relação às profundas transformações em andamento no setor de comunicações é de se esquecer que o velho resiste, sobrevive e está mais ativo do que nunca em defesa de seus privilégios. Perder de vista essa realidade significaria não só ignorar importantes lições do passado, como adiar possíveis conseqüências que, tudo indica, permitirão que a maioria excluída da população brasileira participe da construção de um novo espaço público e que, finalmente, avançaremos rumo à consolidação do direito à comunicação entre nós. (LIMA, Venício, Prefácio, IN: BORGES, 2009)

A mídia, ou os meios de comunicação tradicionais, porém, não estão totalmente alheios a esse processo e atuam no sentido de garantir certo protagonismo, inclusive na Internet, constituindo portais, sites e outros meios de reproduzir e até mesmo inovar os

modelos de negócios e o modo de produção de informação, notícias e entretenimento. Mas acabam sempre esbarrando no grande problema que lhes é tão caro: como manter e (re) financiar o modelo de empreendimento tradicional, sem que a agilidade e o baixo custo de produção característicos de atividades similares às suas na Internet torne inviável a manutenção de estruturas caras, grandes instalações e, principalmente, recursos humanos abundantes, uma vez que a receita publicitária que financia os grandes veículos de comunicação tende a ser menor (muito menor!) quando se trata de financiar, por exemplo, blogs, portais, sites e jornais on-line? Repensar seus modelos de negócio, enquanto há tempo, pode ser uma atitude, no mínimo prudente.

**Manuel Castells:** Internet es un espacio de comunicación libre porque se creó así, se diseñó así, lo diseñaron así los primeros innovadores de Internet y, en gran medida, no es posible acotarlo y venderlo por trozos, técnicamente. A menos que se desorganice todo el sistema Internet. Desde ese punto de vista, no hay que pensar en cómo se hace negocio con toda Internet. El problema es cómo se puede hacer un modelo de negocio utilizando Internet en algunos sectores como la cultura digital, el entretenimiento, los medios de comunicación que necesitan ganar dinero, que necesitan pagar a los artistas, a los periodistas. Y, al mismo tiempo, en un espacio libre. Bueno, esto todavía no se ha encontrado un modelo de negocio. Entre otras cosas, porque no se ha intentado en serio. Porque todavía hay la esperanza de que esto pase y de que de alguna forma se consiga controlar Internet. Entonces, volvemos a utilizar los mismos modelos comerciales que han estado en el mundo preinternet. Bueno, esto es simplemente una ilusión y cuanto más tardemos en encontrar formas de modelos de negocio, más habrá apropiación sin pago de los productos culturales en Internet por parte de millones y millones y millones de personas. O si consigue ser innovador, en lugar de ser rentista, en crear nuevos modelos de negocio, o el conjunto de las empresas de información – distinto del entretenimiento – entrarán en una crisis terminal, de donde surgirá otro tipo de industria que todavía no conocemos.<sup>3</sup>

Além disso, poucas iniciativas da “velha mídia” na competição com os negócios na Internet têm o foco em sua área principal de atuação e o setor está entre os mais anacrônicos

---

<sup>3</sup>Entrevista de Manuel Castells a Mayte Pascual, TVE, Informe Semanal, 27/11/2009, disponível em <<http://www.rtve.es/mediateca/videos/20091127/entrevista-sociologo-manuel-castells/638711.shtml>> acessado em 15/03/2010; íntegra da entrevista, ver Anexo 3.

da economia<sup>4</sup>. A própria evolução tecnológica, contudo, parece apontar caminhos que começam a ser trilhados pelas empresas de mídia em nível mundial. O desenvolvimento dos e-readers, aparelhos para leitura de livros, jornais e revistas em versão eletrônica, e as perspectivas apontadas pela convergência entre mídia impressa e mídia digital, permite que empresas que criam e comercializam esses equipamentos e as empresas editoras ajustem novos modelos de negócios que compreendam pagamento pelo conteúdo online e pelas edições eletrônicas de jornais e revistas.<sup>5</sup>

A previsão de aumento de gastos com publicidade na internet para os Estados Unidos em 2010, levando a que, pela primeira vez, sejam superados os gastos com a mídia impressa naquele país, é um indicador de que razões de ordem econômica, principalmente numa conjuntura de crise e diminuição da circulação de publicações, estão levando as empresas a investir na transição de suportes para o conteúdo produzido, tendo em vista diminuição com custos de impressão e recursos humanos.<sup>6</sup>

Tendo origem no projeto de pesquisa “O uso das novas tecnologias na ação política no Brasil e na Espanha”<sup>7</sup>, esta tese de doutorado tem como tema Política e Novas Tecnologias de

---

<sup>4</sup> Luis Nassif, artigo “As mudanças que virão na mídia”, disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=565JDB009> e em <http://colunistas.ig.com.br/luisnassif/2009/11/24/o-modelo-de-negocio-da-velha-midia/>, acessado em 24 e 25/11/09.

<sup>5</sup> Ver MEDINA, Fátima Fares – Tinta sin papel. Nuevos suportes para lectura de periódicos, IN: XI Congreso de Periodismo Digital Huesca (11 e 12/03/2010): el periodismo digital desde la perspectiva de la investigación universitaria (livro de comunicações), ISBN 978-84-87175-41-1, pp. 157-170. Sobre novos modelos de negócio envolvendo mídia e internet, ver e ouvir a entrevista de Manuel Castells disponibilizada em <<http://www.rtve.es/mediateca/videos/20091127/entrevista-sociologo-manuel-castells/638711.shtml>>, acessada em 15/03/2010, transcrita no Anexo 3.

<sup>6</sup> Ver Comunique-se. O Portal da Comunicação – Gastos com publicidade na internet devem superar mídia impressa nos EUA; 9/03/2010, disponível em: <http://www.comunique-se.com.br/conteudo/newsprint.asp?editoria=8&idnot=5517>, acessado em 10/03/2010.

<sup>7</sup> **Março de 2006 a fevereiro de 2008** – A pesquisa, coordenada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vera Lúcia Michalany Chaia (Brasil – PUC/SP : Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) e pelo Prof. Dr. Victor Sampedro Blanco (Espanha – URJC : Universidad Rey Juan Carlos) foi desenvolvida pelo NEAMP (Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política) e obteve financiamento da CAPES/MECD - Coordenação Geral de Cooperação Internacional, processo nº 124/06. O autor desta tese foi bolsista e cumpriu, no âmbito do projeto de pesquisa, estágio de doutoramento (bolsa sanduíche) na Espanha (URJC) no período de outubro de 2006 a fevereiro de 2007.

Informação e Comunicação (Internet, blogs), Sociedade e Cultura (Arte). Exploramos as fronteiras, limites, rupturas e continuidades existentes entre essas áreas do conhecimento, privilegiando a Política, tendo como objeto de pesquisa a atuação de quatro jornalistas cujo trabalho teve início na grande mídia, na imprensa tradicional e que hoje exercem papéis significativos no jornalismo político (mas não só), direta ou indiretamente envolvidos com as novas tecnologias de informação e comunicação, notadamente com o desenvolvimento de blogs jornalísticos. Os jornalistas-blogueiros são Luis Nassif, Mino Carta, Paulo Henrique Amorim e Ricardo Noblat<sup>8</sup>.

Uma primeira aproximação com o tema permite-nos apresentar, como problematização, indagações sobre a transição de um modelo para outro de ação jornalística e quais aspectos e características do jornalismo (em geral), em especial do jornalismo político, que mais se pode ressaltar nesse processo? Como se constrói esse novo (?) profissional e como se apresentam esses novos (?) atores políticos e culturais (jornalistas-blogueiros). Outro foco de problematização é a relação que esses jornalistas estabelecem com a chamada “velha mídia” (Nassif) e com o poder político. Apesar de terem trabalhado (e dois deles ainda trabalharem) e construído a maior parte de sua produção jornalística nesse espaço, eles apontam desvios, distorções e falta de fidelidade a princípios do jornalismo em muitas empresas do setor, criticando ainda a postura que a mídia adota em determinadas circunstâncias. É sobre o papel de críticos da mídia que um terceiro foco de problematização se estrutura: a coerência entre a defesa de princípios básicos do jornalismo mencionados pelos sujeitos da pesquisa (fidelidade à verdade factual, espírito crítico e fiscalização do poder onde quer que ele se manifeste), constantemente manifestada em seus escritos e entrevistas e sua

---

<sup>8</sup> Luis Nassif: blog - <http://colunistas.ig.com.br/luisnassif/> - Mino Carta: blog - <http://blogdomino.blog.ig.com.br/> (de 30/08/2006 a 19/03/2008) e <http://www.blogdomino.com.br/> (de 7/10/2008 a 4/02/09) – Paulo Henrique Amorim: blog - <http://www.paulohenriqueamorim.com.br/> e Ricardo Noblat: blog - <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/> .

prática política e jornalística.

A hipótese principal dessa pesquisa é a de que o jornalista-blogueiro, como está caracterizado ao longo do desenvolvimento da tese, é um ator político fundamental para a transição do “velho” para um “novo” tipo de jornalismo, para a construção da crítica ao modelo vigente de atuação jornalística na mídia tradicional (ou “velha mídia”), contribuindo para a construção de uma nova esfera pública de discussão democrática e debate político. Cabe, contudo, tensionar essa hipótese com o questionamento sobre o que é “velho” ou “novo”: o jornalismo como se constitui historicamente e/ou a perspectiva de mudança (não necessariamente transformação) entrevista pelo uso e desenvolvimento de novas tecnologias (digitais) de informação e comunicação aplicadas ao jornalismo? Outra hipótese de trabalho leva em consideração que, ao emprestar credibilidade, experiência profissional, fundamentação prática e formação cultural sólida ao exercício do jornalismo em suportes e ferramentas das novas tecnologias (digitais) de informação e comunicação, o papel desses atores políticos (jornalistas-blogueiros) é em parte responsável pela mudança no perfil do público leitor, que passa a interagir, produzir e criticar informação através da relação com os jornalistas-blogueiros mediada pelo uso dessas tecnologias, atuando também, pela troca proporcionada pela interatividade, como participantes na construção dessa nova esfera pública de debate democrático.

Algumas questões se apresentam para a reflexão que fundamenta essa pesquisa, e sua discussão se dará ao longo do texto. Aqui apenas pontuaremos, dentro da estrutura dos capítulos da tese, essas questões e linhas de pesquisa a serem perscrutadas.

Para um capítulo que, para além de demarcar o aporte teórico-conceitual, deverá

também discutir a relação entre as novas tecnologias e a construção do novo espaço público de debate político e a natureza do poder na sociedade em rede, há que constatar que a fundamentação ou instrumental teórico de uma pesquisa como essa está em parte construída, em parte por construir, nas fronteiras, limites, continuidades e rupturas entre as novas mídias, tecnologias de informação e comunicação, cultura e política. E deverá recuperar o conceito de esfera pública ou espaço público, avançando na caracterização da nova sociedade (sociedade em rede) que surge na interface do desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação. Estudos de comunicação, constituição dos atores sociais e políticos; análise do papel e da ação política do jornalista; a relação entre as redes de meios de comunicação e o poder econômico e político são alguns temas abordados na pesquisa bibliográfica e no diálogo com os autores estudados.

Na construção dos capítulos onde apresentamos os perfis e dialogamos com as posições, percepções e o pensamento dos jornalistas-blogueiros entrevistados<sup>9</sup> para esta pesquisa, também apresentamos a estrutura dos blogs analisados, porém sem construirmos tipologias e categorias. Nossa contribuição metodológica se dá no estabelecimento de um diálogo com os jornalistas-blogueiros sobre suas práticas profissionais, as condições em que executam seu trabalho e as relações, rupturas e continuidades, tensões e conflitos com o poder político e sua atuação nas redes de comunicação, voltada para a mediação ou organização do debate político nos veículos (blogs) em que publicam seus textos. Nesse diálogo encontramos o jornalista no papel de mediador/moderador de diálogos com seu público e/ou coordenador no processo de produção da informação, notícias, análises, críticas etc (NASSIF, 2009-1)<sup>10</sup>. Desse diálogo esperamos extrair indicações e caminhos para a análise do pensamento desses

---

<sup>9</sup> Ricardo Noblat, dia 4/6; Luis Nassif, entrevistado dia 29/09; Mino Carta, dia 6/10 e Paulo Henrique Amorim, dia 10/10/2008. Ver Anexo 1 (Roteiro de Entrevista) e Anexo 2 (transcrições das entrevistas).

<sup>10</sup> Luis Nassif, O novo jornalismo (post), disponível em <http://colunistas.ig.com.br/luisnassif/2009/03/16/o-novo-jornalismo/#more-29443> – acessado em 16/03/09.



atores políticos sobre as questões que moveram esta pesquisa.

A metodologia de trabalho utilizada envolve a leitura e análise de bibliografia e webgrafia relativa ao tema e ao objeto da pesquisa, respectivamente: Novas Tecnologias, Comunicação e Política e a atuação de quatro jornalistas cujo trabalho teve início na grande mídia, na imprensa tradicional e que hoje exercem papéis significativos no jornalismo político (mas não só), direta ou indiretamente envolvidos com as novas tecnologias de informação e comunicação, notadamente com o desenvolvimento de blogs jornalísticos: Luis Nassif, Mino Carta, Paulo Henrique Amorim e Ricardo Noblat. Também foram realizadas entrevistas com roteiro composto por questões que compreendem a temática da pesquisa. Essas entrevistas foram transcritas e incorporadas ao trabalho por terem sido objeto constante de citações e análises ao longo do desenvolvimento da tese.

A escolha dos sujeitos da pesquisa deveu-se ao fato de eles terem perfis semelhantes, tanto profissionalmente como política e culturalmente, e por sua adequação à figura híbrida do jornalista-blogueiro, que tem trajetória e ainda mantém vínculos e relações com veículos da chamada mídia tradicional (ou “velha mídia”, como diz Luis Nassif), mas começa a desenvolver um novo tipo de trabalho jornalístico alicerçado em suportes, plataformas, ferramentas e, principalmente, numa nova sociedade e cultura em processo de consolidação a partir do desenvolvimento recente e da incorporação ao cotidiano das novas tecnologias (digitais) de informação e comunicação.

As entrevistas individuais, realizadas a partir de roteiro previamente articulado (ver Anexo 1) privilegiaram questões relativas aos motivos que levaram à criação dos respectivos blogs, critérios e métodos de seleção e produção de material jornalístico, a liberdade ou

limites para a realização do trabalho nesse veículo (blog), a relação com os leitores-comentadores, influência dos blogs e protagonismo da internet, sites e blogs na pauta do jornalismo político e da política, papel das novas tecnologias (digitais) de informação e comunicação no jornalismo, a relação do jornalista e do jornalismo político com o poder político e econômico.

Do tensionamento entre viabilidade e coerência no desenvolvimento da pesquisa com as hipóteses inicialmente aventadas se constituirão os caminhos trilhados neste processo que serão postos à prova e analisados nas considerações finais da tese e no diálogo estabelecido entre o autor, seu orientador e a banca examinadora.

## **Capítulo 1**

### **Internet e política:**

#### **novas tecnologias, e a construção do espaço público democrático de debate político**

A documentação empírica tratada nesta pesquisa, sejam entrevistas ou declarações dos jornalistas-blogueiros, sejam observações do autor da tese ao longo da redação do texto com relação à postura dos jornalistas estudados são materiais que a pesquisa utiliza para a construção da análise. Em nossa proposta de construção de uma metodologia de trabalho, as observações, impressões, inferências, as justaposições, aproximações ou contraposições de declarações, afirmações ou textos colhidos, são passíveis de utilização num diálogo com autores que nos orientem no processo de construção de uma fundamentação teórica para a pesquisa empreendida.

Esse diálogo, pela natureza do objeto, as áreas de conhecimento envolvidas, a construção das análises e a captura do pensamento político dos jornalistas-blogueiros analisados e sua visão das novas tecnologias (digitais) de informação e comunicação, torna-se importante para as aproximações necessárias à contribuição que pretendemos trazer para a temática mais abrangente das relações entre política e internet, jornalismo político e novas tecnologias de informação e comunicação.

Trata-se, ainda, de analisar a contribuição e o papel que o jornalismo político, em tempos de novas tecnologias de informação e comunicação, desempenha na construção de um novo espaço público democrático de debate político. Ao interagir com o público leitor em seus blogs, esses jornalistas-blogueiros são atores políticos que constroem personagens de uma nova dramaturgia do espetáculo da (comunicação) política (GOMES, 2004), agora em novos tempos (na era informacional, na sociedade em rede, no âmbito das relações entre comunicação e poder), mas sem vincular essa discussão à publicidade ou ao marketing político. O quanto sua atuação contribui para a construção do espaço público democrático de debate político, caberá à avaliação crítica, ou ao reconhecimento do papel que esses atores desempenham estabelecerem.

Neste nível da análise, alguns temas e conceitos podem ser aventados como passíveis de serem retomados em outras pesquisas, em face do diálogo estabelecido entre os materiais empíricos coletados ou construídos (impressões, observações etc) e a teoria estudada. Assim, se numa aproximação com o tema desta tese nos propomos a problematizar alguns focos que se direcionam à transição de um modelo para outro de ação jornalística, aspectos e características do jornalismo, em especial do jornalismo político, a construção do novo profissional e como se apresentam esses novos (?) atores políticos e culturais (jornalistas-blogueiros), seus vínculos originários com a “velha mídia” (NASSIF) e sua relação com o poder político, seu papel de críticos da mídia, das empresas de comunicação e da postura da mídia nas circunstâncias políticas atuais no Brasil, é importante

que apresentemos a filiação teórico-conceitual da pesquisa, estabelecendo desde já um diálogo entre teoria e perspectivas de análise.

A trajetória do conceito de espaço público é a trajetória da criação de sentidos e sua compreensão é reconfigurada, através dos tempos, na medida em que os sentidos mudam, recriam-se, alteram-se e fundem-se constantemente. Essa construção remete à ideia que pode ser quase apresentada em termos físicos – o espaço público grego, a *àgora* é o lugar do exercício do poder pelo cidadão livre. Habermas apresenta essa concepção como resultado e extensão de relações econômicas e, para Hannah Arendt, o espaço público é o espaço das aparências (ver Resende, IN: SOUSA, 2006, 178-188).

Na sociedade contemporânea, o espaço público nasce das relações entre o Estado e outras formas de poder que se articulam na mesma sociedade. Como espaço assimétrico e fragmentado, em que as novas tecnologias e meios de comunicação ganham relevância e poder de mediação, o espaço público é a arena onde um crescente número de sujeitos e atores políticos e culturais participam e se apoderam de técnicas de comunicação, promovendo a expansão desse espaço, transformado em campo de ação de novos (?) sujeitos-cidadãos. O espaço público, na contemporaneidade, nessa perspectiva, e sob a norma do conflito e a sombra da incerteza que deriva de processos econômicos (globalização), culturais e políticos (a crise da democracia e da legitimidade das instituições) tornando a vida em sociedade cada vez mais fluida e precária (BAUMAN 2000 e 2005), resulta do modo como se negociam

e articulam saberes e poderes, forças e interesses em um mundo regido pelas relações entre meios de comunicação e instâncias ou redes de poder.

As narrativas que se sucedem em velocidade e intensidade cada vez mais impeditivas ao estabelecimento da compreensão e do entendimento exigem dos interlocutores que considerem os modos de narrativa e os sujeitos narradores, as vias pelas quais pode ocorrer o exercício dessas narrativas no espaço público conflituoso do mundo atual (RESENDE, in: SOUSA, 2006).

A pluralidade dos meios impõe a reflexão sobre a narrativa. O jornalismo, a comunicação, apresentam-se como meios para a identificação dos sujeitos como narradores, o seu reconhecimento como atores e personagens de narrativas e emissores de mensagens. No espaço público onde circulam, se chocam e se complementam, competem e se solidarizam diferentes modos narrativos e seus narradores estão em processo de redefinição o lugar do jornalismo, de seus agentes políticos e culturais (jornalistas, comunicadores) e dos próprios meios de comunicação. A intermediação que se estabeleceu no espaço público burguês, aparentemente se transfigura em negociação/mediação de sentidos (Resende, in: SOUSA, 2006).

A esfera pública ou espaço público burguês surgiu com o desenvolvimento do capitalismo mercantil, no século XVI, ao lado de transformações institucionais do poder político. Esse desenvolvimento e essas transformações deram origem às condições para o surgimento de um novo tipo

de espaço público com origens na modernidade européia. Muda o significado da “autoridade pública”, que se refere menos aos domínios da vida em palácios, e mais à atividade de um Estado ou sistema estatal que define institucionalmente, legalmente, espaços de jurisdição e o monopólio sobre o uso legítimo da violência.

Sob o escudo protetor da autoridade pública, ao mesmo tempo, emerge uma “sociedade civil” como o domínio das relações de uma economia privatizada. Esse domínio “privado” compreende tanto a expansão do âmbito das relações econômicas quanto a esfera da intimidade, de relações pessoais cada vez mais livres da atividade econômica, filiadas à instituição familiar. A esfera pública ou espaço público surge entre o Estado, o domínio da autoridade pública, e o âmbito privado da sociedade civil e das relações interpessoais. Esse espaço público compunha-se de indivíduos reunidos em locais privados, debatendo normas do Estado e a condução da sociedade civil entre si. Confrontando e criticando, de fora do Estado, as atividades estatais, a esfera pública utilizava como meio para essa confrontação e essa crítica um meio em si mesmo significativo: a razão, articulada por indivíduos comprometidos na discussão, em princípio, irrestrita e aberta (THOMPSON, 2009).

Na explicação de Habermas (apud THOMPSON, 2009) sobre o surgimento da esfera pública, a criação da imprensa periódica assume particular importância. Um novo fórum de debate público é constituído a partir de jornais críticos e “semanários morais”, iniciativas que surgiram na

Europa no final do século XVII e durante o século XVIII. Originalmente voltadas inicialmente para a literatura e à crítica literária, essas publicações passaram a se interessar por questões de conteúdo e importância política e social. As elites cultas passaram a interagir entre si e com a aristocracia, mais ou menos em pé de igualdade, em novos centros de socialização que surgiram nos principais centros urbanos da Europa moderna, aí incluídos os salões e cafés, a partir da metade do século XVII. Esses espaços passaram a receber as principais discussões culturais e políticas do período e transformaram-se em ambientes sociais frequentados por essas elites.

Na Inglaterra do começo do século XVIII foram criadas condições favoráveis para o surgimento da esfera pública ou espaço público burguês. Jornais e periódicos em profusão, menor controle político e censura à imprensa, foram fundamentais para esse processo. A vida cultural e o debate político estavam estreitamente vinculados aos cafés que prosperaram a ponto de, em Londres, na primeira década do século XVIII, ser estimados em três mil, com cada um criando seu próprio núcleo de clientes assíduos. As questões do dia eram discutidas nesses espaços, após a leitura e debate dos jornais e periódicos.

A argumentação de Habermas, em parte, tenta demonstrar que a institucionalização dos Estados modernos sofreu impactos transformadores estimulados pela discussão crítica estimulada pela imprensa. O debate junto a um fórum público constantemente instava o Parlamento a manifestar-se. Isso fez com que houvesse uma abertura do Parlamento ao exame minucioso de



questões pelo público, levando finalmente a instituição política a abrir mão do direito de evitar que seus procedimentos fossem tornados públicos. Houve uma abertura das instituições políticas à imprensa e o Parlamento passou a exercer um papel eficiente na constituição e organização da opinião pública. A importância desses desenvolvimentos é incontestável, funcionando como testemunho do impacto da esfera pública ou espaço público burguês e o papel que teve na estruturação dos Estados ocidentais. Habermas afirma que, como existiu no século XVIII, a esfera pública ou espaço público burguês não duraria muito tempo, pois entraria em declínio (THOMPSON, 2009).

O mérito do raciocínio de Habermas está no destaque dado à importância do fato político que representou o desenvolvimento da imprensa no início da modernidade europeia. Algumas críticas e problemas históricos podem ser atribuídos a essa construção teórica. Do ponto de vista histórico, a fragilidade apontada por essas críticas ressalta não as deficiências da argumentação referente ao surgimento da esfera pública, mas os pontos fracos com relação ao suposto declínio do espaço público. Para Habermas, se o século XVIII ofereceu condições propícias ao desenvolvimento da esfera pública burguesa, por um lado, por outro a evolução nos séculos seguintes a conduziu a uma transformação e posterior extinção.

À medida que os estados assumiram um crescente papel intervencionista, com as administrações respondendo por maiores responsabilidades na condução de aspectos ligados ao bem comum, e os grupos de interesse organizados passaram a reivindicar por suas causas no

processo político, a separação entre o estado e a sociedade civil, que tinha propiciado espaços para a esfera pública, não resistiu a esse processo. O desaparecimento ou as mudanças radicais que ocorreram em instituições que haviam propiciado um fórum para a esfera pública, a perda de importância dos cafés e salões literários, a institucionalização - incorporando-se ao universo da mídia - da imprensa periódica no processo de constituição de interesses comerciais de amplo espectro acompanham a descaracterização da esfera pública. O caráter da mídia se altera profundamente com sua comercialização, transformando um fórum irrepreensível de debate crítico-racional em mais um domínio de consumo cultural. Um mundo de ficção, povoado de imagens e opiniões, esvazia de importância e conteúdo a esfera pública, que passa a assumir um caráter quase feudal.

Novos meios técnicos sofisticados são empregados para dotar a autoridade pública com aquela aura e prestígio que uma vez eram concedidos às figuras reais pela publicidade encenada das cortes feudais. Esta “refeudalização da esfera pública” torna a política um espetáculo que os políticos e os partidos procuram administrar, de tempo em tempo, com o consentimento aclamante da população despolitizada. A massa da população é excluída da discussão política e do processo de tomada de decisão, e é tratada como recurso manipulável que os líderes políticos podem utilizar para extrair, com o auxílio das técnicas da mídia, aprovação suficiente para legitimar seus programas políticos.<sup>11</sup>

A tese da refeudalização da esfera pública é em parte plausível, dado que, ao longo do século XX, em especial desde o surgimento da televisão, os rumos da política se tornaram inseparáveis do controle da visibilidade e da administração das relações públicas. Porém, examinando mais detidamente a argumentação de Habermas, notamos que há sérias fragilidades. Inicialmente, é questionável supor que a recepção de produtos midiáticos é passivamente

---

<sup>11</sup> (THOMPSON, 2009, 71-72).

aceita por consumidores manipulados pelas técnicas da mídia, que se deixam encantar pelo espetáculo. Nesse aspecto, Habermas revela ser devedor da teoria da cultura de massa produzida pela obra de Horkheimer e Adorno, que lhe serviu de inspiração para sua própria argumentação.

Um segundo aspecto a ser questionado na construção de Habermas relaciona-se com sua afirmação de que a esfera pública ou espaço público, nas sociedades modernas, foi “refeudalizada”. Se percebe facilmente o porque dessa afirmação: à primeira vista, a exibição ostensiva característica da política mediada e a preocupação com o cultivo de uma aura pessoal em detrimento do estímulo ao debate crítico, aparentemente assemelha-se ao “caráter de publicidade representativa” próprio da Idade Média. Tal semelhança é mais aparente do que real. Novas formas de interação surgiram com o desenvolvimento dos meios de comunicação, novas redes de difusão da informação, novas visibilidades, alterando o caráter simbólico da vida social de maneira que comparar a política mediada atual com rituais ou encenações teatrais das cortes feudais é não menos que superficial. Um mundo permeado por formas novas de comunicação e transmissão de informações, em que as pessoas são capazes de estabelecer interações com outras e observar indivíduos e eventos sem compartilhar o mesmo ambiente espaço-temporal, estimula a imaginação e a análise crítica a repensar o significado atual de “caráter público”, mais do que comparar o palco das mediações da contemporaneidade com tempos remotos (THOMPSON, 2009).

As deficiências da argumentação de Habermas não invalidam sua

percepção de que grandes mudanças ocorreram nas indústrias da mídia ao longo dos séculos XIX e XX. Sua explicação a respeito dessas mudanças, sobretudo a ênfase no aumento da comercialização da mídia, pode ser insuficiente, e suas deduções questionáveis. Porém, para um esboço do impacto dos meios de comunicação, é essencial uma análise institucional das transformações das indústrias da mídia. O ambiente midiático legado pelas mudanças e desenvolvimentos ocorridos nos séculos XIX e XX continua em processo de transformação. Novos fatores somam-se a esses desenvolvimentos, entre eles novas formas de comunicação originárias de sistemas de codificação digital e a convergência da tecnologia de informação e comunicação para um sistema digital comum de transmissão, processamento em armazenamento (THOMPSON, 2009).

Ao final do século XX, início do século XXI, emergiram, nesse processo de mudanças econômicas, culturais e políticas, novas estruturas sociais nos domínios da atividade e experiência humanas. A organização de funções e processos dominantes na chamada Era da Informação (CASTELLS, 1999), como tendência histórica, se dá cada vez mais em torno de redes. A nova morfologia de nossas sociedades passa, progressivamente, a ser constituída por redes, e a multiplicação da lógica de redes atua, modificando substancialmente, sobre a operação e os resultados da experiência, dos processos produtivos, do poder e da cultura. O novo paradigma das tecnologias de informação e comunicação fornece o suporte material para a expansão da nova organização social em redes em toda a estrutura social, embora essa forma de estrutura social já tenha existido em outro tempo, em

outros espaços.

(...) Eu afirmaria que essa lógica das redes gera uma determinação social em nível mais alto que a dos interesses sociais específicos expressos por meio das redes: o poder dos fluxos é mais importante que os fluxos do poder. A presença na rede ou a ausência dela e a dinâmica de cada rede em relação às outras são fontes cruciais de dominação e transformação de nossa sociedade: uma sociedade que, portanto, podemos apropriadamente chamar de sociedade em rede, caracterizada pela primazia da morfologia social sobre a ação social.<sup>12</sup>

Redes de produção, poder e experiência constituem a sociedade em rede, nova estrutura social da Era da Informação<sup>13</sup>. A cultura virtual nos fluxos globais, que transcendem o tempo e o espaço, é criada por essas redes. No entanto, as dimensões e instituições da sociedade não seguem necessariamente a lógica da sociedade em rede, assim como a sociedade industrial compreendia muitas formas pré-industriais da existência humana. Mas a lógica difusa da sociedade em rede está presente, em diferentes intensidades, em todas as sociedades da Era da Informação. A sociedade em rede amplia-se, superando e absorvendo, em sua dinâmica, pouco a pouco as formas sociais pré-existentes (CASTELLS, 2003, 476).

Essa nova sociedade carrega consigo contradições, ambigüidades, perspectivas, desafios e incertezas próprias da organização social humana. As classes sociais se decompõem e mudam (surge uma nova divisão social do trabalho<sup>14</sup>), modifica-se a relação entre espaço e tempo<sup>15</sup>, coordenadas em que

---

<sup>12</sup> CASTELLS, 1999, 565.

<sup>13</sup> Para a diferenciação analítica entre sociedade da informação, sociedade informacional e seus vínculos com o conceito de sociedade em rede, ver Castells, 1999, 64-65.

<sup>14</sup> Ver “Trabajo, trabajadores, clase y género: la empresa red y la nueva división social del trabajo”, in: CASTELLS, 2009, 57-62. Para uma crítica ao “novo senso comum acadêmico e político” e um debate acerca da natureza do trabalho na contemporaneidade e da tendência à alienação do trabalho informacional, ver ANTUNES e BRAGA, 2009.

<sup>15</sup> Ver CASTELLS, 1999, capítulos 6 e 7.

se movem nossas próprias vidas, surgem crises e mudanças de valores familiares tradicionais, crises de personalidades. Movimentos sociais buscam outros modelos de convivência, de relação com a natureza. Em algumas regiões do planeta, fortes sentimentos de identidade, alguns fundamentalistas, convertem-se em atores principais da ação política, do confronto entre o local e o global.

Assistimos ao início de uma época em que o poder se transforma e a democracia, o estado e a política estão em crise, enquanto a cultura virtual transforma-se no cenário da batalha pelas mentes, e a luta se dá no território da comunicação. O novo meio de comunicação, a Internet, oferece extraordinárias possibilidades de informação e divulgação. As novas tecnologias e a ciência começam a transformar os estágios mais elementares da vida, a inovação se revela a chave para o desenvolvimento, é a força do ser humano no novo sistema, porque o dinamismo da sociedade, mais do que da tecnologia, depende das pessoas (CUEVA, 2006, 13-14).

O conflito muda as sociedades, que são geridas pela política. O aparecimento de um fenômeno de implicações revolucionárias, no sentido das transformações de múltiplos significados que estão em processo paralelamente ao seu desenvolvimento, como é a Internet, impactou a política, as relações de poder, a própria constituição do poder. Como base tecnológica da forma organizacional que caracteriza a Era da Informação (a rede), ela é capaz de distribuir o poder da informação por todos os âmbitos da atividade humana (CASTELLS, 2004,15), porque está se convertendo num meio

fundamental de comunicação e organização. Os movimentos sociais e os atores políticos cada vez mais utilizam a Internet como instrumento de atuação, informação, recrutamento, dominação e contra-dominação. O ciberespaço se converteu num palco, no cenário progressivamente mais disputado por esses atores políticos. A questão é saber se a Internet tem um papel meramente instrumental na configuração dos conflitos políticos ou, ao contrário, passaremos a assistir a uma transformação das regras do jogo político, inicialmente no ciberespaço, que acabará por atingir o próprio jogo, quer dizer, as formas, os cenários, os papéis e os objetivos dos atores políticos (CASTELLS, 2004, 167).

Em parte essa questão parece ser respondida por certa frustração das expectativas com relação ao aproveitamento das potencialidades da Internet como instrumento de fortalecimento da democracia, do espaço público democrático de debate político. O acesso à informação política, a disponibilização de documentos, projetos, programas e planos pelos governos, a consulta, a expressão das opiniões de cidadãos e a obtenção de respostas oficiais ou políticas que a interatividade poderia propiciar não acontecem, ainda, em nível satisfatório. Os governos, que deveriam ser vigiados pelos cidadãos, utilizam a internet para vigiá-los. O esforço de interação real é substituído pelo uso operacional e publicitário, como se a fixação de um quadro de avisos eletrônico (uso principal que os governos fazem dessa ferramenta) atende-se aos reclamos da cidadania. Parlamentares, com raras exceções, criam sites para propaganda eleitoral e delegam à burocracia política as respostas (lentas, superficiais) às demandas encaminhadas a seus

gabinetes. E se apropriam dos recursos das novas tecnologias de informação e comunicação para estender ao ciberespaço a tragicomédia do poder político utilizado em causa própria, que aos poucos se esvai. Mas não desaparece.

À medida que a política se torna um teatro e as instituições políticas são mais agências de negócios do que locais de poder, os cidadãos de todo o mundo defendem-se, votando para impedir que o Estado os prejudique, em vez de lhe confiarem a representação da sua vontade. De certa maneira, o sistema político é destituído de poder, mas não de influência. Contudo, o poder não desaparece. Numa sociedade informacional, inscreve-se fundamentalmente nos códigos culturais mediante os quais as pessoas e as instituições representam a vida e toma decisões, inclusive políticas.<sup>16</sup>

A Internet, através apenas da tecnologia, não mudará o desencanto político que a maioria dos cidadãos, no mundo, sentem com relação à política. Por sua vez, o que podem os políticos? Se o capital, instrumentalizando as novas tecnologias de informação e comunicação e se estruturando em redes globais, flui livremente, a política é local. A rapidez dos movimentos dos fluxos de informação e do mercado financeiro tornam o poder extraterritorial. Se as instituições políticas (Estado, governos, partidos etc) não estão conseguindo reduzir a velocidade dos movimentos do capital, o poder cada vez mais se afasta dos políticos, flui, o que acarreta uma crescente apatia, crises de legitimidade e um aumento do desinteresse do eleitorado por tudo que tenha caráter “político”. As exceções, graças à atuação política da mídia, são os escândalos, construídos ou não como espetáculos de denúncia, manipulação, distorção e negociação política dos meios de comunicação como atores políticos (BAUMAN, 2000, 27).

Um novo sistema de poder, na sociedade em rede, se constitui e caracteriza pela pluralidade de fontes de autoridade. O poder econômico está

---

<sup>16</sup> CASTELLS, 2003, 472.



nos mercados financeiros globais, compondo uma rede incontrolável. O poder cultural está na rede dos meios de comunicação global-local. O poder científico, nas redes científicas autônomas e nas redes universitárias. O poder do crime está nas redes criminais globais (máfias). O contrapoder está nos movimentos sociais articulados em redes de identidade local e estratégia global (um exemplo desse tipo de rede é o Fórum Social Mundial). O poder político está localizado no estado em rede<sup>17</sup>. O poder é o processo fundamental da sociedade, uma vez que esta se define em torno de valores e instituições, e o que se valora e institucionaliza está definido por relações de poder. O poder é relacional, a dominação é institucional.

Uma obra que fundamenta teórica e empiricamente o conceito de poder na sociedade em rede foi produzida pelo sociólogo Manuel Castells (CASTELLS, 2009). Para os marcos desta pesquisa de doutorado, nos interessa uma em especial de quatro formas de poder cujos conceitos Castells construiu para tratar da questão que constitui o tema central de sua análise: onde está o poder na sociedade em rede global? As quatro formas de poder são: poder para conectar em rede (*networking power*), poder da rede (*network power*), poder em rede (*networked power*) e poder para criar redes (*network-making power*)(CASTELLS, 2009, 72-81). No mundo das redes, a capacidade de exercer controle sobre os outros depende de dois mecanismos base: 1.) o poder para criar redes e de programar/reprogramar redes segundo objetivos fixados e 2.) a capacidade de conectar diferentes redes e assegurar a cooperação compartilhando objetivos e combinando recursos, enquanto se

---

<sup>17</sup> Ver CUEVA, 2006, 211-212; CASTELLS 2003 e 2009.

evita competição de outras redes estabelecendo uma cooperação estratégica.

Os que ostentam o primeiro poder são chamados por Castells de *programadores (programmers)*. Os que ostentam o segundo poder são chamados de *conectores (switchers)*<sup>18</sup> Tanto um quanto outro portadores desses tipos de poder são atores sociais.<sup>19</sup>

Esta capacidad (de programación das redes) depende en última instancia de la posibilidad de generar, difundir y poner en práctica los discursos que enmarcan la acción humana. Sin esta capacidad discursiva, la programación de redes concretas es frágil, y depende únicamente del poder de los actores atrincherados en las instituciones. Los discursos en nuestra sociedad moldean la mente a través de una tecnología concreta: las redes de comunicación que organizan la comunicación socializada. Puesto que la mente pública – es decir, el conjunto de valores y marcos que tienen una gran visibilidad en la sociedad – es en último término lo que influye en el comportamiento individual y colectivo, la programación de las redes de comunicación es la fuente decisiva de los materiales culturales que alimentan los objetivos programados de cualquier otra red.(...)<sup>20</sup>

Portanto, para o tratamento analítico do objeto de estudo desta pesquisa, utilizaremos, no todo ou em parte, o instrumental teórico acima apresentado. Como dissemos mais acima, a documentação empírica tratada nesta pesquisa, sejam entrevistas ou declarações dos jornalistas-blogueiros, sejam observações do autor da tese ao longo da redação do texto com relação à postura dos jornalistas estudados são materiais que a pesquisa utiliza para a construção da análise. Em nossa proposta de metodologia de trabalho, as observações, impressões, inferências, as justaposições, aproximações ou contraposições de declarações, afirmações ou textos colhidos, serão passíveis

---

<sup>18</sup> O termo usado pelo sociólogo, em espanhol, foi “enlaces”; traduzi para conectores por aproximação com o sentido, também, do termo em inglês: switcher = “aquele que muda, aquele que modifica, aquele que troca” (Babylon English-Portuguese).

<sup>19</sup> “El concepto de *actor* se refiere a distintos sujetos de la acción: actores individuales, actores colectivos, organizaciones, instituciones y redes.” (CASTELLS, 2009, 34).

<sup>20</sup> CASTELLS, 2009, 85.

de utilização num diálogo com autores que nos orientem no processo de construção de uma fundamentação teórica para a pesquisa empreendida.

Nesse diálogo, pela natureza do objeto, as áreas de conhecimento envolvidas, a construção das análises e a captura do pensamento político dos jornalistas-blogueiros analisados e sua visão das novas tecnologias (digitais) de informação e comunicação, tornam-se importantes para as aproximações necessárias à contribuição que pretendemos trazer para a temática mais abrangente das relações entre política e internet, jornalismo político e novas tecnologias de informação e comunicação.

Analisaremos a contribuição e o papel que o jornalismo político, em tempos de novas tecnologias de informação e comunicação, desempenha na construção de um novo espaço público democrático de debate político. Ao interagir com o público leitor em seus blogs, esses jornalistas-blogueiros são atores políticos que constroem personagens de uma nova dramaturgia do espetáculo da (comunicação) política (GOMES, 2004), agora em novos tempos (na era informacional, na sociedade em rede, no âmbito das relações entre comunicação e poder), mas sem vincular essa discussão à publicidade ou ao marketing político. O quanto sua atuação contribui para a construção do espaço público democrático de debate político, caberá à avaliação crítica, ou ao reconhecimento do papel que esses atores desempenham estabelecerem.

Os blogs jornalísticos estão presentes na esfera pública brasileira, como atores políticos e produtores de sentido, análises e comentários sobre fatos,

articulações e ações dos agentes da comunicação. Na sociedade em rede, nos marcos das novas tecnologias de informação e comunicação, passam a ser mais um ator a disputar o poder de programar ou conectar redes. Ocupam a esfera pública disputando, dentro de suas possibilidades e nas circunstâncias que essa disputa se apresenta, a interpretação e organização do debate político junto a sua audiência (leitore-comentadores, internautas). O espaço de um blog nos fluxos de informação, interpretação e análise da política é ocupado pela produção de sentido materializada em textos, imagens, declarações, ilustrações que são publicadas nesse suporte midiático. Nesse sentido, o jornalista-blogueiro é produtor e editor, “no sentido daquele que dá forma ao texto e daquele que o difunde diante de um público de leitores. Na rede eletrônica esta difusão é imediata.” (CUNHA, 2006, 130).

Por seus usos variados na Internet, os blogs foram inicialmente definidos como ferramentas de publicação que constituíam formatos muito particulares, tendo em comum apenas o formato, com textos no topo da página, atualização constante e a presença de listas de links apontando para sites similares. Schmidt (2007, apud AMARAL, RECUERO e MONTARDO, 2009, 29-30) explica que blogs são:

Websites freqüentemente atualizados onde o conteúdo (texto, fotos, arquivos de som etc) são postados em uma base regular e posicionados em ordem cronológica reversa. Os leitores quase sempre possuem a opção de comentar em qualquer postagem individual, que são identificadas com uma URL única.

Provavelmente, do ponto de vista técnico-estrutural, essa definição seja suficiente para o estudo dos blogs em termos mais abrangentes. No caso desta pesquisa, no entanto, precisamos ir um pouco adiante, devido à natureza

específica dos blogs de jornalismo analisados. Nesse sentido, podemos caracterizar nossos objetos de estudo como diários informativos, oferecendo aos leitores a possibilidade de participação por meios de posts ou comentários<sup>21</sup>, numa tipologia funcional, neste momento, para a análise da estrutura da ferramenta utilizada pelos jornalistas-blogueiros.

A literatura sobre blogs jornalísticos, principalmente blogs de política, no Brasil, constitui-se, em parte, de artigos e trabalhos apresentados em atividades acadêmicas e científicas. Ao lado da caracterização estrutural dessas ferramentas, uma preocupação em produzir relatos histórico-descritivos e análises de circunstâncias em que os blogs assumiram certo protagonismo na esfera pública estão presentes em alguns estudos. A criação de tipologias e a metodologia de análise quantitativa também são frequentes. Dados empíricos organizados e analisados são utilizados para a criação de categorias e tipologias que são estabelecidas em estudos de Ciência Política e Comunicação Política.

Do ponto de vista da constituição dos blogs de jornalismo no Brasil, interessa-nos o momento em que indivíduos como os jornalistas-blogueiros apresentados nesta pesquisa (em especial Ricardo Noblat, Luis Nassif e Paulo Henrique Amorim) descobriram essa ferramenta tecnológica de produção de narrativas e sentidos. Sozinhos, começaram a produzir informações e análises independentes ou obtiveram concessões contratuais que garantiam

---

<sup>21</sup> QUADROS, ROSA e VIEIRA, 2005

independência (como afirmou, por exemplo, Ricardo Noblat<sup>22</sup>) das grandes empresas de comunicação, mesmo atuando nessas organizações. Ao emprestarem (ou arriscarem, conforme o ponto de vista da análise) a credibilidade construída na mídia convencional para o novo formato de produção e espaço de atuação, esses jornalistas contribuíram para a respeitabilidade dos blogs e criaram opções de debate público sobre temas da política e da sociedade que não eram encontrados na relação da audiência com os canais tradicionais, seja pela postura política do veículo emissor, seja pela forma limitadora do processo de produção de informação, que veta o diálogo ou impõe uma única via de fluxo da informação, do emissor para o receptor, de um para muitos.

Como nesta pesquisa não construímos tipologias ou categorias definidoras, mesmo provisoriamente, de perfis, não podemos afirmar que se trata de uma tendência a constituição de blogs jornalísticos com características semelhantes aos analisados nesta pesquisa. A relação entre blogs e jornalismo, especialmente as mudanças provocadas pela tecnologia nos valores da imprensa (entre eles, objetividade, isenção e direito autoral), no entanto, está na pauta de discussões no mundo acadêmico e na blogosfera. O atual modelo de veracidade jornalística passa a não ter o mesmo sentido, uma vez que se amplia a interlocução, e critérios, métodos e escolhas políticas são postos à prova na relação do jornalista com seu público. Os blogs de jornalismo se contrapõem são espaços de debate, contestação, argumentação, contra-argumentação, estabelecimento do contraditório. E esse

---

<sup>22</sup> Ver entrevista no Anexo 2.

cenário se consolida a cada momento. Acreditamos, no entanto, que devem ser levadas em conta análises de blogueiros e pesquisadores das novas mídias que acreditam haver uma substituição de padrões de credibilidade fixados por grupos restritos de pessoas, em benefício de percepções coletivas.

Nossa postura, e opção metodológica, nos capítulos seguintes, será a de apresentar os perfis dos jornalistas-blogueiros e de seus blogs numa aproximação com o objeto de estudo que não se aterá a detalhes técnicos (mas não deixará de apresentá-los) ou procurará estabelecer tipologias (uma vez que não estamos nos marcos de uma análise quantitativa de fôlego). Ao lado dos relatos e descrições dos perfis apresentados, procuraremos estabelecer, num diálogo com o objeto de estudo e, em parte ou no todo, com o referencial teórico acima apresentado, uma análise do pensamento dos jornalistas-blogueiros sobre política e internet (novas tecnologias de informação e comunicação) e suas implicações na ação política desses jornalistas, e em sua contribuição para a constituição de um novo espaço público democrático de debate.

## Capítulo 2

### A defesa do jornalismo ético e o jornalismo político como profissão

#### Luis Nassif e Ricardo Noblat

Luis Nassif e Ricardo Noblat (assim como Mino Carta e Paulo Henrique Amorim), além de serem jornalistas competentes, com larga experiência no acompanhamento da política (dentre outros assuntos e pautas), com reputação construída dentre os próprios jornalistas, as instituições políticas, suas fontes, o público de jornais, televisão, internet e a sociedade como um todo, levaram para a internet a credibilidade conquistada junto ao público graças à qualidade de sua produção jornalística e à fidelidade a alguns princípios que nortearam suas carreiras.

Luis Nassif trava, das trincheiras de seu blog, um duro combate contra o que Paulo Henrique Amorim chama de PIG<sup>23</sup> (Partido da Imprensa Golpista) e o próprio Nassif qualifica de “esgoto jornalístico”. Oriundos ou ainda permanecendo ligados profissionalmente à mídia tradicional, Luis Nassif e Ricardo Noblat conhecem perfeitamente o funcionamento interno e as relações que se estabelecem entre jornalistas, o jornalismo, negócios, interesses políticos, e a produção de informação e entretenimento.

Falamos de liberdade de imprensa aqui no Brasil é uma balela. Você tem liberdade de imprensa, sob controle dos proprietários nos grandes centros (urbanos); onde você tem uma maior competitividade, você ainda tem (liberdade de imprensa), ali.<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> O jornalista apresenta, em vários posts de seu blog, a seguinte definição: “Em nenhuma democracia séria do mundo, jornais conservadores, de baixa qualidade técnica e até sensacionalistas, e uma única rede de televisão têm a importância que têm no Brasil. Eles se transformaram num partido político – o PiG, Partido da Imprensa Golpista.”, ver, por exemplo: <<http://www.paulohenriqueamorim.com.br/?p=29200>> acessado em 29/03/2010.

<sup>24</sup> Entrevista de Ricardo Noblat concedida ao autor desta tese: ver Anexo 2.



**Eduardo:** (...) A seu ver, qual é a relação entre jornalismo e poder político e econômico?

**Noblat:** Toda. O jornalismo faz parte do status quo, e não quer que esse status quo mude, a não ser que (se) ele mudar também, se favorecer também dessa própria mudança. Os meios de comunicação aqui, em 64, todos apoiaram o golpe. Em 1968, poucos reagiram ao recrudescimento, ou à reafirmação da ditadura ali. Redemocratização, muitos levaram muito tempo para aderir, para se engajar nisso. (...) O jornalismo é isso, e é isso em toda parte. Ele faz parte da máquina, do aparelho do poder, de quem controla o poder, de quem exerce o poder. E ele caminha dentro disso, e se adapta às circunstâncias, mas ele jamais confronta isso. Ou as poucas experiências que você tem de confronto disso... **Eduardo: A menos que os (seus) interesses sejam contrariados.** É, mas não basta. Muitas vezes ele tem até seus interesses contrariados, mas... **Eduardo: Compõe.** Compõe, e não tem forças para confrontar, ou não ousa confrontar. Não é um fenômeno só nosso, é em toda parte. É cada vez mais. Principalmente devido à concentração da propriedade dos meios de comunicação, que é cada vez maior no mundo inteiro. Então cada vez você tem um número menor de donos de meios de comunicação. E cada vez mais meios de comunicação numerosos nas mãos de poucos donos. As grandes corporações estão tomando conta de tudo isso.<sup>25</sup>

**Eduardo:** (...) A seu ver, qual é a relação entre jornalismo e poder político e econômico?

**Nassif:** Hoje eles estão umbilicalmente ligados. Você sempre teve um jogo mais discreto antes. (...)

**Eduardo:** Você poderia, por gentileza, comentar esta máxima que o jornalista espanhol (El País) José Maria Irujo apresentou recentemente em São Paulo, quando falava sobre jornalismo investigativo: **“Ter sempre em conta que um primeiro ministro é sempre um mentiroso”.**

**Nassif:** (risos). Você tem as limitações institucionais do cargo (que) impedem as pessoas de mentir. De mentir, não, de falar a verdade. Eu tenho um artigo que fiz a um ano e meio atrás que hoje eu refaria. É interessante o seguinte: a hipocrisia é inerente ao exercício da política. Você não consegue fazer a política sem a hipocrisia. **Eduardo: As receitas do Cardeal Mazzarino: dissimular, dissimular, dissimular.** (risos) É. Mas você tem um ponto aí que é: com a internet, a hipocrisia ficou difícil você trabalhar. Então, o que a imprensa está fazendo aqui, ela faria num ambiente fechado.<sup>26</sup>

As armas que utilizam nesse combate são princípios que consideram fundamentais para o jornalismo político e para o jornalismo em geral: fidelidade “canina” (expressão cunhada pelo jornalista Mino Carta) à verdade factual, espírito crítico e fiscalização do poder onde quer que ele se manifeste. Ações na justiça e textos críticos de análise do comportamento da “velha mídia” fazem parte de escaramuças, pequenos e grandes combates travados cotidianamente por esses profissionais. Luis Nassif foi processado pela revista Veja e

---

<sup>25</sup> Ver entrevista no Anexo 2.

<sup>26</sup> Ver entrevista de Luis Nassif, no Anexo 2.

Ricardo Noblat processado pelo senador Renan Calheiros (PMDB-AL).

**Eduardo:** (...) Qual você acha que deve ser o papel do jornalismo político com relação ao poder?

**Noblat:** O jornalismo político deveria ser... Aliás, “o” jornalismo – seja político ou não - ele deveria ser, ou pelo menos eu enxergo (assim), um instrumento de fiscalização do exercício do poder em qualquer nível. Eu só entendo o jornalismo como o exercício da crítica permanente. Eu acho que estamos muito distantes disso, cada vez mais distantes disso. E não só aqui, em toda parte.<sup>27</sup>

**Eduardo:** E o papel do jornalismo político com relação ao poder, fiscalizar etc?

**Nassif:** Ah, não tem.

**Eduardo:** o jornalismo político deve analisar ou só noticiar?

**Nassif:** Veja bem, uma coisa que eu sempre critiquei quando estava na Folha é o seguinte: você passou a ter uma competição entre os jornais e entre os colunistas. E essa competição enveredou por um caminho de um populismo fantástico. Muito (por) influência dos âncoras de rádio e televisão, mas por um populismo fantástico. O cara... Acontece um fato qualquer lá... Em vez de o sujeito... O cara... Você tem que ficar acima do leitor. Se o leitor está indignado, tem um conjunto de dúvidas, você tem que entender o que está acontecendo e passar para o leitor essa visão. Em vez disso, você passou a praticar o populismo jornalístico. Então, o leitor está indignado (e) o jornalista em vez de ir lá tentar explicar, entender e explicar para o leitor criticamente, ele fica indignado como um leitor comum.<sup>28</sup>

Luís Nassif, em seu blog, publicou uma série de reportagens, iniciada em dezembro de 2007, chamada de “O caso de Veja”, que serão analisados mais abaixo, descrevendo o processo que levou a revista semanal a se tornar o que chamou de “maior fenômeno de anti-jornalismo dos últimos anos” e publica constantemente posts com análises econômicas e políticas envolvendo diretamente o que chama de “velha mídia”.

Esses jornalistas-blogueiros (e seus colegas de profissão Mino Carta e Paulo Henrique Amorim) têm em comum o fato de não terem sido totalmente assimilados pela grande mídia em função de suas posturas profissionais e escolhas políticas, ou por escaramuças com poderosos de ocasião. Ricardo Noblat ficou desempregado após um confronto com o governador Joaquim Roriz, nas eleições de 2002, quando o político concorria à reeleição. Após oito anos como Diretor de Redação, desenvolvendo com sua equipe o chamado “Projeto

---

<sup>27</sup> Ver entrevista no Anexo 2.

<sup>28</sup> Ver entrevista de Luis Nassif, no Anexo 2.

Correio”, Noblat transformou um “inexpressivo diário chapa-branca num dos melhores e mais premiados jornais do país”<sup>29</sup>. A realidade do poder em Brasília fez com que esse projeto e a carreira do jornalista no jornal fossem encerrados naquele momento.

Luis Nassif saiu da Folha de S. Paulo, onde esteve por mais de 10 anos com sua coluna “Dinheiro Vivo” e participou do Conselho Editorial, após a mudança de linha editorial (e política) do jornal que mais recentemente tem se comportado como uma espécie de apêndice da linha editorial da revista Veja. Até dezembro de 2008 tinha participação em programas jornalísticos da TV Cultura (estatal ligada ao Governo de São Paulo), mas não teve seu contrato renovado para 2009.

A busca pela liberdade de ação e trabalho dentro de padrões que considera minimamente aceitáveis para a produção de um jornalismo politicamente responsável e eticamente comprometido com valores e critérios próprios da atividade jornalística, fez com que Luis Nassif encontrasse na Internet (portal e blog) o caminho para continuar a defender seus princípios no cotidiano da profissão. Luis Nassif aponta imensas possibilidades abertas pela internet, que considera o início da democratização da informação.

Com o fim da ditadura e a livre manifestação da opinião pública, vimos os meios de comunicação, nos anos 80/90, assumirem o papel de protagonistas e de grandes articuladores da cena política, com grandes tiragens e debates significativos se sucedendo e envolvendo boa parte dos leitores (NASSIF, 2003). O poder de manipulação se manifestou amplamente nesse período. Nassif constata o ocaso desse período “áureo” da imprensa no surgimento das novas

---

<sup>29</sup> Uma série de artigos foi publicada no Observatório da Imprensa na época sobre a saída de Noblat do Correio Braziliense (DF), e pode ser acessada a partir deste link: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/al201120021p.htm> (acessado em 20/03/2010).

tecnologias de informação e comunicação (NASSIF, 2003). A cena atual mostra a imprensa perdendo espaço e o controle da informação.

A pesquisa em comunicação e política tem nos perfis e posturas dos jornalistas mencionados (e de seus colegas Mino Carta e Paulo Henrique Amorim) um campo de desenvolvimento de estudos e investigações que alia o conhecimento dos meandros da mídia e sua relação com a política e a cultura, com a atuação desses atores políticos do jornalismo no espaço público e na organização do debate político democrático.

Como jornalistas-blogueiros, são caracterizados como figuras híbridas do jornalismo, que marcam a transição de um modelo de jornalismo tradicional, vinculado a estruturas de poder e hierarquias determinadas pela posição dos jornalistas e suas empresas nas redes que constroem a cadeia produtiva dos negócios da comunicação, para uma nova posição na esfera informativa (GOMES, 2004) que lhes permite o exercício da liberdade de expressão e o contato constante com o público, através da mediação dos comentários enviados a seus blogs por leitores<sup>30</sup>.

O intercâmbio com o leitor, no blog de Luis Nassif (principalmente) chega à colaboração e publicação de posts e comentários enviados por internautas, que por sua vez são comentados pelo próprio jornalista-blogueiro e por outros internautas num processo que

---

<sup>30</sup> Para conhecer uma pesquisa que analisou interações e influências mútuas entre leitores e jornalistas, ver, de Maria A. de Lima Wang e Maria Eliza Mazzilli Pereira “Influências mútuas e diversidade na interação jornalista-leitor em um blog”, trabalho apresentado no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, GP Cibercultura, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, 4 a 7 de setembro de 2009.

Uma importante contribuição metodológica para análises de blogs, suas mensagens e interatividade foi produzida em pesquisa realizada pelos autores e está disponível no artigo “Metodologia de pesquisa de blogs de política: análise das eleições presidenciais de 2006 e do movimento 'cansei' “, publicado na Revista de Sociologia e Política por Marcelo Burgos Pimentel dos Santos, Cláudio Luis de Camargo Penteado e Rafael de Paula Aguiar Araújo. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782009000300012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782009000300012&script=sci_arttext), (acessado em 22/03/2010).

podemos chamar de interativo, no sentido atribuído ao termo por Nestor García Canclini (CANCLINI, 2008). O desenvolvimento e a utilização de ferramentas digitais (por jornalistas e por não jornalistas), as novas tecnologias de informação e comunicação e suas apropriações, no marco da sociedade informacional, inserem essa transição porque passam o jornalismo e os jornalistas em conflitos e jogos de poder que situam essas figuras híbridas, e suas contradições, no processo de constituição e exercício das relações de poder radicalmente transformado no novo contexto social e tecnológico originário do auge das redes digitais de comunicação. Esse contexto demanda novos enfoques para compreender o poder na sociedade em rede, especificando a estrutura e a dinâmica da comunicação nesse novo contexto histórico (CASTELLS, 1999, 2003 e 2009).

Começaremos a apresentação e análise dos perfis dos jornalistas-blogueiros e de seus blogs, por Ricardo Noblat, dentre os (quatro) jornalistas-blogueiros estudados o que mais diretamente posta comentários e notícias de política em seu blog. Noblat pode ser caracterizado como um profissional dedicado e apaixonado pela política.

## **Ricardo Noblat e seu blog**

A carreira jornalística de Ricardo Noblat conta já com mais de 40 anos de exercício profissional, principalmente como repórter e cronista em diversos veículos, atuando com ênfase na cobertura política, mas não só. O blog do jornalista completou seis anos em março de 2010 e foi criado 2 anos após sua demissão do Correio Braziliense (em outubro de 2002, após oito anos atuando como diretor de redação do jornal, ver nota 29, acima). Como sempre gostou de política, mesmo antes de ir para Brasília, o jornalista decidiu fazer um blog de política enquanto arranjava um emprego na mídia convencional<sup>31</sup>.

Inicialmente com apenas uma coluna (post) semanal, o blog publica hoje cerca de 30 posts diariamente (entre zero e vinte e quatro horas) e é considerado uma ótima fonte para jornalistas e políticos. Hospedado primeiramente pelo portal IG (2004/2005), depois pelo Grupo Estado (em 2005 e 2006), atualmente (2007/2009) está vinculado ao jornal O Globo, do Rio de Janeiro. O blog acabou se transformando numa atividade de trabalho para o jornalista e, pelo menos, um repórter. Até seus filhos participaram, em determinado momento, dos trabalhos do blog como repórteres. Além disso, vários colaboradores publicam artigos, charges e ilustrações nesse espaço.

O perfil jornalístico de Ricardo Noblat aparece no blog em um link situado na parte superior, à direita, da tela (“Perfil do Noblat”). Sua trajetória inicial de militante político de esquerda é mostrada, inicialmente, em paralelo com os primeiros passos no jornalismo, numa crônica que apresenta o jovem interessado pelos fatos políticos como espectador da cena

---

<sup>31</sup> Ver entrevista dada ao autor desta tese, em 4 de junho de 2008, no Anexo 2.

política, desde o golpe militar de abril de 1964 até a primeira eleição de Lula (2002). Como repórter de política, colunista, redator e diretor de redação, a trajetória profissional de Ricardo Noblat é resenhada ao lado de fatos e circunstâncias políticas que marcaram a sociedade brasileira e aparecem, na crônica, como pano de fundo para a perplexidade (aparente) da personagem construída no texto. O mote do texto é “e eu que pensava que já vira tudo!”.

Jovem estudante secundarista de 15 anos, Noblat assiste à deposição e prisão de Miguel Arraes, na cidade de Recife, em março de 1964. Quatro anos depois (1968), como estudante de jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, Ricardo Noblat é preso em Ibiúna durante o congresso da proscrita União Nacional dos Estudantes. Como repórter (revista Manchete) o jovem jornalista vê Gregório Bezerra, líder comunista, ser libertado em Recife (setembro de 1969) para integrar o contingente de quinze presos políticos que seria trocado pelo embaixador norte-americano seqüestrado no Rio de Janeiro.

No momento seguinte, temos o profissional de jornalismo acompanhando e registrando a história política do Brasil, como repórter-jornalista-espectador, passando pela prisão no DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) do líder sindical metalúrgico Lula, em 1981 (Noblat era assistente de redação de Veja nesse momento); pela contemporização com a radicalização e as ameaças ao processo de abertura política – e a saída de cena constrangida, pelos fundos do Palácio do Planalto, do último general-presidente do regime originado do golpe militar de 64, João Batista Figueiredo (Noblat acompanha esse último fato como chefe de redação do “Jornal do Brasil” em Brasília) e pela perplexidade com que o país recebeu a notícia, em março de 1985, de que Tancredo Neves seguira para um hospital doze horas antes de tomar posse, e acompanhou o velório do presidente eleito pelo Colégio Eleitoral, no Palácio do Planalto, um mês depois.

Noblat acompanharia, também, a euforia com o Plano Cruzado e o governo Sarney, em fevereiro de 1986 e, um ano depois, foi testemunha da tentativa de apedrejamento do Presidente José Sarney, no Rio de Janeiro, após o fracasso do plano econômico. O jornalista acompanhou a construção da imagem de Collor junto ao imaginário popular, e publicou artigos no “Jornal do Brasil” em que chamava o político de “farsante”. Demitido cinco dias depois da posse de Collor, não acompanhou a agonia e o fim de seu governo, pois trabalhava em Angola nesse período.

Em 1994, vê uma “preciosa fonte de informação dos jornalistas” (Fernando Henrique Cardoso) ser eleita Presidente da República e deixar de ser fonte. O período de oito anos no poder do sociólogo coincide com o período em que esteve à frente da diretoria de redação do Correio Braziliense. Nesse período desenvolveu o que ficou conhecido como “Projeto Correio”, modernizando um jornal que era considerado alinhado ao governo (“chapa-branca”), e fazendo a que foi considerada uma das melhores reformas gráficas da imprensa brasileira. No final de 2002, em conflito com o governador Joaquim Roriz e parte da direção dos Diários Associados (proprietários do jornal), o jornalista foi demitido. Na Bahia, como diretor de redação do jornal “A Tarde”, assistiria à eleição e início do governo do metalúrgico que viu preso no DOPS na década de 80. Voltaria a Brasília, 11 meses depois, para “acompanhar de perto a experiência de um governo de esquerda governar pela direita”. Nesse momento, em março de 2004, inicia a construção do blog que é apresentado nesta tese.

Os leitores (internautas) podem inserir comentários aos posts e notícias (clipping) publicadas pelo jornalista-blogueiro e, em certo sentido, controladas pelo moderador. Os comentários (de análises a xingamentos mútuos entre os leitores, cujos nomes são substituídos por apelidos) são acessados para leitura ao pé de cada mensagem. As mensagens variam de



reproduções de trechos de notícias de jornais (clipping), artigos e comentários, a comentários de Ricardo Noblat sobre os fatos, principalmente políticos, do momento.

Na entrevista que concedeu ao autor desta tese<sup>32</sup>, o jornalista-blogueiro aponta momentos em que posts sobre outros temas são publicados para se contrapor a períodos de “calmaria na política”. Para isso criou seções e espaços para artigos no blog tais como: “Cartas de...” (em que colaboradores escrevendo de cidades européias como Paris, Barcelona ou Estocolmo registram suas impressões sobre o cotidiano da cidade e seus habitantes); “Obra-Prima do Dia” (Maria Helena Rubinato, abaixo apresentada, disserta sobre objetos e obras de arte), charges de Néó Correia (geralmente de ataques ao governo ou à pessoa do Presidente Lula; algumas de notório mau gosto); “Música do dia” (um texto apresentando a música e o artista e uma indicação para o ícone Estação Jazz & Tal, em que Ricardo Noblat disponibiliza músicas para serem ouvidas enquanto se lê o blog) ou “Hora do Recreio”, um vídeo do site YouTube com conteúdos como músicas (em geral Jazz e MPB), um comercial antigo ou algo “engraçado”.

Navegar pelo blog não é difícil. Como é usual nesse tipo de publicação eletrônica, as mensagens são postadas em ordem decrescente de data e hora. As mais recentes acima e as mais “antigas” abaixo. Para ler, o navegante (internauta) deve descer o cursor ou a barra de rolagem da página. As mensagens são arquivadas por períodos semanais e estão disponíveis para acesso. Acaba-se lendo o blog como sua apresentação sugere: um registro diário de comentários e notícias exposto à curiosidade pública, claro, dos que possuem acesso à internet e cadastro no portal (no caso de O Globo) e curiosidade sobre o tema das mensagens: política, comentários políticos, artigos de análise política, fotografias, obras e objetos de arte

---

<sup>32</sup> Ver Anexo 2.

(apresentações feitas por uma senhora chamada Maria Helena Rubinato Rodrigues de Souza, que é filha de João Rubinato, mais conhecido como Adoniran Barbosa; essa senhora, freqüentadora assídua do blog e ferrenha comentadora, tecendo críticas conservadoras à política brasileira – em especial ao presidente Lula, acabou convidada por Noblat para publicar seus textos sobre arte e convencida por ele a criar seu próprio blog<sup>33</sup>).

O blog de Ricardo Noblat também é veículo para previsões e análises de cientistas políticos, como Lúcia Hippolito (que tem colunas diárias na rádio CBN, participa eventualmente do Programa do Jô, na TV Globo, e criou um blog hospedado no portal de O Globo, que pode ser acessado através de link encontrado no lado superior esquerdo da tela do blog), desabafos e, por vezes, julgamentos apressados do próprio jornalista-blogueiro.

A inclusão de assuntos, temas e matérias jornalísticas de outros veículos (geralmente impressos) obedece a critérios subjetivos do jornalista-blogueiro. Assim, o que o jornalista considera relevante, a partir de apuração própria da notícia ou do que colhe em outros blogs, sites ou jornais, e o que considera de interesse do leitor é inserido no blog. O jornalista-blogueiro afirma<sup>34</sup> que ainda se comporta, nesse sentido, como se estivesse na direção de redação de um jornal. Isso lhe traz acusações de alinhamento a um ou outro lado do espectro ou da situação política. A interpretação fica a cargo do leitor que, em princípio, vem em busca de informações e análises sobre a esfera de decisões, conflitos, estratégias próprios da política, do jogo do poder, e se depara com uma mediação que seleciona, destaca e hierarquiza o que acaba entrando no horizonte do conhecimento desse mesmo leitor (GOMES, 2008, 183).

---

<sup>33</sup> Ver a apresentação do blog feita por Ricardo Noblat em [http://oglobo.globo.com/pais/noblat/post.asp?t=5-anos-blog-de-maria-helena&cod\\_post=170389](http://oglobo.globo.com/pais/noblat/post.asp?t=5-anos-blog-de-maria-helena&cod_post=170389), acessado em 21/03/2009.

<sup>34</sup> Ver entrevista no Anexo 2.

É verdade que, atuando como uma espécie de agregador do noticiário político produzido pelos principais jornais e revistas de circulação nacional, acrescentando a esse noticiário, pontualmente, comentários próprios ou análises de cientistas ou comentaristas políticos, as interpretações oferecidas atendem à demanda de informação e análise, e à expectativa quanto ao conteúdo, desse mesmo público.

A agilidade que o blog possui, com comentários em cima dos fatos que estão ocorrendo, leva a julgamentos apressados, geralmente, feitos por parte dos leitores comentadores. Noblat também “avança” nas análises e, em certos momentos, é cobrado por uma minoria de seus leitores. Não se deve esquecer que blog é uma espécie de diário exposto à curiosidade dos freqüentadores do ciberespaço. Então, os pensamentos, valores e posições ali expressos devem ser analisados à luz do fato de que uma pessoa (o jornalista-blogueiro) é responsável pelo que ali está escrito.

Porém, pelo fato de o jornalista ser contratado pela empresa que publica o portal e jornal O Globo, juridicamente os vínculos e responsabilidades estão delimitados em contrato específico. No caso de publicar um comentário que fira a legislação, quem responde na justiça, em eventual processo, é o jornalista-blogueiro. A responsabilidade, então, estende-se ao que os leitores escrevem em seus comentários: o moderador (o próprio Noblat ou um colaborador que ele só veio a conhecer pessoalmente dois anos depois de estar trabalhando para o blog, do Rio de Janeiro) chega a comentar os textos mandados pelos leitores nos comentários, com alertas sobre o uso de termos depreciativos, ilações e ataques aos políticos e demais personalidades públicas, e riscos de processos judiciais que esses ataques trazem<sup>35</sup>.

---

<sup>35</sup> Após suspensão pelo Supremo Tribunal Federal da Lei de Imprensa aprovada no regime militar (1969), contudo, a 9ª Vara Criminal de Porto Alegre recusou queixa-crime apresentada por um colunista político, que se disse ofendido por textos publicados em um blog. No momento só é possível processar criminalmente o autor da ofensa e não o responsável pelo blog. Ver <http://knightcenter.utexas.edu/blog/?q=pt-br/node/1999>.

As regras sobre os comentários enviados são claras quanto a eliminar comentários que configurem crime (calúnia, difamação e injúria), contenham palavrões, insultos, agressões verbais, ofensas e baixarias, tenham cunho comercial ou sejam repetitivas na mesma nota. O blog não aceita a postagem de “links” (acessos) nos espaços dos comentários (seja para outras páginas da internet, vídeos etc). Sobre as regras, Noblat escreveu em 20/02/06 – 10h15min: “... cansei de ser tolerante com o desrespeito às poucas regras que devem orientar os comentários neste blog. Pedi aos que me ajudam na tarefa de monitorar os comentários que sejam mais rigorosos na aplicação das regras. E eu passei a ser. Se não funcionar, adotarei o mesmo modelo dos blogs hospedados no UOL (Universo On-line; portal do grupo Folha) e no Globo Online – só para citar alguns: os comentários só irão ao ar depois de lidos por um moderador.” Foi o que efetivamente ocorreu posteriormente.

A mensagem do jornalista sobre as regras de utilização e participação dos leitores no blog é clara e inequívoca: haverá seleção (censura prévia?) de mensagens e eliminação das mensagens que ele e seus colaboradores julgarem em desacordo com suas próprias regras. Cai por terra, portanto, a imagem de total liberdade que um blog, expondo pensamentos de seu autor e comentários de seus leitores, sugere. O fator subjetivo estará sempre presente no julgamento das mensagens e comentários enviados. De qualquer maneira, o leitor-comentarista tem um espaço para reclamar, através de e-mail enviado para o moderador, à disposição em link do próprio blog.

Percebe-se nitidamente que, com o tempo e a predominância de comentaristas com determinado perfil ideológico, o moderador passou a ser complacente com críticas ao governo e ao Presidente Lula e mais, digamos, rigoroso com reações de defesa do governo e do Presidente mais agressivas. Mesmo assim, certo espírito de torcida de futebol (contra e a

favor, ferrenhamente) prevalece em parte dos comentários. Muitos comentaristas chegaram a ter seu cadastro suspenso por tempo indeterminado por conta de comportamentos mais agressivos e comentários que não respeitaram as regras do blog. Claro, isso deve ser relativizado, pois as regras são quebradas constantemente. Predomina um público com um perfil ideológico mais à direita nesse blog, e o jornalista-blogueiro parece trabalhar para manter cativo esse público. Aliás, como todo e qualquer veículo da mídia, os blogs também estão preocupados com a audiência, que lhes garante patrocínio, leitores e prestígio.

Na página inicial do blog surge a pauta do dia, composta de textos e comentários políticos do jornalista, trechos de notícias e “links” para matérias jornalísticas selecionadas pelo blogueiro (Noblat, estagiários ou jornalistas contratados). Em momentos especiais, como período eleitoral ou acentuação da pauta de “crise política” pela mídia em geral, os comentários do jornalista são mais frequentes. No dia-a-dia, o jornalista publica uma espécie de “clipping” com trechos das notícias já publicadas e “links” para a fonte original (geralmente portais dos jornais Folha de S. Paulo, O Globo, Estado de São Paulo, revistas Veja – principalmente, Época – do grupo Globo, eventualmente Istoé e, raramente, Carta Capital). Esse material constitui a maioria dos posts publicados no blog.

Há uma seção de artigos de jornalistas, analistas políticos (entre eles, Bruno Lima Rocha, Merval Pereira, Ruy Fabiano e Murillo de Aragão), políticos, advogados etc. Figuram, ainda, entre os colaboradores do blog nomes como os de Joaquim Falcão (advogado), Carlos Tautz (jornalista) Cristovam Buarque (senador pelo PDT-DF), Demóstenes Torres (senador pelo DEM-GO) José Dirceu (advogado e dirigente político), Antonio Carlos Panunzio (Deputado Federal pelo PSDB-SP) e Leonardo Boff (teólogo e escritor), dentre outros. Há também uma seção de entrevistas concedidas aos repórteres do blog (seu filho Gustavo

Noblat, estagiários e jornalistas contratados) ou a outros veículos jornalísticos – transcritas e arquivadas para acesso e leitura de leitores, pesquisadores etc. Os entrevistados são políticos, jornalistas, magistrados, economistas, intelectuais, cientistas políticos etc. Na tela do blog é possível acessar a “última coluna do Noblat” através de um link que remete à página do jornal O Globo onde ela é publicada. O acesso só é franqueado a assinantes do jornal.

Há sempre uma enquete sobre temas políticos da conjuntura, cujos resultados, após uma ou duas semanas de consulta, são publicados em posts. Cada visitante vota apenas uma vez, pois o IP (identificação do computador) fica registrado no momento do voto. As enquetes não possuem valor estatístico, mas indicam as preferências e posições políticas dos frequentadores do blog.

Como já dissemos mais acima, é possível ouvir música enquanto se navega pelo blog, ao que parece, para aliviar a tensão gerada pela leitura, “a quente”, dos comentários e notícias postados. Especialmente em momentos de crise política, real ou fabricada. Há que se atentar para o fato de que a tensão da crise, e o clima gerado em torno do fator gerador da crise (sejam denúncias, desastres naturais, epidemias, demissões de autoridades do governo, corrupção, blecautes ou simplesmente um fato isolado ampliado por sua repercussão), em parte, decorrem do comportamento da mídia. E o blog contribui para alimentar a tensão, uma vez que é utilizado como fonte e veículo por políticos em Brasília, no Congresso Nacional. A oposição tem utilizado as informações e comentários do próprio Noblat nos ataques feitos nas sessões plenárias do Congresso, nas Comissões Técnicas e nas CPIs (Comissões Parlamentares de Inquérito).

A grande oferta de informação política, devido à proximidade com o poder em Brasília, requer do jornalista habilidade para administrar o fluxo de dados, separando informações de boatos, amizades de fontes, fatos de versões, respondendo ao mesmo tempo às “numerosas lealdades no exercício da profissão” (MARTINS, 2005). Ricardo Noblat, nesse aspecto, demonstra profissionalismo e experiência suficientes para justificar suas escolhas políticas e jornalísticas. Mas, falávamos de música...

O acervo musical do jornalista (“mais de oito mil músicas divididas em cinco canais: música brasileira, música americana, música de filmes, música de Tom Jobim, e o canal que toca tudo misturado.”) está à disposição dos leitores para pedidos de músicas. Pela manhã, o blogueiro posta a música do dia. Ao acessar o link para a música, o leitor aciona o programa de reprodução de áudio de seu computador e pode ouvir a música enquanto lê as mensagens e envia seus comentários.

A seção “Desabafe” permite ao leitor/navegador que escreva, depois de devidamente cadastrado (ou seja, identificado), sobre o que quiser, levando em conta as seguintes observações: “Neste espaço, jogue fora tudo que o incomoda. Sem pesar a mão, por favor”.

A seção Biblioteca contém crônicas, discursos, documentos, editoriais, frases das eleições de 2006, histórias exemplares (poucas), notas oficiais, memórias do blog e reportagens. A seção Coberturas Especiais contém desde a série intitulada “Diário de avô” (publicada antes e depois do nascimento de sua primeira neta, Luana), a cobertura da posse (que não houve) de Tancredo Neves, até a “Crônica de uma derrota anunciada: a escolha de Alckmin para enfrentar Lula (outubro/2006)”. Na seção chamada Especial, em novembro de 2009, havia a cobertura das eleições presidenciais: “Relembre a cobertura completa da eleição

que mudou o Brasil”. Na seção “Vale à pena acessar” estão links para blogs e sítios sobre política, humor, esportes, notícias, fotografias etc, recomendados por Noblat.

Atualizando sua cobertura em outras mídias, o blog do Noblat pode ser seguido no Twitter e acessado pelo celular (navegação por internet). É oferecido, também, acesso a notícias do blog, via mensagens de SMS, a R\$0,10 por notícia, duas vezes por dia (valores de março de 2010). O Twitter, no universo do micro-blogging, nada mais é do que uma versão diminuída do blog, em que o internauta emite mensagens de até 140 caracteres. No Twitter de Ricardo Noblat, a maioria das mensagens remete a links para o próprio blog.

“Publicações do Noblat” é uma seção que remete o leitor a livros e artigos de Noblat disponíveis para “download”. Há dois livros inteiros do jornalista disponíveis, diversos artigos (sobre temas tais como: jornalismo, terrorismo, eleições 2002, Governo Lula, reportagens diversas e uma entrevista de Gilberto Freyre concedida a Noblat, publicada na revista Playboy de março de 1980), duas reproduções de resenhas e capas de livros: “O que é ser jornalista” – Editora Record, 2006 e “A arte de fazer um jornal diário” – Ed. Contexto, 2002. Neste último a relação de capítulos é a seguinte: A crise dos jornais. A procura de um novo modelo capaz de sobreviver à revolução provocada pela internet. Como apurar bem uma notícia. Como escrever bem. O jornalismo e a ética.

Por estar “hospedado” no portal do jornal O Globo, o blog apresenta links para as publicações e demais blogs e sites do jornal e para a “última” coluna do jornalista no jornal impresso. Do blog podem ser acessados os blogs dos jornalistas Miriam Leitão (economia), Ancelmo Gois (Rio, variedades), Patrícia Kogut (sobre televisão) e Moreno (política). Na barra superior do blog estão os acessos a seções do portal O Globo e a publicidade do dia. Na



barra inferior, o acesso ao histórico do blog até março de 2004 (início das postagens do blog). Mais abaixo, créditos da empresa proprietária da página com a seguinte advertência: “Todos os direitos reservados a Infoglobo Comunicação e Participações S.A. Este material não pode ser publicado, transmitido por broadcast, reescrito ou redistribuído sem prévia autorização”.

## **Eleições 2006**

O fator político-ideológico influenciou diretamente na preponderância de comentários negativos ao candidato e ao governo do Presidente Lula, durante o período eleitoral, acompanhado de julho a outubro de 2006. Tanto comentários e posts do jornalista, quanto de seus leitores. O tipo de leitor-comentarista, sua origem social e sua postura política determinaram a preponderância do tom negativo nos posts e comentários de Noblat nesse período. A moderação não privilegiou o equilíbrio entre comentários positivos e negativos.

De uma maneira geral, durante a conjuntura eleitoral de 2006, especificamente no período da campanha eleitoral (julho a outubro), o blog do Noblat teve um comportamento muito semelhante ao da pauta jornalística dos veículos da grande mídia (jornais, rádio e televisão). Não poderia ser diferente, uma vez que o próprio jornalista Ricardo Noblat já havia declarado, em texto publicado no Observatório da Imprensa,<sup>36</sup> que lê os seis jornais que assina, ouve a rádio CBN, assiste à Globo News, Jornal Nacional, Tvs Senado e Câmara, "a depender do dia e da hora". Dos jornais, costuma reproduzir e comentar as notícias "mais relevantes".

---

<sup>36</sup> O que um blog pode ensinar, disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=314ENO002> (acessado em 26/11/09).

Na busca da credibilidade e da transparência, Tíscar Lara<sup>37</sup>, pesquisadora da Universidade Carlos III, de Madrid, acredita que os jornalistas que se utilizam da forma blog possam construir uma imagem diferente daquela que lhes proporciona a imprensa tradicional. Esse espaço complementa algo que falta ao profissional da imprensa, possibilita a ampliação de limites que o jornalismo anônimo e submetido a regras e manuais de redação não é capaz de superar.

Como construção, e não como reflexo do mundo ou “espelho da sociedade”, um blog ligado a um portal de mídia, na visão da pesquisadora, acrescenta, no máximo, o foco ou olhar do jornalista ao espectro de reflexão oferecido ao leitor. Esse foco, como não poderia deixar de ser, é subjetivo. Nesse sentido, verificamos que a cobertura das eleições presidenciais de 2006 pelo blog do Noblat só fez reforçar em seus leitores a visão conservadora e negativa que a maioria desses leitores já possuía a respeito do governo e do candidato Lula, bem como sua preferência pelo candidato da coligação PSDB-PFL, Geraldo Alckmin:

Porque todos já temos umas posições (políticas) mais ou menos definidas, e compramos só o meio (veículo) de imprensa que nos fala o que nós queremos escutar. E com os blogs acontece algo parecido. Há pessoas que navegam (...) porque querem ler o que escrevem (...), e navegam (...) para insultar os comentários. E ao contrário, há pessoas que estão mais definidas (politicamente), e navegam em outro site para ver como “torpedear” o que se escreve ali. Ou nem sequer se dão a esse trabalho. Praticamente lêem só a “sua” informação, que lhes reforça as opiniões. Como está ocorrendo com a rádio, a imprensa etc.<sup>38</sup>

A relação do blog com seus leitores e comentadores é mediada por moderadores que, em princípio, deveriam ater-se ao cumprimento das regras que o próprio jornalista prescreveu para aceitação de comentários. No entanto, a livre expressão de pensamentos é parcialmente tolhida, uma vez que existe a possibilidade de bloqueio de usuários a partir de ações dos moderadores e de Ricardo Noblat, como ele mesmo deixou claro em entrevista publicada no

---

<sup>37</sup> Entrevista realizada em 23/01/2007 na Universidad Carlos III, Madrid, Espanha

<sup>38</sup> Idem.

## Observatório da Imprensa:

(...) Os comentários entram e são lidos depois de publicados. Se houver algum comentário que fira as regras do blog, os moderadores simplesmente o eliminam ou, se for o caso, bloqueiam o usuário. Se for adotada essa medida mais radical, de bloqueio, somem todos os comentários que aquele usuário tiver feito no blog. Tudo que ele já postou a qualquer tempo. É a pena máxima. (...) Todo dia gente se cadastra, todo dia gente é bloqueada. Tem um moderador de 9 às 14h. O outro pega às 16h e deveria ir até a meia-noite, mas como é um aficionado pelo blog vai até 3, 3 e pouco da manhã.<sup>39</sup>

Esses colaboradores quase anônimos (de um deles, Noblat diz ser um advogado do Rio de Janeiro que ele só veio a conhecer depois de dois anos trabalhando em comum), atuando como moderadores, poderiam ser responsáveis em boa medida pelo predomínio dos comentários negativos e pela própria quebra das regras do blog, uma vez que xingamentos e impropérios dirigidos ao candidato Lula eram freqüentes no período analisado. E em maior número (e de baixos qualificativos) do que os dirigidos ao candidato Alckmin.

Em seguida, apresentamos alguns exemplos da ênfase dada pelo jornalista nos posts e comentários publicados ao longo da campanha eleitoral:

**05/07/06** – “Lula está bem de vida” – o post dá detalhes até do tipo de aplicação financeira, e em que instituição bancária o candidato Lula aplicou seu dinheiro. O post visava informar sobre a declaração de bens do candidato ao Tribunal Superior Eleitoral.

**05/07/06** – “Governo investe menos do que diz” – reprodução de nota do jornal O Estado de São Paulo, apontando que havia discrepâncias entre os números indicados pelo governo e os investimentos efetivamente realizados. A nota dizia que no governo FHC as

---

<sup>39</sup> Entrevista/Ricardo Noblat: como fazer – e manter – um blog político; por Larissa Moraes em 30/10/2006, IN: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=405ENO001> (acessada em 23/03/2010).

discrepâncias eram menores (em torno de 11%).

**19/07/06** – “Porque o homem está bem nas pesquisas” – reprodução de matéria do jornal O Globo sobre a queda no preço da carne (até 26,7%) e do frango (23,6%).

**19/07/06** – “Helô conquista campanha de Alckmin” – nota de Ricardo Noblat sobre a reação dos coordenadores da campanha de Geraldo Alckmin, que naquele momento comemoravam o crescimento da candidata Heloísa Helena apontado nas pesquisas dos institutos Vox Populi e Datafolha, e a perspectiva de que aquele crescimento impedisse a vitória de Lula no primeiro turno das eleições de 2006.

**16/08/06** – “Oposição quer explicações de Okamoto” – reprodução de matéria do jornal Folha de S. Paulo sobre o pagamento de uma dívida do presidente Lula pelo presidente do SEBRAE na época, Paulo Okamoto. A matéria explora contradições entre declarações do presidente e de Paulo Okamoto, e a estratégia de PSDB e PFL para resgatar “um dos temas mais polêmicos da crise política”.

**30/08/06** – “Aposta no Bolsa Família” – reprodução de nota do site “Contas Abertas” falando numa “corrida para ampliar o número de beneficiados pelo Bolsa família” em “ritmo acelerado”: os pagamentos teriam aumentado 56% “em apenas um mês”.

**13/09/06** – “TCU aprova relatório que denuncia governo” – reprodução de nota da Folha on-line sobre relatório que apontava irregularidades na distribuição de cartilhas do governo. A nota mencionava Luiz Gushiken, responsável pela Secretaria de Comunicação do Governo do presidente Lula.

**20/09/06** – “De onde o dinheiro foi sacado” – o post fala da origem do dinheiro que seria utilizado para pagamento do (suposto) dossiê “montado pelo PT contra Serra”. O assunto foi largamente explorado pelo blog. O impacto do noticiário sobre esse (suposto) dossiê levou a eleição presidencial para o segundo turno.

**20/09/06** – “De mensalão e de mensalinho” – o post menciona nota fiscal de empresa de Freud Godoy, “segurança de Lula por 17 anos”, emitida para a agência de publicidade de Marcos Valério - SM&B, “uma das estrelas do escândalo do mensalão”. O jornalista sugere como pauta de investigação para seus colegas jornalistas um suposto pagamento de “mensalinho” ao segurança do presidente.

**5/10/06** – “Sem limites” – post de Ricardo Noblat apontando como comportamentos do presidente Lula a mobilização de “17 ministros para que o ajude na caça de votos”, liberação de verba orçamentária para obras e pagamentos de dívidas e ordens à Polícia Federal para “que apresse o fim do inquérito sobre um escândalo que lhe custou apoios no primeiro turno”.

**11/10/06** – “Que maldade” – reprodução de nota do portal G1 (TV Globo) sobre choro da candidata derrotada Heloísa Helena no Senado. A senadora reagia a imagem montada em que aparecia seminua na capa da revista Playboy que estava circulando pela internet. Heloísa Helena atribuía a divulgação da imagem ao PT, por não ter apoiado Lula no segundo turno das eleições. Chamava os responsáveis pela distribuição e o presidente Lula de “vagabundos”.

**11/10/06** – “Apoio em troca de R\$ 3 bilhões” – o post do jornalista associa a liberação

de recursos para o agronegócio, feita pelo presidente, ao apoio do governador de Mato Grosso (MT) à candidatura de Lula no segundo turno das eleições de 2006.

**11/10/06** – “ONG investigada é da filha do presidente, afirma pefelista” – reproduz matéria do jornal O Estado de São Paulo em que o líder do PFL no senado, Heráclito Fortes (PI), apontava a participação de Lurian (filha de Lula) e de “seu churrasqueiro preferido”, Jorge Lorenzetti, em ONG que teria recebido repasse de recursos do governo Federal.

**18/10/06** – “E tome boato...” – o post mencionava a agitação do mercado financeiro devido a “boatos de que jornais e revistas publicarão nos próximos dias reportagens capazes de reverter o favoritismo de Lula”. Os boatos falavam da origem do dinheiro arrecadado pelo partido do candidato Lula para “comprar à Máfia dos Sanguessugas o dossiê contra políticos do PSDB”.

**18/10/06** – “Fatura liquidada” – o post inicia uma análise sobre “a teoria preconceituosa de que Lula deverá sua provável reeleição ao Brasil mais pobre”. Aponta dados da última pesquisa Datafolha publicada naquele período que mostravam crescimento da candidatura Lula entre outros segmentos sociais e eleitores das demais faixas de renda. A conclusão do post é esta, e fala por si: “À falta da marca de batom na cueca de Lula capaz de despachá-lo para o inferno, essa eleição já era.”

**25/10/06** – “Blindagem de Lula” – post de Ricardo Noblat que informava que o sub-relator da CPI dos Sanguessugas teria evidências de que delegado da Polícia Federal teria feito “de tudo para afastar do Palácio do Planalto as investigações sobre a compra do dossiê contra José Serra (PSDB).” O sub-relator, Carlos Sampaio (PSDB-SP), afirmava que o

delegado contrariava, em seu relatório entregue à justiça de Mato Grosso, as testemunhas mais importantes do inquérito. Para o deputado, o objetivo era afastar a investigação do Palácio do Planalto (e, portanto, do presidente-candidato Lula).

**25/10/06** – “Com direito a tudo” – longo post do jornalista que enumera escândalos do governo Lula, articulações, comportamento e alianças do candidato, suas reações à mídia e, constatando que Lula estava a “poucos dias de ser reeleito”, falava da esperança do candidato de que a oposição “esqueça tudo que ocorreu até aqui e desista da idéia de disputar um terceiro turno”. O “terceiro turno”, segundo Noblat, não dependeria da oposição, mas sim da justiça, dos desdobramentos de ações e de denúncias que “venham a ser oferecidas pelo Ministério Público e pela Procuradoria Geral da República.” Mesmo assim, o jornalista não acreditava na hipótese de um “terceiro turno”, pois “meia dúzia de ministros do Tribunal Superior Eleitoral” não teriam coragem de “tomar de Lula um mandato conferido por mais de 50 milhões de eleitores”. Para Noblat, o governo fazia alarido em torno da idéia de um terceiro turno, apenas para acuar a oposição e, talvez, domesticá-la.

Apesar de se utilizar da forma blog - em tese mais propícia ao exercício da liberdade de opinião, o jornalista Ricardo Noblat, como profissional dedicado e disciplinado que é, seguiu o traçado clássico do compromisso com seus empregadores: apenas o que o jornalista decide é notícia; reproduzir, mesmo em pretensas análises independentes, o pensamento editorial da empresa; defender sempre o equilíbrio e a isenção (papel da mídia na democracia), mas, na prática, favorecer a candidatura e a posição política que a empresa jornalística apóia. Esse processo, entretanto, está sujeito às disputas próprias do jornalismo como sistema de relações, campo ou sistema, por prestígio, autoridade ou, o que pode ser equivalente, a credibilidade (GOMES, 2004, 54-55). O fato de que essas disputas acabam se

mostrando fora do “aquário” (MARTINS, 2008), à vista de leitores e jornalistas-blogueiros concorrentes, só faz reforçar as eventuais contradições que esse rico processo apresenta.

Da mesma maneira que a cobertura de jornais e revistas foi “contaminada” pelos editoriais e colunas políticas, o blog do Noblat fez uma cobertura das eleições presidenciais de 2006 contrariando os princípios de isenção e equilíbrio que deveriam ser norteadores do papel da mídia numa democracia. O blog manteve comportamento similar a jornais como Estado de São Paulo, Folha de S. Paulo, Estado de Minas, Jornal do Brasil e Correio Braziliense, e revistas Veja, Istoé, Época (a exceção, por ter declarado em editorial apoio ao candidato Lula, foi a revista Carta Capital)<sup>40</sup>: maior e mais negativa exposição do candidato e do Presidente Lula, favorecimento à candidatura Alckmin, neutralidade ou parcialidade positiva temporária com relação às candidaturas de Heloísa Helena e Cristovam Buarque.

Cabe registrar que, ao final da campanha do primeiro turno das eleições presidenciais de 2006, Ricardo Noblat declarou que iria votar em Cristovam Buarque. De todo modo, suas escolhas são coerentes com as declarações dadas pelo jornalista-blogueiro, em entrevista dada ao autor dessa tese, sobre as condições em que produz o conteúdo de seu blog: o jornalista-blogueiro alega não ter sido necessário consultar ninguém sobre o que publicou e publica (no Ig, no Estadão e, atualmente, no Globo), e não ter tido problema com relação a esse conteúdo. Se não sofre limitações para publicar, aparentemente, o que publica, e como publica, essas são maneiras de se inserir no debate político. Esse reconhecimento, no entanto, não se faz apenas de modo a indicar apenas a posição política ou ideológica do jornalista-blogueiro. Como vimos na abertura deste capítulo, o jornalista encara a relação entre jornalismo e poder

---

<sup>40</sup> Sobre o acompanhamento da cobertura que a mídia impressa fez dos principais candidatos a presidente da República nas eleições de 2006, ver JAKOBSEN, Kjeld, “A cobertura da mídia impressa aos candidatos nas eleições presidenciais de 2006”, (Lima, 2007, 31-64).



político e econômico de maneira crítica.

O jornalismo faz parte do status quo, e não quer que esse status quo mude, a não ser que ele mudar também, se favorecer também dessa própria mudança. (...) O jornalismo é isso, e é isso em toda parte. Ele faz parte da máquina, do aparelho do poder, de quem controla o poder, de quem exerce o poder. E ele caminha dentro disso, e se adapta às circunstâncias, mas ele jamais confronta isso. Ou as poucas experiências que você tem de confronto disso...**Eduardo: A menos que os (seus) interesses sejam contrariados.** É, mas não basta. Muitas vezes ele tem até seus interesses contrariados, mas... **Eduardo: Compõe.** Compõe, e não tem forças para confrontar, ou não ousa confrontar. Não é um fenômeno só nosso, é em toda parte. É cada vez mais. Principalmente devido à concentração da propriedade dos meios de comunicação, que é cada vez maior no mundo inteiro. Então cada vez você tem um número menor de donos de meios de comunicação. E cada vez mais meios de comunicação numerosos nas mãos de poucos donos. As grandes corporações estão tomando conta de tudo isso.<sup>41</sup>

## Luis Nassif e seu blog

---

<sup>41</sup> Ver entrevista no Anexo 2.

O jornalista Luis Nassif se apresenta em seu blog, hospedado no portal IG, como o introdutor do jornalismo de serviços e do jornalismo eletrônico no país. Iniciou suas atividades no jornalismo aos 13 anos, editando o jornal do grupo católico Gente Nova e, com 15, estagiou no Diário de Poços, de sua cidade natal, Poços de Caldas (MG). Estagiou e foi repórter de economia na revista Veja, nos anos 70. Em 1975 era responsável pelo caderno de finanças da revista. No Jornal da Tarde (Grupo Estado) atuou em 1979 como pauteiro e chefe de reportagem de economia. Criou naquele jornal a coluna "Seu Dinheiro" e o caderno "Jornal do Carro". Na Folha de S. Paulo, em 1983, criou a seção "Dinheiro Vivo" e o projeto do Datafolha. Na TV Gazeta, em 1985, criou o programa "Dinheiro Vivo", que deu origem à Agência Dinheiro Vivo, em 1987, a primeira empresa jornalística do país a trabalhar com informações em tempo real. Saiu da Folha no mesmo ano, retornando e atuando, de 1991 a 1996, como colunista de economia e membro do Conselho Editorial. Na verdade, entre idas e vindas, o jornalista atuou como colunista da Folha durante 17 anos, publicando seus textos com relativa independência. Saiu quando o clima tornou-se inadequado para ele, política e profissionalmente.

Em entrevista concedida ao autor desta tese<sup>42</sup>, o jornalista afirmou que desde 2003, com a criação do Projeto Brasil<sup>43</sup>, “a ideia era criar uma comunidade eletrônica para discutir políticas públicas.” O blog surgiu em 2006, articulado com o Projeto. Logo no primeiro post (30/05/2006, com o blog ainda hospedado no portal UOL), a estratégia de articulação entre as duas iniciativas ficou estabelecida, com discussões iniciadas no Projeto Brasil sendo publicadas no blog e discussões sendo alimentadas por explicações didáticas e os atores (leitores e especialistas filiados ao Projeto) contrapondo argumentos. Atualmente o blog está

---

<sup>42</sup> Entrevista realizada no dia 29/09/2008: ver Anexo 2.

<sup>43</sup> <http://www.projeto.br.com.br/web/guest/home> (acessado em 24/03/2010).

enlaçado (linkado) ao Portal Luis Nassif<sup>44</sup>, com fóruns de discussão de políticas públicas, espaço para participação da comunidade do Portal (com 9610 internautas inscritos em fins de março de 2010) no processo de “produção de conhecimento”, que é o mote do site (Portal). Especialistas em vários temas, principalmente políticas públicas, iniciam discussões de tópicos no Portal que são publicados e discutidos pelos leitores e comentaristas do blog. Esse processo garantiu a participação de um público diferenciado e atuante nos debates realizados no blog. A política é tema constante das discussões, predominando uma discussão e comentaristas, majoritariamente, favoráveis ao governo do Presidente Lula. O blog ganhou o Prêmio iBest de melhor blog de política em 2008. Luis Nassif foi o vencedor do Prêmio de Melhor Jornalista de Economia da Imprensa Escrita do site Comunique-se<sup>45</sup> em 2003, 2005 e 2008, em eleição direta da categoria.

O jornalista resistiu, inicialmente à ideia de criar um blog, mas rapidamente percebeu o potencial de visibilidade oferecido pela nova mídia, e a transformação porque passaria o exercício do jornalismo e o perfil dos jornalistas. A credibilidade perdida pela mídia tradicional, durante o processo eleitoral de 2006 (reeleição de Lula)<sup>46</sup>, ao coincidir com o que o jornalista-blogueiro chama de transição “para uma nova mídia” criou demanda para um público mais exigente, que percebeu a mudança de postura e o posicionamento político da “grande mídia”. As mudanças no padrão de financiamento (investimentos) e o padrão de negócios de comunicação no país, a influência que essas mudanças tiveram sobre as políticas editoriais também estão presentes em seu diagnóstico.

O blog é muito simples. Hoje eu tenho uma comunidade atrelada ao blog. O

---

<sup>44</sup> <http://blogln.ning.com/> (acessado em 24/03/2010).

<sup>45</sup> Ver <http://www.premiocomunique-se.com.br>.

<sup>46</sup> Vários autores desenvolveram uma análise do papel da mídia naquele processo eleitoral, um registro dos resultados do acompanhamento da cobertura jornalística e do debate sobre essa cobertura, que acabou por se tornar parte da agenda pública, em (LIMA, 2006).

que a gente faz é... Você dá visibilidade no blog. Eu estou agora alterando tudo lá, para montar um arquipélago de comunidades, inclusive trazer outras comunidades... A vantagem da internet é que... Não tem que ser “eu sou dono do pedaço”. Você pega os grupos que estão pensando de forma diferente, traz, junta, e dá visibilidade. E organiza o contraditório. Agora, o blog ele deu uma explosão nas eleições de 2006. **Eduardo: Você acha que aumentou a demanda?** Aumentou porque é o seguinte: ao mesmo tempo em que os blogs começavam a se firmar, houve uma profunda desmoralização da mídia escrita. Uma perda de credibilidade enorme. Você teve uma transição em vários jornais, (em) que eles perderam o rumo. Justo no momento da transição para uma nova mídia. Criou-se uma demanda para um tipo de público que não era atendido pela grande mídia. Ela ficou uniforme.<sup>47</sup>

(...) Os anos 80 e 90 foram marcados pela profissionalização. (...) No novo milênio, a crise dos jornais levou a uma mudança nesse cenário. Além da crise dos jornais, que se endividaram, houve uma mudança mundial na mídia. (...) A internet quebrou as barreiras nacionais. Os jornais não tiveram uma estratégia de inserção no mundo digital. Eles precisaram buscar parceiros e quem são eles? Os banqueiros de investimento, que acenam com alianças. São eles, hoje, que comandam grande parte das matérias. Estão com uma margem de poder inacreditável. Os jornais foram ficando frouxos, fechando os olhos. (...) Em 2006, a imprensa apostou na queda do governo e ficou desmoralizada. Perdeu credibilidade. Mas a imprensa tem movimentos pendulares. Entre 2002 e começo de 2003, foi a favor do Lula. Durante o governo FHC, o Lula também era protegido. Agora ela é contra. (...) Quando o jornalismo é usado como arma de batalha na formação de uma frente para derrubar o governo, todo o pensamento independente dos colunistas é eliminado. (...) O público estava desconfiado da radicalização da mídia quando os blogues surgiram explicando e dando um rumo. (...) Aquele corpo de colunistas, que eram como ilhas dentro de cada publicação, não existe mais. O medo se impõe. (...) Tem alguma coisa errada. Se você escreve só a favor ou só contra o governo, não influencia nada. Por que eu vou ler aquele cara se ele fala sempre a mesma coisa? Os jornais precisam de grandes estrategistas para estabelecer a pluralidade. Faz falta um Mino [Carta] dos anos 70 ou um Cláudio Abramo.<sup>48</sup>

Luis Nassif também é cronista, escritor e músico (bandolinista), com CD de chorinho gravado. Às terças-feiras, por volta das vinte horas e trinta minutos, costuma realizar com amigos músicos um sarau musical no Bar do Alemão (av. Antartica, zona oeste da cidade de São Paulo). Publicou “O jornalismo dos anos 90” (Futura, São Paulo, 2003) e “Os cabeças de planilha” (Ediouro, São Paulo, 2007). O jornalista, além de ter atuado como comentarista de economia no Jornal da Cultura, produzia e apresentava um programa chamado Projeto Brasil na TV Cultura de São Paulo, mas não teve seu contrato renovado com aquela emissora para 2009, fato que atribui a críticas feitas ao governador do Estado de São Paulo, José Serra, em

---

<sup>47</sup> Ver entrevista no Anexo 2.

<sup>48</sup> Entrevista concedida à revista Fórum, nº 60, março, ano 7, 2008, pp 10 a 12.

seu blog. Atualmente produz e apresenta um programa de conteúdo semelhante na TV Brasil, da Empresa Brasileira de Comunicação, chamado *Brasilianas.org*. Participantes da comunidade do Portal e comentaristas do blog enviam materiais e contribuições às pautas que o programa aborda. Essa interação põe em ação um movimento de colaboradores que envia sugestões e comentários, ajuda na produção do programa, comenta seus resultados no blog, incentivando a interatividade. Os vídeos com os programas já exibidos podem ser assistidos no blog ou no site YouTube.

O blog do jornalista é simples e possui informações e links visíveis e bem distribuídos ao longo da página. À esquerda estão os posts, o acesso à área de comentários (moderados pelo próprio jornalista que autoriza ou não sua publicação), links para compartilhar o conteúdo lido com redes sociais (entre elas Myspace, Facebook, Twitter) e para acessar a categoria em que o post foi classificado no blog. Os comentários, depois de publicados, podem ser respondidos por outros comentaristas. Luis Nassif comenta as intervenções dos leitores-internautas, interagindo, respondendo críticas ou fazendo observações, correções, advertências. Comentários ou intervenções dos participantes de fóruns de discussão do Portal Luis Nassif, e de leitores que enviam suas contribuições, são transformados em posts. E submetidos ao debate, ao contraditório, a argumentos a favor e contra.

(...) Eu acho a diversidade um elemento essencial. E essa diversidade significa o seguinte: se eu coloco uma opinião... eu não sou dono da verdade. (...) **Eduardo: Quando você fala de diversidade, na verdade é o contraditório.** É o contraditório. A diversidade tem dois aspectos aí. Um é essa questão do contraditório. Outro é a diversidade de temas também. Então nós conseguimos, por exemplo, dentro do blog lá, especialistas em Direito, especialistas em políticas estratégicas, especialistas em energia. Cada craque! (...) **Eduardo: É como se você tivesse uma redação ampliada.** É isso. Então, mas vamos pegar um ponto central dessa história. Por que ocorreu isso aí? Porque eu abri mão de ser dono da informação. Se você tem uma postura autoritária, você não cria iguais lá. Ali, desde o começo, eu fiz questão de enfatizar que temos uma comunidade, temos vários comentaristas, um dos quais é o blogueiro.<sup>49</sup>

---

<sup>49</sup> Ver entrevista no Anexo 2.

Do lado direito da tela do blog estão o perfil do jornalista-blogueiro, publicidade do portal IG, o motor de busca do blog, os tópicos recentes postados, o arquivo dos posts publicados no mês em curso, os arquivos dos meses e anos (organizados em ordem reversa do mês atual até setembro de 2005), as categorias em que os posts são classificados e disponibilizados para acesso (sobre as quais falaremos no próximo parágrafo), tags<sup>50</sup>, a lista de links recomendada pelo autor do blog, um link que oferece ao leitor a assinatura de feeds<sup>51</sup> e outro para a página do portal IG que permite ao internauta criar seu próprio blog.

As categorias em que os posts do blog são organizados para acesso no arquivo compreendem várias áreas informativas e do conhecimento: Cultura (Arquitetura, Artes Gráficas, Cinema, Costumes, Crônica, Fotografia, Poesia, Regional, Televisão, Vídeos do Dia – o jornalista-blogueiro sugere um tema e os leitores-comentaristas enviam vídeos para postagem); Diplomacia; Economia (Agricultura, Bioenergia, Cabeção – posts com críticas a economistas ou ao jornalismo de economia: a palavra alude ao título de seu livro “Os Cabeças de Planilha”, publicado em 2007, pela Ediouro; Coluna Econômica – reprodução, no blog, da coluna do jornalista publicada diariamente na página “Último Segundo” do portal IG, Consumidor, Crime, Crise, Energia, Logística, Matemática Financeira, Negócios e Novo Modelo –

---

<sup>50</sup> Tags são palavras ou pequenas frases que representam os tópicos mais relevantes que estão sendo tratados nos posts ou notícias. Cada tag tem um link que dá acesso aos posts onde esse tema foi abordado.

<sup>51</sup> Os feeds, também conhecidos como RSS feeds, XML feeds, conteúdo agregado, ou web feeds, possuem um conteúdo frequentemente atualizado e publicado por um site. Em geral, são usados por sites de notícias e blogs, mas também para distribuir outros tipos de conteúdo digital, incluindo imagens, áudios ou vídeos. Os feeds também podem ser usados para fornecer conteúdo em áudio (normalmente no formato MP3) que pode ser ouvido no computador ou em um MP3 player. É chamado de podcast. (fonte: suporte e ajuda do Windows).

posts e tópicos de discussão de várias áreas da economia envolvendo inovação, políticas públicas, experiências e empreendimentos); Esportes (Futebol e Xadrez); Fora de Pauta – os leitores sugerem temas para postagem, enviam comentários, vídeos ou imagens que passam por seleção do jornalista-blogueiro e são publicados como posts; Gestão (Cidades e Corrupção); Gestão Pública (Licitação); História (Brasileira); Justiça; Meio Ambiente; Mídia (Blogs – links para matérias ou posts de outros blogs, sobre comportamento nessa mídia, concursos etc e Publicidade); Música (Bossa Nova, Choro, Erudita Brasileira, Erudita Internacional, Jazz, MPB, Pop, Rádios Virtuais e Violão); Política (Eleições, Internacional, Movimentos Sociais e Novo Mundo); Políticas Sociais (Educação, Fome, Habitação, Previdência, Saneamento, Saúde, Segurança, Terceiro Setor e Trabalho); Religião; Sem Categoria – posts que não se enquadram nas demais categorias ou assuntos de repercussão limitada; Side Bars 1, 2 e 3 – abaixo do link para comentários é possível compartilhar o post lido em redes sociais, agregadores de blogs e outras ferramentas) e Tecnologia (C&T, Ciência, Defesa, Internet – notícias e posts técnicos e discussões políticas, Software e Universidade).

Uma categoria, em especial, chama a atenção: Em Observação. Em 20 de agosto de 2009, Luis Nassif publicou um post explicando as razões de adotar o procedimento de colocar “em observação” determinados posts ou comentários:

20/08/2009 - 19:51

**Em observação**

Os Blogs têm um dinamismo que, muitas vezes, exige uma estrutura maior para poder conferir dados, apurar versões etc. Com o processo interativo, muitas vezes coloco um tema, sem ter ainda uma opinião formada. Depois, os comentários, as visões divergentes ajudam a formar um consenso. Nesse

aprendizado constante sobre a nova linguagem, às vezes se tropeça. (...). No pano de fundo, essa questão da construção do conhecimento. É um processo rico, mas que só se completa ao final de uma batelada de comentários e discussões. Antes disso, são versões apresentadas, apenas um lado da questão. Mas como iniciar a discussão sem ter o ponto de partida, a primeira versão? Por isso, a partir de agora, sempre que colocar um tema que carece de discussão para ser aprofundado, em cima estará um “Em Observação” – para que não parem dúvidas sobre o processo de discussão em curso.<sup>52</sup>

Ao ampliar as possibilidades de interação entre emissores e receptores da informação, os blogs tornam mais estreita a relação de comunicação, o que não ocorre nos veículos da mídia tradicional. Como arena virtual de debate, o blog cria possibilidades de interação que vão ao encontro dos interesses de leitores exigentes e críticos (SANTOS, PENTEADO, ARAÚJO, 2009). Como profissional que construiu sua credibilidade na mídia convencional, na migração para o novo formato jornalístico onde atua, também, neste momento, o jornalista-blogueiro passa a compartilhar com seus leitores o processo de produção da informação, tratamento crítico da notícia e apuração do conteúdo jornalístico a ser publicado no blog. A independência (relativa) com que o blog produz informações, ao largo das grandes empresas ou grupos de comunicação, é um patrimônio que precisa ser preservado. A responsabilidade jornalística (aliada à credibilidade) é responsável pelo reconhecimento e filiação do público ao blog (CUNHA, 2006).

De certa maneira, ao definir o “ponto de partida” de uma discussão que visa compartilhar a responsabilidade pela apuração e construção da informação, o jornalista-blogueiro incentiva a interação discursiva horizontal e a apropriação desse processo pelos participantes envolvidos na construção

---

<sup>52</sup> Ver a íntegra em <<http://colunistas.ig.com.br/luisnassif/2009/08/20/em-observacao/>> (acessado em 25/03/2010).



coletiva de debates políticos (ALDÉ, 2006). No jornalismo online, a interação entre leitores e jornalistas era limitada. Os primeiros sites jornalísticos limitavam-se ao hipertexto, levando os internautas a escolher caminhos de seu interesse e percorrendo seus próprios percursos dentre as notícias. Tal procedimento, contudo, previa a escolha entre alternativas disponíveis a priori, caracterizando o que foi chamado de interação reativa. O surgimento da Web 2.0 propiciou uma mudança de foco, da publicação para a participação, que valorizou os espaços para a chamada interação mútua: o diálogo, o trabalho cooperativo e a construção coletiva do comum (PRIMO, Alex, in: SPYER, 2009, 21-22).

No jornalismo feito pelos blogs essa interação parece ser ampliada, pois permite ao leitor participar de forma efetiva do meio. Alguns diários digitais tentam propiciar a interação, mas, na verdade, limitam-se a oferecer apenas algumas alternativas para o internauta escolher. Na internet, no entanto, pode ocorrer a troca de dados e a interdependência (...) é bastante explorada pelos blogs jornalísticos, onde a fonte passa a prescindir da audiência com seus comentários, suas contribuições e até suas críticas.<sup>53</sup>

Um trabalho desenvolvido pelo jornalista Luis Nassif em seu blog, que marcou sua postura crítica em relação ao jornalismo e à mídia, foi a série de artigos que ficou conhecida como “O Caso de Veja: estilo neocon, política e negócios”<sup>54</sup>. Esse dossiê com 24 artigos, publicado em capítulos no blog de Luis Nassif durante o ano de 2008, descreve o que o jornalista caracterizou como o “maior fenômeno de anti-jornalismo dos últimos anos”. Sobre esse trabalho jornalístico, Nassif foi ouvido em várias oportunidades na imprensa e em sites como o Observatório da Imprensa, manifestando suas razões:

(...) Primeiro, para demonstrar que, com a Internet, cessou o predomínio das grandes publicações. É possível, mesmo sem

---

<sup>53</sup> (QUADROS, ROSA e VIEIRA, 2005, 9-10).

<sup>54</sup> Disponível em <<http://sites.google.com/site/luisnassif02/>>, acessado em 20/03/2009.

ter um grande órgão da imprensa tradicional por trás, mobilizar pessoas para esse trabalho cooperativo, de disseminar informações. É o verdadeiro trabalho em rede, no qual – graças à Internet cada pessoa dá sua colaboração, pegando as informações e levando para seus círculos de conhecidos. Segundo, para que essa rede, formada nesse período, ajude a dar visibilidade a essas reportagens que passo a publicar. (...) Não será um desafio fácil. Estaremos enfrentando o esquema mais barra-pesada que apareceu na imprensa brasileira nas últimas décadas. E montado em cima de um tanque de guerra: uma publicação com mais de um milhão de exemplares. Tenho convicção de que a força do jornalismo e do trabalho em rede permitirão decifrar o enigma (...)<sup>55</sup>

Apresentando e analisando as causas do que chamou de “deformação editorial” da revista, e a piora do ambiente midiático, o jornalista-blogueiro aponta para decisões políticas e articulações com grupos financeiros feitas pelas empresas de mídia descapitalizadas após a desvalorização do Real (1999) como os fatores que levaram publicações como Veja, Folha, Estado e outros a apostarem na polarização política, correndo o risco da perda da credibilidade, formando uma frente contra o governo Lula (em especial, de 2005 em diante). A crise das empresas jornalísticas revelou a fragilidade desses grupos, que adotaram como saída a associação com a mídia internacional ou bancos de investimento (como Opportunity e Pontual). A entrada desses grupos modifica a gestão das empresas e deixa clara a falta de visão estratégica dos “homens da mídia” para sobreviver num ambiente de competição. Soma-se a esse processo o surgimento de novas mídias e o fato de que, em plena era da informação (Internet, blogs, sites, interatividade etc), o modo de produção jornalístico ter continuado o mesmo dos anos 1970 (LIMA, 2007, 149-158).

---

<sup>55</sup> Ver “Luis Nassif vs Veja”, disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=472ASP007>>, acessado em 22/03/2010

Como um dos nós da rede onde se estrutura o poder na contemporaneidade, as redes de meios de comunicação necessitam interagir para obter sua quota de participação no exercício do poder, e para isso é importante que desempenhem papéis de protagonismo (ou de forte influência) na constituição de redes políticas, onde o poder se distribui em distintos níveis da relação entre Estado e sociedade. Esse processo passa não só pela atuação da mídia propondo (e, em certo sentido impondo) temas para a agenda política, através da construção da agenda midiática, mas, na circunstância apontada acima, de polarização política, atuando como criadora e intérprete de uma agenda pública.<sup>56</sup>

O que a atuação do grupo Abril e sua revista, assim como o comportamento das empresas de mídia no Brasil contemporâneo, ilustram, é um processo passível de análise através do instrumental teórico fornecido por Manuel Castells (2009).

(...) La política mediática es el mecanismo fundamental por el que se accede al poder político y al diseño de políticas. (...) No obstante, los propietarios de los medios de comunicación no son quienes diseñan y establecen los programas políticos. Tampoco son meros transmisores de las instrucciones de los programas. Ejercen el poder de controlar el acceso (*gatekeeping*) y formatean y distribuyen los programas políticos según sus intereses concretos como organizaciones mediáticas. Es decir, la política mediática no es sólo la política en general, ni tampoco es la política de los medios: es el interfaz dinámico entre las redes políticas y las redes de medios de comunicación.<sup>57</sup>

Em nível global, a concentração da mídia em grandes grupos é um processo característico do atual modelo econômico. Antes de tudo, os grupos de mídia são empresas, negócios. A regra fundamental, nesse empreendimento

---

<sup>56</sup> (SAMPEDRO, 2000, apud ZARAGOZA, 2006).

<sup>57</sup> (CASTELLS, 2009, 543).

não difere das que se apresenta em qualquer tipo de negócio: ganhar dinheiro. A par disso a transformação tecnológica – a cultura digital, a revolução digital, é uma característica marcante do mundo da comunicação contemporâneo. É com esse desafio que se defronta a mídia tradicional, ou “mídia velha”, no dizer de Luís Nassif. Como traduzir ou apresentar em novo formato, na Internet, o conteúdo dos jornais e da TV, a tempo de sanar o déficit de tiragens e audiência que se afirma cada vez mais<sup>58</sup>?

Os riscos de uma opção política (qualquer uma) pelas redes de meios de comunicação dependem do êxito dessa opção. E a perda da neutralidade e do que restar de credibilidade é consequência dessa opção. Isso tem implicações sobre a competição pela audiência. Se, mesmo assim, uma empreitada ideológica, que envolve a perda do profissionalismo, por exemplo, na seleção de jornalistas por critérios políticos, se mantém, há que ponderar os riscos de perda de competência e poder na definição de agendas, de piora nos resultados financeiros (publicidade privada e oficial, investimentos de empresas etc), o que corresponde a um alerta nada desprezível a ser levado em conta (CASTELLS, 2009, 547-548). De qualquer maneira, ao optar por constituir uma frente política ou propor a pauta da oposição, a mídia pode ter sucesso junto a seu público por um bom período de tempo e em determinado contexto político. Isso, geralmente, leva a “imprensa partidária” a sofrer perdas no mundo dos negócios, principalmente se o princípio do equilíbrio da cobertura política for rompido. Esse processo não é automático e as relações entre redes políticas e redes de comunicação, Estado e Sociedade, na era da

---

<sup>58</sup> Ver <<http://colunistas.ig.com.br/luisnassif/2010/03/19/os-desafios-do-jornal/#more-52106>> acessado em 20/03/2010.

informação, na sociedade em rede, envolvem atores, interesses e valores que estabelecem suas estratégias de poder, e a construção de significados na “mente pública”, através da conexão entre essas redes (CASTELLS, 2009, 551).

Como dificilmente o modelo de negócio em vigor e a opção política da mídia em países como o Brasil mudarão em curto prazo, é possível que venhamos a assistir à perda do monopólio da informação por grupos de empresas de mídia, paralelamente ao crescimento do uso das ferramentas digitais, no âmbito das novas tecnologias de informação e comunicação, para a produção de informação e divulgação de conhecimentos. Nesse sentido, o jornalista-blogueiro Luis Nassif pode ser citado como exemplo de profissional que, ao arriscar-se apresentando-se à blogosfera, teve sucesso recuperando nesse espaço aberto de produção e divulgação de informação, notícias, análises e conhecimento, o equilíbrio, a credibilidade e o profissionalismo no exercício do jornalismo. Para tanto, o exercício da autonomia, do espírito crítico e de novas maneiras de conduzir o debate político surgem como atributos indispensáveis.

O enfrentamento (se há enfrentamento) não é entre o indivíduo jornalista-blogueiro e poderosos meios de comunicação. O que está em jogo é a sobrevivência de certo tipo de jornalismo em um contexto (a sociedade em rede) em que as escolhas políticas e profissionais dos jornalistas e das empresas de mídia serão constantemente postas à prova por leitores, internautas e espectadores capazes de questionar, criticar, debater e produzir

mensagens, conteúdo, informação. E esse processo não depende da plataforma de comunicação onde se produz jornalismo, mas sim da qualidade de jornalismo que se produz.

(...) Una cosa es la prensa o la televisión como medio de comunicación. Otra es la plataforma, quer sea en papel, o sea digital. Aquí claramente la tendencia es que la plataforma de comunicación sea cada vez más digital. Desde este punto de vista, yo diría que lo importante no es tanto la preservación de la prensa escrita como tal, sino de la prensa y del periodismo profesional. Y aquí el periodismo tiene, hoy en día, sea televisión, sea radio, sea prensa, tiene dos elementos que todavía son la gran ventaja comparativa: la credibilidad y la profesionalidad. Es decir, hay enormes cantidades de información en Internet, pero la gente tiende a creer lo que surge de un medio mucho más responsable, que en principio son los grandes medios de comunicación. (...) Ahora, en la medida en que los medios pierdan credibilidad, en la medida en que sus informaciones no sean contrastadas o censuren informaciones que la gente le interesa... si pierden credibilidad, lo pierden todo. Porque es la única ventaja real que tienen con respecto a internet.<sup>59</sup>

---

<sup>59</sup> Manuel Castells, entrevista a Mayte Pascual (TVE – mediateca, programa Informe Semanal, 27/11/2009), disponível em <<http://www.rtve.es/mediateca/videos/20091127/entrevista-sociologo-manuel-castells/638711.shtml>> (acessado em 15/03/2010), ver transcrição da íntegra da entrevista no Anexo 3.

## **Capítulo 3**

### **A ironia e a crítica da “mídia nativa” e do PIG – Partido da Imprensa Golpista**

#### **Mino Carta e Paulo Henrique Amorim**

##### **Mino Carta e seu blog**

O jornalista Mino Carta completará 60 anos de atividade jornalística em 2010. Iniciou sua vida profissional em 1950 (nasceu em 1934, na cidade de Gênova, Itália), como correspondente, no Brasil, do jornal romano Il Messaggero, cobrindo a Copa do Mundo, no Rio de Janeiro. Regressou à Itália em 1956 para trabalhar em um jornal de Turim. No exterior, trabalhou ainda nas publicações Times, L'Express e Der Spiegel. Instalou-se definitivamente no Brasil em 1960, ano em que fundou, para a Editora Abril, a revista Quatro Rodas. Até hoje não sabe dirigir automóveis, apenas jornalistas.

O jornalista criou, para o grupo Estado, o Jornal da Tarde (1966), a revista Realidade (1966), para a mesma Editora Abril, a revista Veja (1968), como sócio de Domingos Alzugaray na Encontro Editorial a revista IstoÉ (1976), o Jornal da República (1979) e a revista Carta Capital (1994), da qual é Diretor de Redação. Publicou dois romances

parcialmente autobiográficos, *O Castelo de Âmbar* (Record, 2001) e *A Sombra do Silêncio* (Francis, 2003), e o livro *Crônicas da Mooca: com a benção de San Gennaro* (Boitempo, 2009). O primeiro romance é escrito na primeira pessoa e dialoga com o jornalismo e a realidade política do Brasil, mostrando o percurso profissional e sentimental de Mercúcio Parla, alterego literário do jornalista.

Enquanto *O Castelo* é uma obra escrita na primeira pessoa porque é uma coletânea de documentos, papéis perdidos, de rascunhos do tal Mercúcio, o segundo (*A Sombra do Silêncio*) é escrito na terceira pessoa porque olha a personagem mais de longe. E, no fim, Mercúcio sou eu mesmo. Comecei a escrever por uma questão muito mesquinha. Estava muito irritado com o livro do Mário Sérgio Conti, *Notícias do Planalto*, que falseia fatos que dizem respeito à minha vida, porque ele preferiu ouvir o patrão dele (Roberto Civita), que é um dos pulhas mais refinados que já apareceram por aí. Mas além disso, também falseou a História do País, atribuindo aos jornalistas a criação do fenômeno Collor. Collor foi criado pelos patrões donos da *Veja*, na qual ele trabalhava e que inventou o slogan “o caçador de marajás”. Aí, eu quis escrever o primeiro livro, que tem no centro uma figura chamada Mercúcio Parla num país que não existe, num tempo que você não sabe qual é, mas que carrega boa parte das minhas experiências pessoais e boa parte da História do Brasil, que acompanhei de perto.<sup>60</sup>

Mino Carta conta, em vários textos publicados em *Carta Capital* e na entrevista concedida ao autor dessa tese<sup>61</sup>, como teve que inventar o próprio trabalho, após ter se demitido de *Veja* e saído de jornais dos grupos *Folha* e *Estado*, porque politicamente, nesses veículos, a margem de manobra era mínima. O jornalista tem uma margem de criação maior em sua revista, e vê a mídia compactamente unida, defendendo os piores interesses, “aqueles da minoria branca, para usar a expressão do Cláudio Lembo.”

Dentre as várias afirmações polêmicas feitas pelo jornalista em entrevistas, depoimentos ou registradas em artigos e editoriais, a de que a imprensa brasileira, a “mídia

---

<sup>60</sup> Entrevista concedida a Francisco Ucha e Marcos Stefano para o *Jornal da ABI* (Associação Brasileira de Imprensa), agosto de 2008.

<sup>61</sup> Ver Anexo 2.



nativa”, como costuma rotular os meios de comunicação do país, é a pior do mundo<sup>62</sup> é, sem dúvida, a mais categórica de todas. Para sustentar essa afirmação, seu discurso é ilustrado com fatos de sua vida profissional e posturas adotadas por empresários (patrões) da mídia com que trabalhou durante sua longa e bem sucedida carreira profissional. Um desses fatos Mino Carta afirma que será relatado em um livro de memórias de Karlos Rischbieter, presidente da Caixa Econômica Federal durante o governo Geisel (1974-1979).

Trata-se da saída do jornalista da direção de redação de *Veja*, motivada, segundo o jornalista, por ter Geisel condicionado a liberação de um empréstimo de US\$ 50 milhões (valores de 1976) da Caixa Econômica para a Editora Abril para consolidar dívidas da Editora com instituições financeiras internacionais. O empréstimo seria realizado com garantias aceitáveis pela instituição estatal. Porém, o caráter político do empréstimo ficou claro porque *Veja*, no período, passava por severa censura. Era tratada como um inimigo do regime militar. A necessidade da aprovação do empréstimo pelo general-presidente fez o processo parar na Presidência.

Ele tinha ódio de mim e acho que estava certo, porque no fundo penso que era um panaca, irascível, bestalhão monumental, como a maioria dos generais nativos e talvez dos generais do mundo afora. O General Geisel tinha ódio e proibiu o empréstimo para a Editora Abril. (...) Rischbieter conta que tentou falar com o General Golbery e ele disse não poder entrar nessa questão e ainda que ia lavar as mãos. (...) Saí da *Veja* porque não era somente diretor de Redação, mas fazia parte do board da Editora Abril, era uma das seis pessoas que funcionavam na direção da empresa, no conselho diretor da empresa. Eu passei a dizer que valho mais do que Jesus Cristo, porque Cristo foi comprado por 30 dinheiros e eu por 50 milhões de dólares da época. (...) <sup>63</sup>

Para registrar sua postura e escolhas que o movem na profissão, Mino Carta, que um

---

<sup>62</sup> “Digo que o Brasil tem a pior mídia do mundo. Ela é muito ruim, incompetente, priva pela ignorância, pela vulgaridade, pelo distanciamento e pela falta de responsabilidade.” Entrevista concedida ao portal AOL, reproduzida em <<http://www.piratiniga.org.br/entrevistas/minocarta-abril2004.html>>, acessada em 21/2/2009.

<sup>63</sup> Entrevista concedida a Francisco Ucha e Marcos Stefano para o Jornal da ABI (Associação Brasileira de Imprensa), agosto de 2008.

dia pensou em ser santo, tornou-se pintor com mostras no Brasil e no exterior, e acabou jornalista por influência familiar e talento, reforça alguns valores e princípios que adquiriu ao longo do tempo e da prática profissional. Aqui, o jornalista fala pela boca do personagem de seu romance *O Castelo de Âmbar* (CARTA, 2001), Mercúcio Parla:

Jornalistas como ele conhecem de cor e salteado a gravidade da sua empreitada e a cumprem com ceticismo na inteligência e otimismo na ação, reservando-se o direito de manterem aceso o espírito crítico, como lâmpada votiva. Homens de muita fé, certamente, porque dispostos a viverem hora a hora uma contradição brutal - uma tragédia. Trata-se de fiscalizar o poder, controlá-lo, criticá-lo, denunciar os seus abusos e mazelas. Mas as empresas jornalísticas gravitam na órbita do poder, são o próprio poder.

Mino Carta, à moda aristocrata, chama de “sabuços de redação” os jornalistas que constroem, diariamente, representações e situações que tornam óbvia a indisposição da mídia com o governo e a figura do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva durante o período de exercício do poder por aquele político (2003-2010), ideia única em torno da qual giram os tais “sabuços”.

Indagado pelo jornalista Geneton Moraes Neto sobre quais conselhos daria ao jovem Mino Carta, de 20 anos, caso ele, por um truque dramático, lhe aparecesse e indagasse sobre a natureza do jornalismo, o jornalista respondeu: - Tenho três mandamentos, além da crença de que é fundamental respeitar o texto e não aviltar a língua. Os três mandamentos para um jornalista são os seguintes: primeiro, a fidelidade canina à verdade factual. Segundo: o exercício desabrido do espírito crítico – sempre. Terceiro: fiscalizar diuturnamente o Poder, onde quer que se manifeste – não somente no Palácio do Planalto ou no Congresso<sup>64</sup>. Na entrevista concedida ao Jornal

---

<sup>64</sup> Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto, postada em 18 de março de 2004, disponível em

da Associação Brasileira de Imprensa, Mino Carta expôs mais detalhadamente os conceitos que perpassam esses princípios, ao ser indagado sobre se haveria alguma lacuna a ser preenchida em sua carreira, pois já havia lançado Carta Capital, após ter criado tantas outras publicações importantes:

Ela (Carta Capital) não pretendeu suprir nenhuma lacuna. Apenas praticar o jornalismo. Ponto. Tal jornalismo baseia-se em três conceitos básicos. O primeiro é o respeito pela verdade factual. Eu estou tomando uma coca-cola, esse é um copo, isso é um óculos, isso é uma mesa, isso é um telefone, essa é a verdade factual. Se eu sou simpático ou não, se a coca-cola é uma bebida válida ou não é outro assunto; mas é coca-cola e eu sou o Mino. O segundo é o exercício desabrido do espírito crítico, para o bem ou para o mal. Porque a crítica não é necessariamente negativa. O verbo criticar assume frequentemente essa conotação, esse significado, mas isso está errado. Criticar é postar-se diante da vida. Você se expõe. Aí sim, no uso do espírito crítico você manifesta o seu pensamento. É não ter medo de manifestá-lo. Não ter receio de se expor. Finalmente, o terceiro é a fiscalização do poder, onde quer que ele se manifeste. Seja político, seja econômico, ou qualquer outro. Mesmo na cultura. (...) <sup>65</sup>

A contragosto, o jornalista criou um blog, o Blog do Mino, cujo subtítulo era “direto da Olivetti”. O blog esteve disponível para acesso dos leitores-internautas em dois períodos: de trinta de agosto de dois mil e seis a dezoito de março de dois mil e oito (30/08/2006 a 19/03/2008), hospedado no portal IG, no endereço <<http://blogdomino.blog.ig.com.br/>> e de sete de outubro de dois mil e oito a quatro de fevereiro de dois mil e nove (7/10/2008 a 4/02/09), no endereço <<http://www.blogdomino.com.br/>>. O primeiro período de exposição e publicação do blog no portal IG foi encerrado pelo jornalista-blogueiro em solidariedade a Paulo Henrique Amorim, que teve o contrato com o portal rompido unilateralmente, seu blog (Conversa Afiada) desativado, computadores lacrados, impedido o acesso a seus arquivos, sua produção

---

<<http://www.geneton.com.br/archives/000027.html>> acessada em 28/03/2010.

<sup>65</sup> Entrevista concedida a Francisco Ucha e Marcos Stefano para o Jornal da ABI (Associação Brasileira de Imprensa), agosto de 2008.

intelectual no portal quase destruída e sua equipe impedida de entrar no edifício do IG em São Paulo, no dia 18 de março de 2008. O post de encerramento da primeira fase do blog recebeu 1211 (mil duzentos e onze) comentários. Muitos leitores-comentaristas se solidarizavam com os jornalistas e elogiavam Mino Carta pelo gesto de apoio ao amigo e companheiro de profissão.

19/03/2008 12:54

O último post

Meu blog no iG acaba com este post. Solidarizo-me com Paulo Henrique Amorim por razões que transcendem a nossa amizade de 41 anos. O abrupto rompimento do contrato que ligava o jornalista ao portal ecoa situações inaceitáveis que tanto Paulo Henrique quanto eu conhecemos de sobejo, de sorte a lhes entender os motivos em um piscar de olhos. Não me permitirei conjecturas em relação ao poder mais alto que se levanta e exige o afastamento. O leque das possibilidades não é, porém, muito amplo. Basta averiguar quais foram os alvos das críticas negativas de Paulo Henrique neste tempo de Conversa Afiada.<sup>66</sup>

Como foi dito no parágrafo anterior, criar e alimentar com posts um blog nunca foi o desejo do jornalista. Prefere, para elaboração dos seus textos, as “velhas tecnologias”, em especial a Olivetti (modelo Linea 88), uma máquina de escrever que o acompanha há tempos. A aversão à tecnologia em geral é patente, estendendo-se a ferramentas como computadores, alvo da ironia do jornalista. Os textos para o blog eram datilografados nessa máquina pelo jornalista-blogueiro e passados para uma “solerte” secretária, Mara Lúcia da Silva, com quem trabalha há mais de 20 anos e, só então, digitados e passados para um dos “escravos” do jornalista, companheiros de redação, encarregados de publicar os posts e as respostas de Mino Carta aos comentaristas do blog. Ao ser indagado sobre qual a motivação para a criação

---

<sup>66</sup> Ver <<http://blogdomino.blog.ig.com.br/>>.

do blog, o jornalista assim respondeu:

**Mino Carta:** (riso) Como eu lhe disse de saída, a minha relação com essas tecnologias novas é muito específica, muito especial, muito peculiar. Eu só sei bater à máquina. Por exemplo, não uso computador. Bato à máquina e forneço o resultado a uma solerte secretária; esta, que me acompanha a vinte anos, e que passa para o computador (o que escrevo). Ela sim trata o aparelho com grande desembaraço. Eu não chego nem perto do computador, porque tenho medo do computador. Tenho realmente um pavor de que ele me engula. Na verdade, esse vídeo do computador é uma bocarra, pronta a me mastigar. E acho que muita gente já foi mastigada e não percebeu. Eu, por mim, nunca faria um blog. Atendo a insistentes pedidos, da Redação, da empresa que publica Carta Capital, e por isso acabei fazendo um blog que teve a duração de um ano e “lá vai pedrada” (30/08/2006 a 19/03/2008), porque depois eu saí do IG em solidariedade a Paulo Henrique Amorim. Agora meu blog vai voltar. Aliás, amanhã, exatamente dia 7 de outubro, eu recomeço... **Eduardo: eu vi o anúncio no blog do Paulo Henrique Amorim.** ... porque eu fui instado de forma peremptória e até levemente agressiva, sempre pelos mesmos, para que eu volte a fazer o meu blog. (...) E aí... nada, é o que eu farei amanhã. Significa o quê, basicamente? Que aqui eu vou batucar nessa minha Olivetti, vou passar para a moça, a moça vai passar para os blogueiros e os blogueiros vão impingir, vão obrigar as pessoas eventualmente interessadas a se impacientarem com as minhas besteiras. É isso, basicamente. **Eduardo: Então a motivação foi mais editorial, visando alguma forma de divulgação do seu trabalho e da Editora?** Mas meu trabalho eu faço... Realmente não faço nenhuma questão... Não, faço questão de fazer o meu trabalho em Carta Capital. Isso sim, é claro. Este é o meu trabalho. Agora, o blog eu dispensaria tranquilamente. Eles acham que é bom para Carta Capital, é bom para a nossa editora se eu tiver um blog. Então eu tenho um blog. Mas dispensaria com absoluta tranquilidade. Até, confesso, com um certo apreço, uma simpatia, apreciaria que me dispensassem.<sup>67</sup>

Muitas empresas jornalísticas brasileiras (jornalismo impresso, rádios e televisões) produziram manuais de conduta para seus profissionais. Algumas os fornecem aos leitores interessados através de edições que dão acesso ao público a critérios, princípios e modos de apuração e produção de notícias. O mérito dessas iniciativas, que resumem boa parte da experiência e do cotidiano das redações, da organização e produção de notícias, análises ou

---

<sup>67</sup> Ver Entrevista concedida ao autor dessa tese em 6 de outubro de 2008 no Anexo 2.

comentários, é prevenir os profissionais quanto às tentativas de sedução e cooptação, apresentando casos concretos e dúvidas pontuais sobre a relação dos profissionais com suas fontes e, especificamente no jornalismo político, com a relação entre os jornalistas e as instituições do poder. Tais manuais podem fornecer boas desculpas para recusar propostas ou convites ambíguos sem se parecer indelicado (MARTINS, 2005). Formalmente, em princípio, alguns problemas éticos estariam resolvidos se as normas previstas fossem seguidas. Contudo, a formalização de regras ou princípios para a produção de um jornalismo “isento” não simplificam o trabalho e a organização em torno da produção da informação. No universo da profissão, e no exercício cotidiano do jornalismo, os profissionais se deparam com situações que levam a escolhas entre as várias lealdades a que respondem simultaneamente. A relação com as fontes, os colegas, a categoria, os superiores, a empresa que os emprega, a própria carreira e a sociedade são aspectos que se complementam ou estão em harmonia, mas interesses, conflitos, ambiguidades, pressões e cooptação surgem para colocar à prova a capacidade dos jornalistas de colocar acima de todas as demais lealdades a lealdade à sociedade e ao seu direito de receber informação fidedigna, correta e isenta (MARTINS, 2005).

A coerência com os princípios que Mino Carta afirma como os fundamentos do jornalismo (político inclusive), e sua defesa cotidiana, além do teste da prática diária da profissão, a experiência vivida, foram levados do cotidiano da redação para o blog que conduziu nos períodos acima discriminados. A discussão sobre a ética jornalística, princípios, deontologia,

valores, direitos que envolvem o jornalismo e a comunicação não são objeto deste trabalho, mas o registro da postura do jornalista-blogueiro se faz necessário, uma vez que foi característica de sua atuação no blog, durante o curto período de sua existência. Em vários momentos, como reafirmação ou base para comentários da realidade política e cultural, seus “três mandamentos” eram reapresentados. A audiência do blog, composta basicamente de leitores simpáticos ao estilo e ao conteúdo da revista Carta Capital, e a suas escolhas políticas, compartilhava com o jornalistas esses valores e, nos comentários, era comum haver manifestações de apoio, ou exemplos envolvendo a reação dos leitores a posturas da mídia ou de instituições que remetiam, positiva ou negativamente, aos princípios reafirmados constantemente pelo jornalista.

O diálogo estabelecido entre o jornalista-blogueiro e os leitores-comentaristas eventualmente retomava essa discussão, frente a manifestações, atitudes, posturas e editoriais da “mídia nativa” que reforçavam ou ilustravam as críticas do jornalista ao jornalismo praticado por seus colegas. Neste exemplo, acompanhado de alguns comentários de leitores, podemos ver essa discussão representada:

22/09/2006 11:04

Hipocrisia e ignorância

Sou de uma geração de jornalistas dispostos a crer, até a medula, que a tarefa é nivelar por cima. Implicava, esta fé, a fidelidade canina à verdade factual, a qual, pelo que me diz respeito neste instante, me pespega a batucar na Olivetti. Meu pensamento cai das teclas, se isto faz sentido nos dias de hoje é outro assunto. Conta é o fato nu e cru, se bom ou mau cabe ao julgamento de cada um, determinado pelos milhões de verdades, pretensas, aparentes, que cada indivíduo carrega entre o fígado e a alma. Implicava, também, o exercício desabrido do espírito crítico. E ainda, a fiscalização do poder,

onde quer que se manifestasse. Sem contar o respeito pela língua, que, como diz o poeta, é nossa pátria. O jornalismo brasileiro empenha-se, há muito tempo, em nivelar por baixo. Em aviltar a língua ao reduzi-la a dialeto elementar, nutrido por uma centena de vocábulos, se tanto. Em trair as regras básicas indispensáveis à comunicação correta. Em omitir, quando não mentir. Os patrões da mídia esfregam as mãos ao passo que seus empregados são as primeiras vítimas de si mesmos; com eles começa o nivelamento por baixo. Escrevem mal, pensam pior. Até onde vai a hipocrisia e onde começa a ignorância não sei.

Comentários:

RMC

Caro Mino, é lamentável o estado em que se encontram alguns setores do jornalismo brasileiro, e pensar que a imprensa é fundamental para que uma nação caminhe no exercício da democracia e no respeito ao cidadão.

soldadonofront

Pois é, alguns jornalistas até deveriam se recusar a fazer o serviço sujo, sob pena também de perderem a credibilidade profissional. Se é que isto é mais importante que o salário.

Dora

Os professores dos cursos de jornalismo se arvoram que o ensino de ética é uma das pérolas dos currículos atuais. Bobagem. Ensinam uma ideia completamente deturpada de ética, uma ética que não é ética, que é uma lista de condutas condenáveis, sem o menor embasamento filosófico, sem reflexão, sem crítica. Reproduzem o frágil e ilusório discurso sobre ética criado pelos patrões da mídia e que servem apenas para garantir sua credibilidade frente ao público.

A novidade do blog, principalmente para o jornalista, permitiu que essa discussão aparecesse, além de muitas outras manifestações sobre os posts publicados e sua diversidade de assuntos que englobavam literatura, música, comida, futebol, cinema, vida urbana, igreja, cultura e política italiana, textos de outros jornalistas publicados na mídia impressa, relatos de viagem e política brasileira (entre outros). E o jornalista, apesar de aferrado à sua máquina de escrever, e ao modo de produção de notícias da chamada mídia tradicional, dialogava com seus leitores a partir de posts que publicava e de respostas que oferecia aos comentários dos leitores. A ampliação da interlocução, o diálogo e a troca de visões, opiniões e mensagens entre



comunicador e público é saudada como o lado positivo das novas tecnologias de informação e comunicação (Internet) pelo jornalista. Mas, apesar de destacar a mudança na qualidade, conteúdo e direções da comunicação, o jornalista pondera que a Internet, como instrumento, depende do homem que a usa para os fins a que se destina.

**Você considera a internet o “must”?**

Eu diria que o instrumento é uma coisa e o homem que usa é outra. É como a televisão. Não é um instrumento fantástico? Você pode usá-la com os piores propósitos ou com os melhores. Idem a Internet,<sup>68</sup>

Agora, eu acho que como instrumento o computador tem grandes vantagens. E o instrumento, em si... Depende de quem o usa. Está sujeito às mãos e à cabeça de quem o usa. Ele pode ser usado admiravelmente bem e pode ser usado admiravelmente mal. É um pouco como a máquina de escrever. A máquina de escrever está sujeita a quem batuca nela. Não vejo pecado algum na internet e no seu instrumento. Nada de ruim, pelo contrário. É um avanço muito interessante e acho que estamos falando de algo escrito. Portanto *scripta manet*, o que se escreve permanece. Um aspecto muito interessante dessa técnica, dessa tecnologia está no fato de que existe, de que gera interação. Gera um contato imediato com o comunicado. O qual comunicado passa a ser comunicador também. **Eduardo: Há uma troca maior.** É isso. Isso é extraordinário, de alguma maneira. Porque veja, o comunicador só se realiza quando alcança alguém. Como jornalista da imprensa, da palavra impressa, que é a minha tradição desde os 15 anos de idade, eu sempre desejei ser lido. Os índices de leitura acabam chegando e são denunciados pela tiragem de uma revista, por exemplo, e pela reação dos leitores, que mandam cartas e tal. Mas não é uma comunicação tão eficaz quanto pode ser a outra, a da internet. Em termos de resposta. Você sabe se você chegou ou não chegou (ao leitor) com uma imediatez que o meu trabalho de jornalista nunca teve. Esse é um dado importantíssimo, acho<sup>69</sup>.

Apesar de escrever poucos posts diariamente, o diálogo com os leitores era denso e a produção de textos divertidos, irônicos, críticos e de análise era a tônica de sua produção no blog. O tom intimista, a erudição e a cordialidade marcavam os posts de Mino Carta. O jornalista-blogueiro, contudo, não sustentou essa postura com relação aos leitores, quando confrontado com a

---

<sup>68</sup> Entrevista à Revista do Brasil, Abril 2008, p. 24.

<sup>69</sup> Entrevista concedida ao autor desta tese. Ver Anexo 2.

discussão sobre a extradição do italiano Cesare Battisti, preso no Brasil acusado por crimes cometidos na Itália, com leitores de seu blog. Depois de meses de discussões, respostas e comentários agressivos (de parte dos leitores e do jornalista, que defende a extradição de quem chamou de “assassino em estado puro”, citando um juiz italiano), o jornalista-blogueiro decidiu encerrar definitivamente a atividade em seu blog, publicando em 4 de fevereiro de 2009 um longo post onde, misturando a sua trajetória de vida e profissão com fatos da História do Brasil dos anos 60 do século XX em diante, uma análise das conjunturas políticas desse período e uma crítica a políticos e à postura do Ministro Tarso Genro com relação ao prisioneiro italiano, pela não extradição, num tom dramático, comunicando inclusive a falência de sua crença no jornalismo. Além de encerrar seu blog, o jornalista avisava que se calaria, naquele momento, na revista Carta Capital. Pretendia escrever um livro sobre o Brasil. O post de despedida de Mino Carta foi reproduzido nos blogs dos jornalistas-blogueiros Ricardo Noblat e Paulo Henrique Amorim. Luis Nassif publicou um post com uma análise pertinente do episódio, do qual reproduzimos alguns trechos:

06/02/2009 - 08:30

#### **A despedida de Mino**

Conversei ontem com colegas da Carta Capital. Se Mino Carta pensar em abandonar o jornalismo, convocarei agora mesmo manifestações na porta da revista. Mas acho que não.

Mino ficou chateado com os ataques que sofreu por causa do caso Battisti. Aliás, é um horror o clima de guerra que permeia algumas discussões e que deveria ficar restrito aos blogs de esgoto. Aqui mesmo chamei atenção de alguns comentaristas que insinuavam interesses menores na posição de Mino.

Esse episódio é bom para algumas lições. A não ser no caso dos fundamentalistas, não existe unanimidade em todas as posições. (...) Em temas de política econômica há um consenso um pouco menor. Em temas políticos, um pouco mais de consenso.

Mas são situações pontuais, a não ser que o Blog pretenda ter fiéis e não leitores; e os leitores pretendam ter gurus e não espaços inteligentes de discussão.

A grande prova de amadurecimento se dá na tolerância em

torno da divergência. (...)

Nessa imensidão de temas, tentar enquadrar tudo em movimentos de torcida organizada é de um reducionismo feroz e emburrecedor. E foi o que ocorreu nas discussões sobre o caso Battisti, no qual Mino Carta teve a imensa coragem de ir contra o pensamento médio do seu leitor. Confesso que não consegui formar opinião em cima de tudo o que li. Mino formou, até por sua familiaridade com a Itália.

Mas, de repente, décadas do melhor jornalismo e da maior seriedade foram desconsiderados por críticos ferozes, que não relutaram em apelar para insinuações menores para tentar desqualificá-lo.(...)<sup>70</sup>

Pouco tempo depois do episódio, Mino Carta voltaria a escrever os editoriais e artigos para a revista Carta Capital.

## **Estrutura**

O blog de Mino Carta possuía uma apresentação bem simples e funcional. Na barra superior aparecia a publicidade e os links para acesso aos serviços, blogs e sites do portal IG, o motor de busca do portal, SAC, acesso aos portais iBest e BrTurbo (do mesmo grupo) e email IG. Na barra inferior, feeds (ver nota 51, acima) e a informação de copyright da página para Internet Group (portais IG, iBest e BrTurbo). Na lateral direita, de baixo para cima, link para RSS (feed), o perfil do jornalista-blogueiro, mostrando as equipes criadoras de publicações que dirigiu e dirige, a “Política do blog” com relação à mediação de comentários. No box com a “Política do blog”, as informações dão conta de que “não serão aceitos comentários que: - contenham insultos, baixarias, ofensas ou agressões; - configurem crime; - reproduzam na íntegra notícias de outros meios de comunicação; - estejam repetidos em diferentes posts; - sugiram quaisquer links; - tenham

---

<sup>70</sup> A despedida de Mino, disponível em <<http://colunistas.ig.com.br/luisnassif/?s=A+despedida+de+Mino>>, acessado em 29/03/2010

informações pessoais ou de terceiros (como endereço eletrônico ou telefone). Pede-se também que os comentários não sejam usados para conversas pessoais ou estranhas ao blog. Todos os comentários são moderados.”

Em seguida, abaixo, está posicionado um box com o plantão de notícias “Último Segundo”, com a data atualizada e links para as notícias organizadas em ordem reversa, a partir da notícia mais recente, identificadas pelo horário em que foram publicadas e manchetes com links para acesso à leitura das notícias completas. Mais abaixo estão os arquivos para posts antigos do blog, organizados mês a mês em ordem decrescente. Seguem-se botões de acesso ao serviço de criação de blogs (Blig) e de cadastro para recebimentos de avisos de atualização do blog.

Do lado esquerdo da página do blog aparecem dois botões de acesso às páginas da revista Carta Capital e de Carta na Escola, publicação de conteúdo para apoio a aulas de professores do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. O espaço para publicação dos posts é centralizado e ilustrado, no topo, por uma fotografia do jornalista ao lado de sua máquina de escrever. Os posts publicados variavam de tamanho, desde um único parágrafo até artigos e editoriais que eram publicados nas edições semanais da revista Carta Capital. Abaixo do texto postado temos, à esquerda, um link com a expressão “continue lendo”. Ao acessar a página com a íntegra do post temos, abaixo do texto principal: à esquerda, a entrada para comentar o texto; ao centro, a entrada com o número de comentários publicados e acesso à sua leitura e, à direita um link com a expressão “envie esta mensagem” com acesso a um box

para envio, via e-mail, do post lido.

### **Paulo Henrique Amorim e seu blog**

Paulo Henrique Amorim, mais conhecido por sua atuação em televisão, esteve até março de 2008 com seu blog hospedado no portal IG, chamado Conversa Afiada. Através de suas “Máximas e Mínimas”, o jornalista apontava articulações no meio político e empresarial que envolvem interesses identificados com as forças políticas de oposição e o poder econômico que lhes dá sustentação, com ramificações dentro da situação, por meio da atuação do banqueiro Daniel Dantas e suas relações com membros do atual governo e do anterior. Outra obsessão “rodrigueana” de Paulo Henrique Amorim é a candidatura do governador de São Paulo, José Chirico Serra, à Presidência da República em 2010. Os ataques que o jornalista desfere contra o político são bem humorados e contam com a colaboração de leitores-comentaristas que lhe enviam ilustrações, notícias e textos sobre o governador.

O jornalista-blogueiro, em meados de março de 2008, teve seu contrato rompido bruscamente e seu blog desativado pela direção do portal IG. Sua equipe de trabalho foi impedida de entrar no prédio do portal onde trabalhava e seus computadores foram lacrados. Entrou na justiça para poder reaver os arquivos do blog bloqueados pelo portal. Em menos de dez horas seu blog foi reativado. Recebeu a solidariedade de Mino Carta, que encerrou suas atividades no blog que mantinha no mesmo portal, por não concordar com a maneira como Paulo Henrique foi tratado nesse episódio. Paulo Henrique possui agora um blog hospedado em outro portal, não diretamente ligado a grupos jornalísticos.

O jornalista-blogueiro Paulo Henrique Amorim considera a internet o último reduto da liberdade de imprensa, porque você pode “fazer o que quiser”. Ele vê a blogosfera se transformando em um espaço de debate político relevante. Com cerca de 50 anos de carreira no jornalismo e transitando por todo tipo de mídia jornalística (jornal, rádio, televisão e Internet), Paulo Henrique Amorim, cético e desencantado quanto às instituições políticas no Brasil, encontrou na Internet, no seu blog, uma maneira de dar vazão a seu desejo de “dizer as coisas” que deseja e intervir no debate político. Estabelece sua posição de poder como um nó (ator político) e propõe aos leitores que passem a integrar sua rede de comunicação não tão solitária assim (CASTELLS, 2009). Na experiência de poder que se estabelece na constituição de uma rede em torno de seu blog, suas armas são o apego à verdade factual, a fiscalização do poder e a crítica ácida, os ataques e críticas ferozes, irônicas, sarcásticas ao que chama de PIG (Partido da Imprensa Golpista)<sup>71</sup>, composto pelos jornais Folha e Estado de S. Paulo e O Globo, a TV Globo e a revista Veja, a quem chama de “A Última Flor do Fascio”. A revista IstoÉ, para o jornalista, não é uma organização jornalística.

**PHA:** Hoje o meu blog é uma expressão fidedigna das minhas inclinações políticas e ele expressa a minha indignação com a situação brasileira, a minha crescente decepção com as instituições políticas, com a forma como a democracia se instalou no Brasil, depois do regime militar. Eu achava que os males derivavam do governo tucano, dos oito anos do tucanato, e vejo hoje, em outubro de 2008, que o governo do PT saiu das entranhas do tucanato ou resolveu entrar nas entranhas do tucanato. Isso resulta numa cristalização de interesses econômicos profundos e um compromisso com a não mudança. O PT e o PSDB fizeram, na prática, um pacto para não mudar. Eu não me considero radical... **Eduardo: É um projeto de poder, não é mais um projeto político.** Não é um projeto político. O governo Lula foi apolítico, ele tirou... Até ontem eu escrevi um negócio que eu acho que é uma súmula que eu pretendo repetir: o Figueiredo disse “esqueçam de mim”, o Fernando Henrique “esqueçam o que eu escrevi” e o Lula disse “esqueçam de onde eu vim”. O quê que eu vejo hoje, no meu blog? Ele é limitado, no sentido de que eu pretendo fazer uma coisa mais universal, mais eclética, e isso é o que eu pretendo fazer no novo portal. O portal continuará sendo chamado de

---

<sup>71</sup> Esta é a definição apresentada em seu blog do que vem a ser o PiG: “Em nenhuma democracia séria do mundo, jornais conservadores, de baixa qualidade técnica e até sensacionalistas, e uma única rede de televisão têm a importância que têm no Brasil. Eles se transformaram num partido político – o PiG, Partido da Imprensa Golpista”.

“Conversa Fiada”, é um portal que terá o Paulo Henrique Amorim como âncora, mas será sobretudo um portal eclético, um portal plural e sempre um portal polêmico. O lema do meu portal será “Idéias inteligentes aqui é o que não falta”. Você vai ver no ar agora, no fim do mês (outubro 2008). Continuará sendo o portal do Paulo Henrique, mas não só do Paulo Henrique.<sup>72</sup>

Apesar de criticar a imprensa, os meios de comunicação tradicionais em seu blog, o jornalista tem na sua carreira passagens pelos principais veículos das redes de comunicação institucionais. Foi correspondente internacional na TV Globo, editor-chefe do Jornal do Brasil, trabalhou na TV Bandeirantes, TV Cultura, TV UOL e, atualmente, apresenta um programa de variedades na TV Record. Sobre essa contradição, em entrevista à revista Caros Amigos o jornalista disse que teve a sorte de poder atuar na televisão e construir uma espécie de marca que transporta “para uma série de atividades”. Para ele não é frequente que pessoas que fazem jornalismo escrito consigam “fazer essa viagem para a televisão”. Isso lhe deu certa tranquilidade financeira e o projetou como portador de uma tradição na televisão brasileira, como repórter de variedades, de assuntos gerais, que ele levou da Globo para outras emissoras. Nessas atividades em televisão conseguiu algo que lhe custou muito esforço: não fazer jornalismo político, pois se “você faz jornalismo político em televisão, automaticamente fica algemado”. Não há espaço nem autonomia, pois a televisão, segundo o jornalista, é “um veículo muito controlado, tanto de fora como de dentro”. Assim, a crítica que o jornalista-blogueiro elabora da mídia é feita quando não está atuando na televisão: “Eu critico a mídia dentro da mídia no meu blog, porque não sou maluco de criticar a mídia na Record”<sup>73</sup>.

PHA (...) Por que eu insisto em fazer Internet, por que eu sempre quis fazer Internet? Não é só uma questão de forma. É também uma questão de conteúdo. É porque, a partir de certo momento, eu percebi que na televisão aberta brasileira não haveria espaço para jornalismo político independente. A televisão aberta brasileira ou não tinha cobertura política, ou era uma cobertura política enviesada. Eu consegui criar aqui, na Record, as condições que para mim são condições profissionalmente muito interessantes, porque atendem também a uma vocação que eu tenho, que é ser

---

<sup>72</sup> Entrevista concedida ao autor desta tese em 10/10/2008; ver Anexo 2.

<sup>73</sup> Entrevista à Revista Caros Amigos, outubro de 2007, 34-39.

repórter de televisão. Eu sou repórter de um programa chamado Domingo Espetacular, onde eu não tenho nenhuma atividade no campo político, ou de política econômica. Nenhuma, zero. Então, toda a minha atividade como jornalista, nesse campo, eu dedico ao meu blog.<sup>74</sup>

Se analisarmos a postura do jornalista no episódio que culminou em sua saída do portal IG (mais uma para a sua “coleção de demissões”), na quase destruição do conteúdo que produziu no seu blog em três anos, e as críticas que faz à “degradação e corrupção” da imprensa brasileira, teremos um exemplo de ação de um ator político que integra redes de comunicação e, pela mediação de ferramentas das novas tecnologias de informação e comunicação (blogs, sites, Internet), desempenha papéis contraditórios, e exerce o poder em pontos diferenciados da mesma rede. Ao atuar como apresentador de programas de variedades de uma rede de televisão, o jornalista e sua equipe são portadores de um tipo de poder em rede exercido sobre um número maior de indivíduos que recebem o conteúdo transmitido.

Já ao desenvolver sua atividade como jornalista-blogueiro<sup>75</sup>, Paulo Henrique Amorim poderia vir a constituir, com seu público, uma esfera midiática com acesso ao poder em rede para também exercer influência e se posicionar no espaço público de discussão, com seu blog de jornalismo e crítica política. Se pensarmos nos atributos das redes, tais como ser um conjunto de nós interconectados e de que qualquer componente de uma rede (aí incluídos os “centros”) é um nó, com funções e significados diretamente dependentes dos programas da rede e de sua interação com outros nós, podemos visualizar, neste exemplo fornecido pela dupla conexão do jornalista-blogueiro a nós (ou “centros”) de redes de comunicação diferenciadas (ou de uma rede de redes de comunicação), em parte, situações,

---

<sup>74</sup> Entrevista disponível no Anexo 2.

<sup>75</sup> Resistimos a definir ou a criar uma tipologia para esse híbrido. Mas podemos afirmar que, se o jornalista é o sujeito do fazer, criar, produzir jornalismo, essa é uma qualidade que o acompanhará independentemente do suporte físico ou institucional para o trabalho produzido. Já a caracterização negativa do blogueiro como um “aventureiro” da informação, ou “amador”, também não nos satisfaz. O certo é que a informação está sendo cada dia mais produzida, criticada e acessada quase sem mediação pela Internet e suas ferramentas, inclusive blogs. E certamente quem faz, cria e produz jornalismo não poderá furtar-se a esse processo.



posicionamentos e expressões políticas diferenciadas que são passíveis de acontecer e se manifestarem no universo das relações de poder da sociedade em rede (CASTELLS, 2009).

A aparente contradição, agora, torna-se uma questão de posicionamento e atuação de nós (atores) de redes de comunicação, que detém mais ou menos poder de programação, conexão e influência sobre outras redes ou indivíduos. O que não exclui uma avaliação crítica tanto de uma quanto de outra atuação do jornalista (e blogueiro). Outra situação, ainda envolvendo o episódio do rompimento do contrato do portal IG, pode ser visualizada se contextualizarmos o momento em que o episódio se deu. No período anterior à drástica ação da diretoria do portal, Paulo Henrique Amorim atacava diariamente em seu blog o processo de fusão que envolvia a disputa pelo controle acionário da Brasil Telecom (controladora do portal IG), com empresários e fundos de pensão, o banco Opportunity – de propriedade de Daniel Dantas.

Conhecedor dos fluxos e nós dentro da rede de interesses, tanto para o mercado, quanto para os interesses dos fundos de pensão (governos), como para o universo da mídia brasileira e, principalmente do banqueiro Daniel Dantas, posicionado, digamos, como um ator que detém o poder de programar e reprogramar redes e fluxos de interesses, o jornalista-blogueiro, também detentor de um poder, o poder de conectar redes e fazer fluir informação política, exerceu seu poder até o ponto em que outros nós da rede que sofreram prejuízos com a ação do jornalista e o impacto de seu poder atuaram numa reconfiguração de nós e redes de interesses que tornou a pressão sobre sua situação no portal IG insustentável. Nesse caso não podemos dizer que houve interdição de um poder ou exercício de um poder “maior”, com a exclusão do “nó” (ator político) Paulo Henrique Amorim, porque, por sua iniciativa ou rearticulação de outros nós (atores políticos, indivíduos ou instituições) também houve

reconfiguração de nós e redes que permitiram ao jornalista-blogueiro, como ele diz, continuar “chutando o balde”<sup>76</sup>.

Antevendo, no exercício do jornalismo e nas funções que ocupou em empresas de comunicação, o que chama de “penúltima mídia”, o jornalista sempre teve medo do chamou de “a morte profissional”. Passou da imprensa (revista mensal) para o rádio, deste para a televisão e, finalmente, para a Internet, o blog. Para poder estar sempre na “última mídia”, ocupando o que poderíamos chamar, dialogando com nosso referencial teórico, de usar sua prerrogativa do exercício do poder na sociedade em rede (CASTELLS, 1999, 2009). Porém, observamos que a manifestação do jornalista com relação ao suporte, no caso as mídias digitais, pode ir numa direção da defesa da tradição jornalística, e apenas valorizar a novidade do suporte, mantendo a tradição quando se pronuncia sobre o conteúdo do jornalismo. Tal ambiguidade pode ser tomada como mais um exemplo de diferentes posições que um nó (ator) pode assumir na perspectiva da multiplicidade, flexibilidade e possibilidade de reconfigurações que as redes nas quais está localizado podem assumir.

**PHA** O meu conceito é que o conteúdo é o mesmo. O jornalista tem a função de dar informações, de preferência originais, com imparcialidade, com respeito aos fatos e, sempre que possível, questionando os poderosos, como diz o Mino Carta. E essa é a função básica. A outra coisa é a questão de você estar sempre na penúltima mídia. Eu não queria ficar nunca na penúltima mídia. Eu queria estar sempre na próxima mídia. E a minha briga, a minha luta profissional sempre foi contra o relógio.<sup>77</sup>

---

<sup>76</sup> Entrevista à revista Caros Amigos, outubro de 2007, 34.

<sup>77</sup> Ver Entrevista no Anexo 2.

## Estrutura

A apresentação do blog de Paulo Henrique Amorim é sóbria. O mesmo não pode ser dito em relação ao conteúdo, como já dissemos mais acima. Na barra superior, temos a publicidade do blog. Abaixo dessa barra vimos o logotipo do “Conversa Afiada” que apresenta uma tela com dois símbolos gráficos representando um diálogo, dois balões de texto superpostos. À direita do logotipo, o motor de busca do blog. Abaixo do motor de busca, o lema do portal (blog): “Idéias inteligentes aqui é o que não falta”. Mais abaixo, surgem 6 botões de acesso, respectivamente, à home (página principal), “como anunciar”, palestras, links, quem somos e “site antigo”<sup>78</sup>. À direita do último botão, um link para “RSS Feed” (acesso às atualizações do blog). Na mesma barra, abaixo, temos outros dez botões de acesso às seções do blog: Áudio, Brasil, Cultura, Destaque, Economia, Entrevista, Mundo, PiG, Política e Vídeo. À direita deste último botão, podemos visualizar a data no formato texto (ex: 30 de março de 2010).

Em seguida, vêm as manchetes do blog: dois links para posts com tamanho superior aos que vêm abaixo. Quando o blog é atualizado, essas manchetes passam a ocupar um lugar imediatamente abaixo das duas manchetes. Os títulos são chamativos e um tanto sensacionalistas. A linguagem utilizada, no entanto, sempre prima pela ironia e pelo sarcasmo e acabam cumprindo com o seu objetivo junto ao leitor do blog.

(...) A ironia é uma estratégia discursiva que não pode ser compreendida separadamente de sua corporificação em contexto e que também tem dificuldade de escapar às relações de poder evocadas por sua aresta avaliadora. As restrições (paradoxalmente) habilitadoras que são operativas em todos os discursos obviamente funcionam aqui também, mas não se trata apenas de quem pode *usar* a ironia (e onde, quando, como) e sim de quem pode (ou consegue) *interpretá-la*. (...) (HUTCHEON, 2000,135)

---

<sup>78</sup> Com parte dos arquivos recuperados depois do fechamento do blog no portal IG: é possível acessar arquivos, em ordem reversa, de 12/11 a 03/09/2008. Disponível em <<http://www3.paulohenriqueamorim.com.br/forum/Default.aspx?t=0>> acessado em 30/03/2010

Logo abaixo, vemos um box com fotos legendadas com as manchetes da parte superior, que “descem” para esse box após as atualizações dos posts do blog. Essas imagens vão se sucedendo em rápidos fade out/fade in, em forma de apresentação. À direita desse box num quadro em azul (cor que predomina por todo o blog) surgem os títulos dos posts que vão entrar no box das imagens. Os títulos mudam de cor e se sucedem no box das imagens, à esquerda. Do lado esquerdo desse box central, uma simpática fotografia do jornalista-blogueiro e abaixo dela, um texto com o perfil desse ator jornalístico e personagem midiático:

Paulo Henrique Amorim é jornalista desde quando os bichos falavam. Trabalhou na Manchete, Abril, Jornal do Brasil, Globo, Bandeirantes, Cultura, está na Record; foi do Zaz, Terra, UOL, iG e hoje é responsável por este portal independente, localizado em algum ponto da WEB 2.0. Escreveu o livro "Plim-Plim - A Peleja de Brizola contra a Fraude Eleitoral". Formado em Sociologia e Política, não se utilizou nem de uma nem de outra “ciência” para ganhar a vida. Carioca, pai de uma filha, tem um neto maravilhoso, o Francisco, é Fluminense e torce pelo Salgueiro. As idéias que ele expõe aqui são de sua EXCLUSIVA responsabilidade!<sup>79</sup>

Após o perfil do jornalista-blogueiro, surge o link “conheça o Conversa Afiada” que remete a um vídeo do YouTube com Paulo Henrique Amorim dando as boas-vindas aos leitores e abrindo o Portal (na verdade a estrutura do blog pode ser caracterizada como de um “portal” que é conduzido pelo jornalista-blogueiro e a jornalista Flávia D'Ângelo) àqueles que se disponham a aceitar o convite para colaborar com idéias inteligentes (sic!) num espaço livre, de “portas abertas”, soltando “o verbo!”. Em ordem reversa, surgem os canais do blog: Áudio, Brasil, Cultura, Destaque, Economia, Entrevista, Mundo, Pig, Política e Video; os links de acesso ao histórico do blog, organizados, em ordem reversa, do mês mais atual a julho de 2008. Um link solitário, no mesmo arquivo remete a um post de julho de 2006.

---

<sup>79</sup> Disponível em <<http://www.paulohenriqueamorim.com.br/>>, acessado em 30/10/2010.

Os links disponíveis para acesso a partir do blog são poucos, mas indicam as preferências jornalísticas e políticas do seu autor: Blog do Azenha (jornalista que também transita da televisão para a blogosfera, com um blog muito visitado); Blog do Mino (o link para o blog não proporciona mais acesso); Blog do Protógenes (o delegado Protógenes Queiroz, da Polícia Federal, foi responsável pela Operação Satiagraha, cujo enredo frequentou os posts do blog de PHA durante muito tempo); Blog do Rodrigo Vianna (o jornalista-blogueiro tem trajetória semelhante à de PHA: após sua saída da TV Globo, criou um blog com conteúdo crítico e temática política); link para o site da revista Carta Capital (é comum aparecerem no blog chamadas, às sextas-feiras, para a edição da revista da semana seguinte, reproduções de editoriais e matérias da revista – há uma amizade de mais de 40 anos entre os dois profissionais do jornalismo); Nassif – Caso Veja (link para o dossiê que Luis Nassif produziu sobre o “jornalismo esgoto” produzido em período não tão recente pela revista; a amizade entre os dois jornalistas-blogueiros permite a ambos trocarem referências a posts publicados nos respectivos blogs; Nassif já chegou a reclamar do entusiasmo com que PHA apresenta algum tema e posts de seu blog – algo parecido com as reclamações não tão explícitas que Otto Lara Rezende fazia por comportamento semelhante de seu amigo e também jornalista Nelson Rodrigues); Teletime (site de notícias voltadas para o mercado de telecomunicações conduzido pelo jornalista Samuel Possebon e equipe – abasteceu de informações e matérias o blog de PHA, principalmente nos momentos de enfrentamento com Daniel Dantas; o banqueiro é processado pelo jornalista, que o acusa de espionar sua família,

entre outras acusações – uma ação já foi ganha na Justiça) e Vermelho, portal de notícias ligado ao Partido Comunista do Brasil (PC do B).

No centro da tela de rolagem do blog, em baixo do box com as imagens em “movimento”, são publicados os posts que passaram pelas manchetes e pela box lateral que precede a entrada no box das imagens: de baixo para cima, são acessíveis os posts da categoria Brasil, Economia e Política. Abaixo de Política, um box com acesso a charges e montagens fotográficas com imagens hospedadas no site de compartilhamento de fotos “flickr”. Retornando ao topo do blog, à direita dos posts de Política, sucedem-se 3 posts da seção Áudio com material gravado para ouvir ou “baixar”. À direita das charges, um pouco abaixo de “Áudio”, encontramos três links para acesso a posts da seção Vídeo. Acima dos vídeos, mais um banner de publicidade. Acima desse, temos a enquete do blog no momento (sem periodicidade fixa ou valor estatístico, com sugestões de temas encaminhados por leitores, essas enquetes fazem parte dos apelos humorísticos, irônicos e sarcásticos que o blog apresenta, com ataques à figura que cataliza a ironia do dono do blog; já passaram pelas enquetes – e eventualmente voltam a ser contemplados com as atenções do jornalista-blogueiro e dos comentaristas: Daniel Dantas, Gilmar Mendes, as jornalistas e blogueiras Miriam Leitão e Lucia Hippolito, políticos e outros personagens; atualmente o político José Serra é o mais abordado pelos posts do blog). Ao lado da enquete, um banner publicitário da empresa que administra o provedor onde o blog está hospedado.

A navegação no blog é um pouco incômoda, porque o acesso a cada post

abre não só o texto e os comentários dos leitores, mas toda a estrutura do blog. A leitura fica um pouco cansativa e as informações dispersam a atenção do leitor. A cada vez que se abre um post para leitura, junto aparece um pequeno box para indicação de leitura para mais um leitor, por e-mail. Os comentários moderados são publicados em ordem cronológica reversa. Abaixo do comentário mais antigo da página está o box para envio dos comentários. Logo abaixo do botão “enviar”, mais um pequeno banner de publicidade. As regras para o envio dos comentários são simples e, obviamente, não são cumpridas porque uma leitura superficial dos comentários atesta essa comprovação: “O Conversa Afiada não publica comentários ofensivos, que utilizem expressões de baixo calão ou preconceituosas, nem textos escritos exclusivamente em letras maiúsculas ou que excedam 15 linhas.”

Como uma das preocupações mais prementes no blog de PHA é a qualidade e o comprometimento político da mídia, para tornar essa crítica mais abrangente e promover o debate, o jornalista-blogueiro deveria interagir com seus leitores, comentaristas e colaboradores. Sua postura é ainda a do emissor que observa, de um ponto (nó) privilegiado da rede o efeito que sua intervenção causou em outros atores, a partir da moderação dos comentários. Infelizmente, o bom humor, a ironia, o sarcasmo e o espírito de galhofa que seus textos e mensagens contém não são suficientes para aprofundar a contribuição que seu blog pode trazer para a constituição de um novo espaço público democrático de debate político, no âmbito da sociedade em rede, na formação de novas relações e formas de poder nas redes de comunicação ou fora delas.

## Conclusão

Ao encerrar a redação desta tese e concluir o trabalho de pesquisa, retomamos a trajetória inicial, objetivos, metas do trabalho e constatamos que a finalização e elaboração do texto, a narrativa, nem sempre corresponde ao que foi proposto, pensado, programado.

O tema da pesquisa, Política e Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (Internet, blogs), Sociedade e Cultura (Arte), nos levou a explorar fronteiras, limites, rupturas e continuidades existentes entre essas áreas do conhecimento, privilegiando a Política, e tendo como objeto de pesquisa a atuação de quatro jornalistas cujo trabalho teve início na grande mídia, na imprensa tradicional, com atuação no jornalismo político (mas não só), direta ou indiretamente envolvidos com as novas tecnologias de informação e comunicação, notadamente com blogs de política.

Numa primeira aproximação com o tema apresentamos, como problematização, indagações sobre a transição de um modelo para outro de ação jornalística e quais aspectos e características do jornalismo, em especial do jornalismo político, mais se pode ressaltar nesse processo? Como se constitui esse profissional e como se apresentam esses novos (?) atores políticos e culturais (jornalistas-blogueiros). Outro foco de problematização foi a relação que esses jornalistas estabelecem com a chamada “velha mídia” (Nassif) e com o poder político. Essa relação não é de todo conflituosa. Talvez não seja para o ator, mas para a personagem que ele representa é conflituosa. Melhor seria dizer que o conflito está nas representações que se constroem nos fóruns de discussão – blogs, sobre a atuação da personagem e as expectativas de seus espectadores – leitores – internautas que frequentam seus blogs e se



articulam como atores, nas redes criadas à volta dos personagens (jornalistas-blogueiros) ou em outras redes comunicacionais.

A exposição das mazelas da “velha mídia” pelos jornalistas-blogueiros, nas entrevistas realizadas ou em outros depoimentos, debates, artigos é potencializada pelo acesso desses atores privilegiados à nova mídia e as transformações em processo na sociedade informacional. Trata-se de uma forma de militância política, por um lado, pois se apresenta como argumentos na defesa de valores e princípios que, a seu ver, constituem o jornalismo e seu papel na esfera pública, no debate político. A coerência entre a prática profissional individual e a defesa de valores e princípios do jornalismo mencionados pelos sujeitos da pesquisa (fidelidade à verdade factual, espírito crítico e fiscalização do poder onde quer que ele se manifeste) é uma bandeira política partilhada no debate e nas críticas apresentadas em seus blogs. Isso é uma presença constante em seus blogs no que se refere a Paulo Henrique Amorim e Luis Nassif. Também ocorria na experiência que Mino Carta teve com o blog, enquanto seu blog existiu. Ricardo Noblat, mas voltado para a prática do jornalismo político em seu blog, procurou posicionar-se na entrevista que nos foi concedida e em outros momentos em que pode se manifestar sobre o tema.

Podemos dizer que a hipótese de que o jornalista-blogueiro, como está caracterizado ao longo do desenvolvimento da tese, é um ator político fundamental para a transição do “velho” para um “novo” tipo de jornalismo, para a construção da crítica ao modelo vigente de atuação jornalística na mídia tradicional (ou “velha mídia”), contribuindo para a construção de uma nova esfera pública de discussão democrática e debate político é, em parte, verdadeira. Cabe, contudo, questionar se o exercício do jornalismo, como se apresenta na experiência narrada e na prática profissional se dá num novo contexto que, além de registrar mudanças

advindas do desenvolvimento tecnológico apresenta mudanças perceptíveis que permitam registrar o “novo” no jornalismo. Não se trata de um processo de transição para “outro” jornalismo, mas da defesa do novo meio como espaço de liberdade, criatividade e articulação da prática profissional e da recuperação do jornalismo, com a perspectiva da construção de uma nova esfera pública, um espaço público democrático de debate político. Por ora, limitado à plataforma tecnológica e às possibilidades de interação que ela oferece.

Trabalhamos com outra hipótese de trabalho que levava em consideração que, ao emprestar credibilidade, experiência profissional, fundamentação prática e formação cultural sólida ao exercício do jornalismo em suportes e ferramentas das novas tecnologias (digitais) de informação e comunicação, o papel desses atores políticos (jornalistas-blogueiros) é em parte responsável pela mudança no perfil do público leitor, que passa a interagir, produzir e criticar informação através da relação com os jornalistas-blogueiros mediada pelo uso dessas tecnologias, atuando também, pela troca proporcionada pela interatividade, como participantes na construção dessa nova esfera pública de debate democrático. Por não termos realizado levantamentos, análises de comentários de leitores e trabalhado com uma metodologia empírica consideramos temerária qualquer afirmação. Apenas inferimos que a participação dos atores políticos nas redes comunicacionais que se estabelecem nos blogs ou no seu entorno tem um efeito sobre todos que interagem nesse processo. Desde que essa interação se efetive concretamente.

Quanto à construção dos capítulos e seus objetivos expostos na apresentação desta tese, a argumentação, o diálogo e a discussão que possam estar expressos no texto falam por si. As deficiências na realização da empreitada prevista serão debitadas ao autor. Os poucos méritos, à felicidade

das articulações do pesquisador com seus objetos de pesquisa, quando surgiram, no diálogo com os jornalistas-blogueiros e com os autores estudados, caminhos que puderam ser trilhados com um mínimo de argúcia e competência.

Na análise do papel dos jornalistas-blogueiros como atores políticos podemos concluir que o seu poder, nas relações que se estabelecem nas redes de comunicação de que participam, não se diferencia, nos marcos das relações da disputa política no âmbito da comunicação e do poder, dos poderes que as grandes empresas de mídia que parte desses atores criticam possuem, na medida em que sua condição de programadores ou conectores de redes se estruture para além de sua atuação como indivíduos. Temos aqui o caso dos jornalistas-blogueiros Ricardo Noblat, Paulo Henrique Amorim e Mino Carta.

El poder en la sociedad red lo ostentan los programadores y los enlaces. Están representados por actores sociales, pero no son individuos sino redes. (...) Pero quien son estos actores y cuáles son sus redes depende de la configuración específica de éstas en cada contexto y en cada proceso concreto.<sup>80</sup>

Outra conclusão é a de que a interlocução que o jornalista-blogueiro estabelece com outros jornalistas, blogueiros ou não, acadêmicos, críticos e analistas de mídia, leitores especializados, comentaristas dispostos a trazer contribuições ao debate na esfera pública midiática em que se transforma o blog quando se apresenta como um nó (ator político) com poder na rede em que atua, faz com que ele traga para a rede-blog informações, análises, artigos, comentários e documentos que constituem um verdadeiro acervo disponível para leitura, consulta e debate.

---

<sup>80</sup> CASTELLS, 2009, 550.

Como nó (ator político) que propicia esse tipo de confluência à sua ou a partir de outras redes, pode-se dizer com alguma segurança que os poderes de criação e conexão a redes tornam o jornalista-blogueiro ator político de importância na confluência e convergência de redes, articulação do debate e formação de um novo espaço público de debate e crítica política democrática. E, portanto, esse ator assume o poder de programador ou de conector de redes. Nesse sentido, a experiência de Luis Nassif e seu blog é a que mais se aproxima dessa construção e do exercício do poder nas redes comunicacionais que estruturam ou de que participam.

Contudo, tal afirmação deve ser relevada porque está baseada em análises impressionistas, quase intuitivas, descrições e observação (leitura periódica do blog pelo pesquisador) que não conquistarão a mesma aderência do trabalho árduo com metodologias que privilegiam o empírico. A experiência vivida (*erlebnis*)<sup>81</sup> é a referência mais próxima do que foi empreendido, em termos metodológicos, nas análises e apresentações dos perfis dos jornalistas-blogueiros estudados.

Termo de metodologia literária para indicar o processo de apreensão dos fatos da vida pelo escritor, o conceito é uma tradução do alemão *Erlebnis*, estudado por pensadores alemães como Dilthey, Heidegger, Martin Buber e Walter Benjamin. Não se trata apenas dos registros autobiográficos concretos, mas da experiência de vida espiritual e material que um artista reconhece

---

<sup>81</sup> Verbete do E-dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia  
<[http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/E/experiencia\\_vivida.htm](http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/E/experiencia_vivida.htm)> acessado em 30/03/2010.

como sua, incluindo ocorrências oníricas e digressões místicas, eventualmente. Na crítica literária, o estudo das experiências vividas pode ser estruturado de duas formas: pelo recurso à crítica biográfica, que realça aspectos da vida do autor que tiveram influência direta na obra produzida, ou pelo recurso à psicanálise aplicada à literatura, a que se chega pela identificação de símbolos, imagens ou representações do inconsciente do autor.

Não trabalhamos com aspectos místicos, espirituais, nem tampouco recorremos à psicanálise. Procuramos apontar, no entanto, dentre fatos, relatos e a atuação dos jornalistas-blogueiros estudados, o material que uma pesquisa envolvendo o tema escolhido pode utilizar na análise da experiência política e profissional desses atores políticos. Destacamos sua importância na confluência de redes, articulação do debate e formação de um novo espaço público de debate e crítica política democrática, através do uso das ferramentas (Internet, blogs) das novas tecnologias de informação e comunicação, no marco da sociedade em rede.

Se os caminhos tortuosos de um pesquisador, ao finalizar seu trabalho, puderem trazer uma contribuição que incorpore ao menos parcialmente seus caminhos a roteiros que possam ser traçados por outros, terá valido a pena caminhar, porque “el camino se hace al caminar”. Caminé.

## B I B L I O G R A F I A

- ABRAMO, Cláudio – **A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro** – organização e edição Cláudio Weber Abramo; prefácio: Mino Carta – São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- ABRAMO, Perseu - **Padrões de manipulação na grande imprensa** – São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- ALDÉ, Alessandra, ESCOBAR, Juliana e CHAGAS, Viktor – **A febre dos blogs de política** - Trabalho apresentado ao grupo de trabalho “Comunicação e política”, XV Encontro da Compós, UNESP, Bauru, SP, junho de 2006.
- AMARAL, Adriana, RECUERO, Raquel e MONTARDO, Sandra Portella (orgs) – **Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação** – São Paulo: Momento Editorial, 2009; disponível para download em <<http://www.sobreblogs.com.br>>
- AMARAL, Adriana, RECUERO, Raquel e MONTARDO, Sandra Portella – **Blogs: mapeando um objeto** – Trabalho apresentado no VI Congresso Nacional de História da Mídia, no GT História da Mídia Digital. Universidade Federal Fluminense, 13 a 16 de maio de 2008
- AMORIM, Paulo Henrique e PASSOS, Maria Helena – **Plim-Plim: a peleja de Brizola contra a fraude eleitoral** - ilustrações Adriana Lazarini Sales e Renato Perez Michelin – São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.
- ANTUNES, Ricardo e BRAGA, Ruy (orgs) – **Infoproletários: degradação real do trabalho virtual** - São Paulo, Boitempo, 2009.

- ANTUNES, Ricardo - **A desertificação neoliberal no Brasil: Collor, FHC e Lula** – Campinas, SP : Autores Associados, 2004.
- ANTUNES, Ricardo e BRAGA, Ruy (organizadores) – **Infoproletários: degradação real do trabalho virtual** – São Paulo, Boitempo, 2009.
- ARENDT, Hannah - **Entre o passado e o futuro** – tradução Mauro W. B. de Almeida; Revisão Mary Amazonas Leite de Barros; Produção: Ricardo W. Neves e Sylvia Chamis. - São Paulo: Editora Perspectiva S. A, 1992.
- ARENDT, Hannah - **Crises da República** – tradução José Wolkman; Revisão: Antenor Celestino de Souza; Produção: Ricardo W. Neves, Heda Maria Lopes e Raquel Fernandes Abranches. - São Paulo: Editora Perspectiva S. A, 2004.
- BAITELLO Junior, Norval - **A era da iconofagia: ensaios de comunicação e cultura** – São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- BANKS, Michael A. - **Blogging Heroes** – São Paulo: Digeratti Books, 2008.
- BAUDRILLARD, Jean – **Palavras de ordem** – tradução Serafim Ferreira. - Porto, Portugal : Campo das Letras, 2001.
- BAUMAN, Zigmunt– **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria** - tradução de Carlos Alberto Medeiros – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2008.
- BAUMAN, Zigmunt – **Em busca da política** – tradução de Marcus Penchel, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- BAUMAN, Zigmunt - **O mal-estar da pós-modernidade** – tradução de Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama; revisão técnica Luis Carlos Fridman. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BECK, Ulrich – **La invención de lo político** – traducción Irene Merzari; Argentina, Fondo de

- Cultura Económica de Argentina S. A., 1998
- BORGES, Altamiro - **A ditadura da mídia** – prefácio Venício Araújo de Lima – São Paulo: Anita Garibaldi / Associação Vermelho, 2009.
- BORIE, Monique; ROUGEMONT, Martine de; SCHERER - **Estética teatral: textos de Platão a Brecht** – tradução de Helena Barbas – Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- BORON, Atilio A. (compilador) - **Filosofia política contemporânea: controversias sobre civilización, imperio y ciudadanía** – Buenos Aires : Clacso, 2004.
- BRIGGS, Asa e BURKE, Peter - **De Gutenberg a internet: una historia social de los medios de comunicación** – traducción de Marco Aurelio Galmarini. - Madrid : España, Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguarra, S.A., 2005.
- CANCLINI, Néstor García - **Leitores, Espectadores e Internautas** – tradução Ana Goldberger. - São Paulo: Iluminuras, 2008.
- CARLSON, Marvin - **Teorias do teatro: estudo histórico-crítico, dos gregos à atualidade** – tradução de Gilson César Cardoso de Souza. - São Paulo : Fundação Editora da UNESP, 1997 (coleção Prismas).
- CARTA, Mino - **Crônicas da Mooca: com a benção de San Gennaro** – São Paulo, Boitempo, 2009.
- CARTA, Mino - **Entrevista** concedida a Francisco Ucha e Marcos Stefano para o Jornal da ABI (Associação Brasileira de Imprensa), agosto de 2008, 16-21.
- CARTA, Mino – **A sombra do silêncio** (romance) – São Paulo : Francis, 2003.
- CARTA, Mino – **O Castelo de Âmbar** (romance) – Rio de Janeiro . São Paulo : Editora Record, 2001.



- CASTELLS (OLIVAN), Manuel Castells – **Comunicación y Poder** – Madrid, Alianza Editorial, 2009.
- CASTELLS, Manuel – **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura; volume II O poder da identidade** – São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- CASTELLS, Manuel – **A Galáxia Internet: reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade** – Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- CASTELLS, Manuel – **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura; volume III O Fim do Milênio** – Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- CASTELLS, Manuel – **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura; volume I A sociedade em rede** – São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHAIA, Vera – **Jornalismo Político: escândalos e relações de poder na Câmara Municipal de São Paulo** – São Paulo: Hacker Editores, 2004.
- CHARAUDEAU, Patrick - **Discurso das mídias** – tradução de Angela S. M. Corrêa – São Paulo: Contexto, 2009 (1. ed., 2ª reimpressão).
- CHAUÍ, Marilena - **Simulacro e poder: uma análise da mídia** – São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.
- CHOMSKY, Noam – **El miedo a La democracia** – traducción castellana de Mireia Carol; revisión de Carmen Castells; Barcelona, Crítica, 2009
- COUTINHO, Eduardo Granja (org.) - **Comunicação e contra-hegemonia: processos culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência** – Rio de Janeiro : Editora UFRJ, 2008.
- CUEVA, Maria Teresa Pascual de la – **En qué mundo vivimos: conversaciones con Manuel Castells** – Madrid, Alianza Editorial S. A., 2006.

CUNHA, Mágda - “**Os blogs e a prática do Jornalismo no Brasil: uma reflexão sobre os meios, as linguagens e a cultura**”, Revista Prisma.com, Revista de Ciências da Informação e da Comunicação do CETAC.MEDIA (Centro de Estudos das Tecnologias e Ciências da Comunicação), Univs. Porto e Aveiro, Portugal, 3, out/2006, pp 130 - 147 disponível em [http://prisma.cetac.up.pt/edicao\\_n3\\_outubro\\_de\\_2006/os\\_blogs\\_e\\_a\\_pratica\\_do\\_jornal.html](http://prisma.cetac.up.pt/edicao_n3_outubro_de_2006/os_blogs_e_a_pratica_do_jornal.html), (acessado em 23/03/2010)

DEBORD, Guy - **A sociedade do espetáculo**- tradução Estela dos Santos Abreu. - Rio de Janeiro : Contraponto, 1997.

DEBORD, Guy – **Panegírico** – tradução Edison Cardoni. - São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2002 (Clássicos Conrad).

**XI Congreso de Periodismo Digital Huesca (11 e 12/03/2010): el periodismo digital desde la perspectiva de la investigación universitaria** (livro de comunicações), ISBN 978-84-87175-41-1, disponível em <http://www.congresoperiodismo.com/pdf/libro.pdf>, acessado em 16/03/2010.

DENNING, Michael - **A cultura na era dos três mundos** – tradução de Cid Knipel – São Paulo: Religare, 2005.

EAGLETON, Terry – **A idéia de cultura** – tradução Sandra Castello Branco. - São Paulo : Editora UNESP 2005.

EAGLETON, Terry – **A ideologia da estética** – tradução Mauro Sá Rego Costa – Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1993.

FERRARI, Pollyana - **Jornalismo digital** – 2 ed. - São Paulo : Contexto, 2004 (Coleção Comunicação).

- GARCÍA, Guillermo López - **Modelos de comunicación en internet** – Valencia, Espanha: Tirant lo Blanch, 2005.
- GOMES, Wilson – **Transformações da política na Era da comunicação de massa** – São Paulo : Paulus, 2004 (Comunicação)
- GRAEFF, Antonio - **Eleições 2.0: a internet e as mídias sociais no processo eleitoral** – São Paulo : Publifolha, 2009 – (Série 21).
- HEWITT, Hugh – Blog: **entenda a revolução que vai mudar seu mundo** – Tradução de Alexandre Martins Morais; Rio de Janeiro, 2007.
- HOBBSAWM, Eric - **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991** – tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. - São Paulo : Companhia das Letras, 1995.
- HUTCHEON, Linda – **Teoria e política da ironia**, tradução de Julio Jeha, Belo Horizonte, MG, Editora UFMG, 2000
- KOLB, Anton, ESTERBAUER, Reinhold e RUCKENBAUER, Hans-Walter (orgs.) - **Ciberética: responsabilidade em um mundo interligado pela rede digital** – vários tradutores. - São Paulo: Loyola, 2001
- LECLERC, Gérard - **Sociologia dos intelectuais** – tradução Paulo Neves – São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2005.
- LEVY, Pierre - **O que é o virtual** – tradução de Paulo Neves. - São Paulo : Ed. 34, 1996.
- LIMA, Venício A. de – **Mídia: teoria e política** - 2ª edição, 1ª reimpressão. - São Paulo : Fundação Editora Perseu Abramo, 2007.
- LIMA, Venício A. de (org.) – **A mídia nas eleições de 2006** - São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.
- MACHADO, Elias e PALÁCIOS, Marcos – **O ensino do jornalismo em redes de alta**

- velocidade: metodologias & software** – Salvador: EDUFBA, 2007.
- MARTIN-BARBERO, Jesús – **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia** – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- MARTINS, Franklin - **Jornalismo Político** – São Paulo : Contexto, 2005.
- MARX, Karl - **Liberdade de Imprensa** - tradução de Cláudia Schilling e José Fonseca. - Porto Alegre: L&PM, 2001.
- MORAES, Dênis de (organizador) – **Mutações do visível: da comunicação de massa à comunicação em rede** - Rio de Janeiro, Pão e Rosas, 2010.
- MORAES, Dênis de - **A batalha da mídia: governos progressistas e políticas de comunicação na América Latina e outros ensaios** - Rio de Janeiro, Pão e Rosas, 2009.
- MORAES, Dênis de (org.) - **Sociedade midiaticizada** – Rio de Janeiro : Mauad, 2006.
- MORAES, Dênis de – **O Planeta Mídia: tendências da comunicação na era global** – Campo Grande: Letra Livre, 1998.
- MUECKE, D. C. - **Ironia e o irônico** - tradução : Geraldo Gerson de Souza; revisão: Vera Lúcia Belluzzo Bolognani e Valéria Cristina Martins - São Paulo: Editora Perspectiva, 1995 (Coleção Debates, nº 250).
- NASSIF, Luis - **O jornalismo dos anos 90** (versão digitalizada, arquivo PDF); publicado originalmente em São Paulo: Futura, 2003.
- NEGROPONTE, Nicholas – **A vida digital** – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- OSAKABE, Haquira - **Argumentação e discurso político** – 2ª ed. São Paulo : Martins Fontes, 1999.
- QUADROS, Claudia Irene de, ROSA, Ana Paula da e VIEIRA, Josiany – **Blogs e as transformações do jornalismo** – Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-

graduação em Comunicação e-COMPÓS, agosto de 2005, pp 2-21.

RAMONEDA, Josep – **Depois da paixão política** – tradução Claudia Rossi. - São Paulo : Editora SENAC São Paulo, 2000.

RANCIÈRE, Jacques – **El odio a la democracia** – 1ª ed. - Buenos Aires :Amorrortu, 2006

RECUERO, Raquel – **Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais** - Artigo apresentado no VI Seminário Internacional de Comunicação, GT de Comunicação e Cultura (setembro de 2002). Disponível em <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/weblogs.htm>> acessado em 20/03/2009

REIS, Fábio Wanderley - **Tempo presente: do MDB a FHC** – Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2002.

SAMPEDRO BLANCO, Víctor Fco - **La pantalla de las identidades: medios de comunicación, políticas y mercados de identidad** – Barcelona, Espanha: Icaria editorial, s.a., 2003.

SAMPEDRO BLANCO, Víctor Fco – **Opinión pública y democracia deliberativa. Medios, sondeo y urnas** – Madrid, Espanha: Istmo, 2000.

SANTOS, Marcelo Burgos Pimentel dos, PENTEADO, Cláudio Luis de Camargo & ARAÚJO, Rafael de Paula Aguiar - “**Metodologia de pesquisa de blogs de política: análise das eleições presidenciais de 2006 e do movimento 'cansei'**”, Revista de Sociologia e Política, vol. 17, nº 34, Curitiba, outubro de 2009. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782009000300012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782009000300012&script=sci_arttext), (acessado em 22/03/2010).

SANTOS, Marcelo Burgos Pimentel dos, PENTEADO, Cláudio Luis de Camargo & ARAÚJO, Rafael de Paula Aguiar - “**Blogs e ação política**”, trabalho apresentado no IX

CONGRESO LATINOAMERICANO DE INVESTIGACIÓN DE LA COMUNICACIÓN México, 9 a 11/10/2008, disponível em [http://www.alaic.net/alaic30/ponencias/cartas/Internet/ponencias/GT18\\_18Camargo\\_Burdos\\_Aguilar.pdf](http://www.alaic.net/alaic30/ponencias/cartas/Internet/ponencias/GT18_18Camargo_Burdos_Aguilar.pdf), (acessado em 23/03/10).

SANTOS, Marcelo Burgos Pimentel dos, PENTEADO, Cláudio Luis de Camargo & ARAÚJO, Rafael de Paula Aguiar - “**Novas práticas políticas na internet: estudo do Blog Fatos e Dados**”, trabalho apresentado no III Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política – COMPOLÍTICA, 9 a 11/12/2009, disponível: [http://www.pucsp.br/compolitica/internas/pdfs/penteado\\_burgos\\_araujo.pdf](http://www.pucsp.br/compolitica/internas/pdfs/penteado_burgos_araujo.pdf), (acessado em 23/03/2009).

SIMÃO, João - “**Relação entre os Blogs e Webjornalismo**”, Revista Prisma.com, Revista de Ciências da Informação e da Comunicação do CETAC. MEDIA (Centro de Estudos das Tecnologias e Ciências da Comunicação), Universidades. Porto e Aveiro, Portugal, 3, out/2006, pp 148 - 164 disponível em [http://prisma.cetac.up.pt/artigospdf/9\\_joao\\_simao\\_prisma.pdf](http://prisma.cetac.up.pt/artigospdf/9_joao_simao_prisma.pdf), (acessado em 23/03/2010)

SLOTERDIJK, Peter - **No mesmo barco: ensaio sobre a hiperpolítica** – tradução de Claudia Cavalcanti. - São Paulo : Estação Liberdade, 1999.

SODRÉ, Muniz - **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SOUSA, Mauro Wilton de (org.) - **Recepção midiática e espaço público: novos olhares** – São Paulo : Paulinas, 2006.

SPYER, Julio (org) – **Para entender a Internet: noções práticas e desafios da comunicação em rede** – Não Zero, livro digital – versão beta, 2009, disponível em

<<http://paraentenderainternet.blogspot.com/2009/01/baixeo-pdf-do-livro.html>> acessado em 20/03/2010

THOMPSON, John B. - **Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa** – tradução do Grupo de Estudos sobre Ideologia, comunicação e representações sociais da pós-graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

THOMPSON, John B. - **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia** – tradução de Wagner de Oliveira Brandão; revisão da tradução Leonardo Avritzer. - 11ª edição – Petrópolis, RJ, Vozes, 2009.

UBERSFELD, Anne – **Para ler o teatro** – tradução José Simões (coord.). - São Paulo : Perspectiva, 2005.

WANG, Maria A. de Lima & PEREIRA, Maria Eliza Mazzilli - “**Influências mútuas e diversidade na interação jornalista-leitor em um blog**”, trabalho apresentado no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, GP Cibercultura, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, 4 a 7 de setembro de 2009

ZARAGOZA, Joan Catà – **Reflexiones sobre tres blogs encapuchados** – paper para a disciplina “Esfera pública i noves tecnologies: Deliberació política i Mobilització social”, Dr. Víctor Sampedro (2005-2006)

ZIZEK, Slavoj - **El acoso de lãs fantasias** – traducción de Clea Braunstein Saal; Madrid, Siglo XXI de España Editores S. A., enero de 2010.

ZIZEK, Slavoj - **El espinoso sujeto: el centro ausente de la ontologia política** – traducción de Jorge Piatigorsky; Buenos Aires, Paidós, 2007.

ZIZEK, Slavoj (compilador) – **Ideología: un mapa de la cuestión** – traducción de Cecilia

Beltrame, Mariana Podetti, Pablo Preve, Mirta Rosenberg, José Sazbón, Tomás Segovia y Isabel Vericat Núñez. - Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica de Argentina S. <sup>a</sup>, 1994.

## W E B G R A F I A

**Epígrafe da tese - <http://www.sinpermiso.info/textos/index.php?id=441>**

**(acessado em 20/06/09)**

AMORIM, Paulo Henrique - blog - <http://www.paulohenriqueamorim.com.br/>

AMORIM, Paulo Henrique – post - “Blog de Ariana Huffington vale mais do que empresas de jornais”, disponível em <http://www2.paulohenriqueamorim.com.br/?p=1926> **(acessado em 04/12/2008)**

AMORIM, Paulo Henrique – post - “Azenha explica como funciona o PIG”, disponível em <http://www2.paulohenriqueamorim.com.br/?p=2594> **(acessado em 16/12/2008)**

CARTA, Mino - blogs - <http://blogdomino.blog.ig.com.br/> (de 30/08/2006 a 19/03/2008) e <http://www.blogdomino.com.br/> (de 7/10/2008 a 4/02/09)

CARTA, Mino – post - “A despedida”, disponível em <http://www.blogdomino.com.br/blog/a-despedida-421> (acessado em 05/02/09)

CARTA, Mino - “A mídia implorava pela intervenção militar”, entrevista concedida a Adriana Souza Silva, Redação da AOL, abril de 2004, disponível em <http://www.piratininga.org.br/entrevistas/minocarta-abril2004.html> (acessado em 21/02/2009)

CASTELLS (OLIVAN), Manuel – Trecho de Entrevista concedida ao jornal La Vanguardia (17.1.2010): Comunicação e Poder, disponível em <http://aquevedo.wordpress.com/2010/02/19/m-castells-sobre-internet-y-el-capitalismo-actual-el-poder-est-en-las-mentes-entrevista/>, **(acessado em 22/03/2010);**



outro trecho (traduzido para o Português) está disponível em <http://complexidade.ning.com/profiles/blogs/entrevista-com-manuel-castells>, acessado em 22/03/2010)

EGYPTO, Luiz – “Crise, preguiça e descaso com o leitor” (artigo – entrevista com Ricardo Noblat), disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/al201120021p.htm> (acessado em 20/03/2010)

NASSIF, Luis - blog - <http://colunistas.ig.com.br/luisnassif/>

NASSIF, Luis – **post** - “O novo jornalismo”, disponível em <http://colunistas.ig.com.br/luisnassif/2009/03/16/o-novo-jornalismo/#more-29443> – (**acessado em 16/03/09**).

NASSIF, Luis - **artigo** “As mudanças que virão na mídia”, disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=565JDB009> e em <http://colunistas.ig.com.br/luisnassif/2009/11/24/o-modelo-de-negocio-da-velha-midia/> , (**acessado em 24 e 25/11/09**)

NOBLAT, Ricardo - blog - <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/>

NOBLAT, Ricardo - Entrevista/Ricardo Noblat: como fazer – e manter – um blog político; por Larissa Morais em 30/10/2006, IN: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=405ENO001> (**acessado em 23/03/2010**)

NOBLAT, Ricardo – post - a apresentação do blog da leitora Maria Helena Rubinato, feita por Ricardo Noblat, disponível em [http://oglobo.globo.com/pais/noblat/post.asp?t=5-anos-blog-de-maria-helena&cod\\_post=170389](http://oglobo.globo.com/pais/noblat/post.asp?t=5-anos-blog-de-maria-helena&cod_post=170389), (**acessado em 24/11/2009**)

NOBLAT, Ricardo – post (reproduz comentário do leitor Penha Lapa – pseudônimo) - “A culpa é da mídia”, disponível em <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/post.asp?t=a-culpa-da>

[midia&cod\\_Post=159127&a=111](#) (acessado em 06/02/2009)

PORTO, Henrique Marques – (tópico para discussão postado pelo leitor) – “A 'reinvenção' da imprensa. Será?”. - disponível em (Portal Luis Nassif: construindo conhecimento) <http://blogln.ning.com/group/midia/forum/topics/a-reinvencao-da-imprensa-sera> (acessado em 24/01/2009).

## ANEXO 1

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) O que o levou a construir seu **blog**? Qual foi sua **motivação**?
  
- 2) Já conheço seu blog, por leitura e acompanhamento dos temas. Mas, gostaria de saber **como você vê seu próprio blog**? Como o caracteriza?
  
- 3) Você se considera **livre para produzir e editar** seus textos no blog? O **blog lhe dá** essa **liberdade**, ou no **jornalismo convencional** você já era ou se sentia livre?
  
- 4) Quais **critérios** são utilizados para **selecionar** os **temas** e **matérias** postadas em seu blog?
  
- 5) Qual é o tipo de **relação que tem com seus leitores**? Você oferece espaços para opiniões complementares ou contrárias às suas? Quais são os limites e dificuldades dessa relação?
  
- 6) Você pensa que os **blogs** (e, por extensão, as novas tecnologias de informação e comunicação – NTICs) são **capazes de influenciar o comportamento político** das pessoas e de **interferir na política**? Onde você vê as possibilidades dessa intervenção?
  
- 7) Acredita que o **jornalismo e os jornalistas de política, na internet, sites, blogs**, são **protagonistas** e **pautam** de alguma forma os demais meios de comunicação e a

própria política? Em que circunstâncias os blogs e o jornalismo político assumem esse papel de protagonistas?

8) A **internet** e as **novas tecnologias** representam uma **ameaça para o jornalismo político**, a ponto de o **jornalista precisar optar entre o interessante** (sensacionalismo) e o **importante** (a credibilidade da informação veiculada)? (pressa, velocidade, instantâneo, o superficial)

9) **Política e jornalismo político**: como foi (e é agora) sua aproximação com a política e o jornalismo político, a sua relação com as fontes e os meios de comunicação nessa área? Qual você acha que deve ser o papel do jornalismo político com relação ao poder?

10) Você trabalhou durante décadas num jornal da grande imprensa, ocupando lugar de destaque na empresa (**Correio Braziliense**). Seu blog já esteve hospedado no **IG**, no portal do **Estadão** e agora está vinculado ao portal **Globo**. São grupos de peso, tanto do ponto-de-vista econômico quanto na perspectiva política. A seu ver, qual é a relação entre jornalismo e poder político e econômico?

11) Por gentileza, você poderia comentar esta máxima que o jornalista espanhol (El País) José Maria Irujo apresentou quando esteve em São Paulo, ao falar sobre jornalismo investigativo: **“Ter sempre em conta que um primeiro ministro é sempre um mentiroso”**.

**Obs: este roteiro foi utilizado na entrevista com Ricardo Noblat. Com os demais jornalistas, foram feitas as adaptações necessárias, principalmente na questão nº 10. Em alguns casos, como na entrevista com Luis Nassif, o diálogo com o jornalista-blogueiro foi além das questões estruturadas, devido à dinâmica que a conversação tomou.**

## ANEXO 2

### ENTREVISTAS COM OS JORNALISTAS-BLOGUEIROS

#### **Entrevista com Ricardo Noblat, dia 04 de junho de 2008, São Paulo, 14h30 a 15hs**

1) O que o levou a construir seu blog? Qual foi sua **motivação**?

**Noblat:** Eu não fazia a menor idéia do que era blog quando eu comecei a fazer, nem sequer tinha entrado num blog na minha vida, até o momento em que comecei a fazer o meu. Nunca tinha me passado pela cabeça, fazer blog. Não fazia nem idéia do que se tratava. Mas aí eu comecei, em março de 2004, a fazer uma página aos domingos no jornal carioca O Dia, sobre política nacional. Depois de duas semanas eu vi que muitas informações que eu apurava no início da semana envelheciam. Eu não podia aproveitá-las, porque outro jornal dava (as notícias). Me queixei disso em conversa com os colegas do Dia, e aí o André Falcão, do Dia Online, disse: “Olha, faz um blog”. Eu disse: “Puxa, eu nunca entrei em nenhum, como é que eu vou fazer? Blog é diário de adolescente, pelo que eu ouço falar.” Ele disse: “É, mas nos Estados Unidos já tem alguns jornalistas fazendo.” Tinha poucos jornalistas naquela época, nos Estados Unidos, fazendo (blog). Ele mesmo desenhou esse blog, fez o modelo mais simples que tinha, hospedou ele no IG, porque O DIA é hospedado no IG. E assim eu fiquei, comecei a fazer. Dali a 3 (três) meses acabou a página que eu fazia no DIA, porque mudou a direção do DIA e resolveu acabar com a página. E aí, na minha cabeça, tinha que acabar com o blog, porque o blog existia em função da página, era um quarto de despejo de notas que não poderiam ser guardadas para

a página aos domingos. Eu cheguei a me despedir dos leitores do blog, dizendo: “Olha, acabou a página, acabou o blog.” Alguns leitores disseram: “Não, continua fazendo o blog, pelo menos enquanto arranja um emprego”. E eu continuei fazendo. E ficou.

2) Já conheço seu blog, por leitura e acompanhamento dos temas. Mas, gostaria de saber como você vê seu próprio blog? Como o caracteriza?

**Noblat:** Veja, no começo era um espaço para eu jogar as notas do jornal O DIA, que eu as perderia ao longo da semana, por essas razões que já expliquei... Depois, passou a ser uma espécie para mim de... de um espaço onde eu, como gosto de política, sempre privilegiei política e, desde que cheguei em Brasília – mesmo antes de ir para Brasília, eu já gostava de política, na minha juventude tinha participado do movimento estudantil... Então eu disse: “Bom, vou fazer um blog de política, enquanto arranjo um emprego na mídia convencional.” E ficava jogando as notícias de política que eu apurava. Com o passar do tempo eu comecei a evoluir para não dar apenas política, embora política seja o “prato forte” do blog. Comecei a variar mais os conteúdos. Foi tudo muito intuitivo, eu não tenho pesquisa, e nunca tive. Não sei, não conheço o perfil dos meus leitores. Posso intuir, pelo fato de já estar há quatro anos fazendo (o blog), pouco mais do que isso. Mas nunca tive pesquisa, nem tenho. Então, eu comecei a sentir a necessidade de construir uma espécie de “grade de programação” do blog, que fosse alguns momentos, ao longo do dia, onde eu pudesse oferecer determinadas seções que não teriam a ver necessariamente com política, determinados conteúdos. Um pouco mais ali, vamos dizer, para dar uma certa ordem na leitura. Para que as pessoas pudessem saber que aquilo ali tinha um começo, meio e fim, porque blog é a única coisa que não tem hora de fechamento. Não fecha nunca. Então, como eu gosto muito de música, às 07h30 (sete e meia) da manhã eu

inventei de oferecer a “Música do dia”, que é sempre uma dica de música. Depois disso, às 11 hs da manhã tem a dica de site, ou de blog – eu estou sempre sugerindo um outro blog ou outro site. Aí a obra-prima do dia, que entra ao meio-dia, porque alguns leitores disseram: “Pô, você tá botando a 'música do dia', por que não cria a 'obra-prima do dia'?”. Então, tem uma amiga minha que gosta dessa coisa de artes plásticas e começou a se encarregar dessa seção “a obra-prima do dia”. Aí eu notei que no fim da tarde sempre ficava muito carregado de política, e resolvi inventar uma “hora do recreio”, que na verdade é um vídeo do “Youtube”: pode ser música, pode ser comercial, uma coisa engraçada. Mas senti a necessidade de fechar. O quê que vai fechar essa programação, pelo menos até meia-noite? Aí inventei a “foto do dia” (que não precisa ser necessariamente política) e um “poema da noite” para fechar ali a noite, porque tinha um bocado de “nego” que sugeria: “Bota aí poema, tem poema, poema é legal, não sei quê”. Fecha a noite. E recomeça logo em seguida, porque tem já os jornais entrando na coisa. E também como eu vi que, em períodos de calmaria na política, o blog ficava meio sem ter conteúdo, com um conteúdo mais fraco, inventar essas seções e também ir, aos poucos, montando um time de colaboradores do blog – que é outra coisa importante: pessoas que escrevem artigos para o blog – foi uma coisa que ajudou a tornar o conteúdo um pouco mais rico, mais diversificado, um pouco menos politicamente chato. **Eduardo – Quer dizer, ele é um blog de política, mas ao mesmo tempo você cria todo um universo em torno dele com alguns temas diferenciados. Quer dizer, não deixa de ser um complemento ao trabalho que você faz.** É. E pra diversificar ali o conteúdo, não ficar só na política. Principalmente porque há momentos de muita calmaria na política e eu não teria o que fazer se eu ficasse... ficasse preso ali na política, não dava. Mas eu sempre me dei ao capricho de... em determinados momentos... quer dizer, eu tenho preocupação de dar ali... é como se fosse uma espécie de um jornal meu. Um jornal que me interessaria...

não é que me interessaria fazer jornal – eu estou falando uma coisa impressa. As pessoas entram ali dizendo: “Bom, o que é que nesse espaço esse cidadão, que eu já acompanho, que eu já leio, já conheço, não sei quê, o que é que ele valoriza, o que é que ele acha importante.” **Eduardo – Quais são suas escolhas?** Quais são suas escolhas. Então, na política, que é o que predomina. Mas, por exemplo, morre Ives Saint-Laurent. Se eu puder, eu dou na frente (lugar de destaque no blog). Se eu não puder dar na frente, de todo jeito eu dou. Arafat está morrendo, agonizando, eu dou. Na época que o João Paulo II estava agonizando, eu resolvi abandonar qualquer outro assunto, mas qualquer outro assunto (se você abrir o blog e pesquisar, você vai ver), e só dei João Paulo II. Foi uma coisa que me despencou a audiência, as pessoas não estavam interessadas em acompanhar, pelo menos no meu blog, essa coisa de João Paulo II. Mas eu resolvi fazer uma cobertura intensiva...**Eduardo – O caso Isabella agora, também, um pouco...** Mas Isabella pouco. Mais no caso de João Paulo II, porque eu sou fascinado com essas histórias de Papa. Já li todos os livros que saíram sobre história de Papa, tinha um tio que era arcebispo. Então, gosto dessas futricas, eleição de Papa, o diabo a quatro. **Eduardo – Que não deixa de ser política...** Que não deixa de ser política. Então, eu faço isso. Como sou capaz de acompanhar a eleição americana. Na noite da reeleição do Bush, atravessei a noite só dando, e dando as coisas na frente, até porque os nossos sites param a partir de uma certa hora, e as pessoas que fazem os sites e portais vão dormir. **Eduardo – E você lá, “blogando”...** E eu fico lá...(risos).

3) Você se considera livre para produzir e editar seus textos no blog? O blog lhe dá essa liberdade, ou no jornalismo convencional você já era ou se sentia livre?

**Noblat:** Não... eu acho que no jornalismo convencional eu tive momentos, períodos,



fases, jornais onde eu trabalhei, onde eu tinha mais liberdade ou menos liberdade. De 42 anos de profissão, te diria que talvez a fase onde eu desfrutei de mais liberdade para publicar as coisas do jeito que achava que deveria, ou influenciar nessa publicação, foram os 8 anos do Correio Braziliense, de 1994 a 2002. Eu dirigia a redação, o jornal estava passando por uma transformação grande, e o presidente do jornal, que era o Doutor Paulo Cabral, bancava todas as maluquices que a gente fazia. Eu nunca tive tanta liberdade pra fazer jornalismo como nesses 8 anos do Correio. Como tive numa certa fase, boa, do Jornal do Brasil (JB). Quando eu fazia a coluna política lá no JB, Coisas da Política, ou substituía Castelo (o analista político Carlos Castelo Branco, também conhecido como Castelinho), nunca tive nenhuma ingerência. No mais é uma coisa... quer dizer, no resto do tempo, era uma coisa que tinha mais ingerência, menos ingerência, mais liberdade, menos liberdade. No blog eu até agora não tenho absolutamente do que me queixar. Tanto no contrato que eu fiz originalmente com o IG, depois de um tempo, como depois no Estadão, quando o blog foi pro Estadão, e no Globo, faz parte do contrato que o conteúdo é responsabilidade minha, para o bem ou para o mal. Por exemplo, se eu sou processado, sou eu quem tenho que me defender. Não é o portal que me defende. Eu estou sendo processado pelo Renan (Senador pelo PMDB de Alagoas, Renan Calheiros). Isso sai pelas minhas... sai do meu bolso. O Globo não tem nada a ver com isso. Em compensação, eu publico ali... eu não consulto ninguém sobre o que eu publico ali dentro. E até hoje, pelo menos, nem no Estadão, nem antes, no IG, nem agora no Globo, não tive nenhum problema, até agora. Espero não ter.

4) Quais critérios são utilizados para selecionar os temas e matérias postadas em seu blog?

**Noblat:** Basicamente, sendo notícia, notícia apurada por mim ou que eu pegue em outros

blogs, outros sites, outros jornais, é o critério do que eu julgo relevante. Do que eu julgo que possa interessar aos leitores. Não me interessa se aquilo vai agradar mais ao pessoal de... simplificando: de PT, ou de PSDB, ou de não sei quê. Tanto que eu coleciono acusações de que sou de um lado e de outro, e me divirto muito com esse negócio. Então, quer dizer, a escolha que eu faço daqueles assuntos é muito o quê que eu, se estivesse numa redação de jornal, escolheria. Não vejo nenhuma diferença entre o que eu escolho ou o que eu escolheria, se estivesse trabalhando num jornal. **Eduardo: Numa direção de redação?** Numa direção de redação de um jornal qualquer, entendeu? Claro que na internet você tem um espaço que é infinito. Você pode dar muito mais coisa do que você daria num jornal, ou mesmo numa revista. Você pode fazer uma coisa mais intensiva, se for o caso. Mas o critério de escolha é dizer isso é relevante, isso não é relevante. Dona Denise (ex-diretora da ANAC – Agência Nacional de Aviação Civil) dá hoje uma entrevista dizendo que Dona Dilma pressionou para vender da Varig. É óbvio que isso é relevante. Põe lá. Dona Dilma dá uma coletiva agora, responde, chama dona Denise de mentirosa. Põe lá, é importante. Vai ter uma votação agora de tarde, ou de noite, da criação ou não da nova CPMF. É óbvio... Então não há diferença de olho nisso. Pode haver na escolha dessas seções. “Poema da noite” certamente não publicaria no jornal, embora pudesse ter semanalmente uma seção sobre isso. A “música do dia” não. Mas, enfim, fora isso nada. **Eduardo: É seu critério pessoal.** Meu critério pessoal, do que eu acho, como jornalista, que pode interessar aos leitores do blog.

5) Qual é o tipo de relação que tem com seus leitores? Você oferece espaços para opiniões complementares ou contrárias às suas? Quais são os limites e dificuldades dessa relação?

**Noblat:** Veja, ofereço. Primeiro, que tem um espaço de comentários onde os leitores

podem escrever, e escrevem lá. Com uma diferença que eu acho até que é uma diferença a favor do blog, que eu faço. Na maioria dos blogs de política – talvez não só de política, mas na maioria desses blogs mais conhecidos, que estão nos grandes portais, nenhum comentário entra sem que o próprio blogueiro, ou alguém designado por ele, leia esses comentários, aprove e ponha lá. É o caso do blog do Reinaldo, do blog do Nassif, do blog do Josias, do blog do Moreno, todos tem uma leitura prévia dos comentários. No meu não. No meu entra direto. Sempre foi, desde o primeiro dia. O que acontece em seguida – e isso só foi inventado de dois anos para cá, porque uns *hackers* lá entraram, invadiram e detonaram o blog. Eu criei uma série de regras, que estão publicadas lá no blog: “olha você não pode botar uma mensagem aqui que caracterize calúnia, infâmia, injúria, porque quem vai responder por isso sou eu. Não escreve em caixa alta, porque fica uma coisa muito gritada. Não repete mensagem, o mesmo post, o mesmo comentário, na mesma nota. Não repete.” Porque às vezes as pessoas ficam repetindo não sei quantas vezes. São basicamente essas as regras. Aí eu tenho um moderador que lê, depois que o comentário foi pro ar. E o cara está dizendo ali “Lula é ladrão!”, não pode, porque quem vai responder na Justiça sou eu. Ou o cara está repetindo a mensagem não sei quantas vezes, ele corta, deixa uma mensagem só. Então você tem uma moderação *a posteriori* disso. **Eduardo: Esse colaborador, é um colaborador voluntário?** É um colaborador remunerado e tudo. Era um leitor do blog que, como era muito aplicado, um dia eu o convidei. Nem o conhecia. Aliás só conheci um dia desses. Há dois anos que ele trabalha comigo, fui conhecer um dia desses. Nunca tinha visto a cara dele na minha vida. Ele mora no Rio. **Eduardo: Tem tempo para ficar lendo os comentários...** Tem tempo. Ele dá mais tempo para o blog que eu. É um fanático pelo blog (risos). Então, veja, os comentários saem lá. Além disso, tem lá dentro do blog a seção “fale com o blog”, em que as pessoas escrevem. Isso cai direto no moderador. Quando são coisas que ele pode resolver... o cara escreve:

“ah, fui bloqueado, porque botei lá um negócio e, depois de não sei quantas advertências, continuei pondo e fui bloqueado.” O moderador resolve lá com ele, eu nem me meto. Mas muita gente escreve para o “fale com o blog” querendo falar comigo. O moderador me repassa. E outros, muitos, também me escrevem diretamente, porque o meu e-mail está publicado alí. Todos os dias eu recebo uma média de duzentos, duzentos e poucos e-mails. Não quer dizer que todos esses duzentos serão respondidos, porque muita coisa é só “release”, é coisa que mandam pra não sei quê. Mas tem ali uns 30, 40 e-mails de leitores que por dia eu respondo. Vem desde contestando alguma coisa que eu escrevi, ou apoiando, ou perguntando coisas, ou pedindo favores. “Olha, dá para apurar tal fato, em tal lugar, aí em Brasília? Ou então é a mãe perguntando: “a minha filha está fazendo 14 anos, está querendo fazer jornalismo. Será que ela deve fazer jornalismo?” Aí tem pra tudo, entendeu? **Eduardo: Nelson Rodrigues passou um apuro por causa disso.** É verdade, mandou a turma envelhecer. E eu respondo. Não deixo sem resposta e-mail que vem pra mim perguntando alguma coisa. Eu não deixo. Eu geralmente respondo isso entre meia-noite e pouco até duas horas da manhã, porque a partir das duas entram os jornais no ar. Aí eu vou fazer o tal do “clip”.

6) Você pensa que os blogs (e, por extensão, as novas tecnologias de informação e comunicação – NTICs) são capazes de influenciar o comportamento político das pessoas e de interferir na política? Onde você vê as possibilidades dessa intervenção?

**Noblat:** Eu não tenho a menor dúvida quanto a isso. Não só no comportamento ou na formação da chamada, digamos, opinião pública, como no comportamento dos atores políticos. Isso eu tenho... quinhentos exemplos disso. Desde o Suplicy (Senador Eduardo Suplicy, do PT de São Paulo) dizendo, da tribuna do Senado, “resolvi assinar aqui a CPI

dos Correios, porque li no blog do quarenta e dois comentários – a expressão que ele usou foi essa – altamente destrutivos para mim” ao Roberto Jefferson se socorrendo de uma notícia que tinha saído no blog, dizendo “Olha aqui, acabou de dar no *blog* do Noblat”. Ou o “seu’ Álvaro Dias (Senador Álvaro Dias, do PSDB do Paraná) tendo que se explicar lá da tribuna do Senado, que eu tinha acabado de dar que ele é que tinha vazado o dossiê (com dados sobre gastos do governo FHC). Eu tenho uma coleção... ou o Simon (Senador Pedro Simon, do PMDB do Rio Grande do Sul) pedindo desculpas – essa foi um vexame! No dia em que a Folha (de S. Paulo) saiu com a manchete – era uma sexta-feira – sobre... eu acho que era sobre o dossiê, mas eu não me lembro mais qual exatamente o detalhe... parece que era que Erenice Guerra (funcionária do gabinete civil da Presidência) tinha feito o dossiê, ou tinha montado, uma coisa dessas. Uma manchete, numa sexta-feira. E eu olho a sessão do Senado, está lá o Simon falando de outro assunto. E era o grande assunto político do dia essa manchete da Folha. Aí eu pus uma nota, enquanto ele falava, dizendo: “Vem cá, Simon está aí falando de outra coisa. Será que ele vai conseguir terminar a leitura do discurso sem tocar no assunto do dia?”. **Eduardo: Isso chegou a ele, e ele no discurso...** Não, quando saiu a nota, dez minutos depois me ligou um assessor do Simon: “Pô, você está sendo injusto com ele!” Eu digo: “Não, não estou. O grande assunto é esse.” E ele: “Não, mas isso é na sua opinião.” Eu digo: “Sim, mas no blog eu dou a minha opinião, não dou a sua necessariamente”. Eu sei que o Simon acabou o discurso sem falar do assunto. Alguém deve ter advertido ele– a própria assessoria, ele pede um aparte... Isso tudo eu tenho gravado em vídeo, é muito interessante. Como essas coisas do Suplicy, do Roberto Jefferson. Tudo eu tenho em vídeo. O Simon volta, pede um aparte, e diz: “Olha, o Noblat acabou de dar a seguinte nota”. E leu a nota, criticando ele. “Eu quero pedir desculpas públicas. O blog tem toda a razão. Eu deveria ter falado desse assunto. Só que eu subi aqui para ler o discurso, que já estava pronto, e eu não tinha lido a

Folha de S. Paulo. Faço questão de ler agora”. Pegou, leu a matéria da Folha de S. Paulo. Isso eu tenho exemplos adoidados. Imagino que outros blogueiros também tenham.

**Eduardo: E o comportamento mais coletivo, eleições e tal, você acha que a influência da internet...** Aí eu não tenho como avaliar. Eu acho que a influência da internet será cada vez maior. Você já tem isso nos Estados Unidos. Tem pesquisas que mostram como, a cada eleição, desde a segunda (eleição) do Clinton (Bill Clinton, Presidente dos Estados Unidos, Partido Democrata)... **Eduardo: Mais de 25%...** Não, lá na última (eleição), do Bush, 23% dos americanos entrevistados diziam que a internet tinha pesado muito na escolha deles. **Eduardo: Se informam sobre política na internet.** Não, que tinham definido o voto presidencial fortemente influenciados pela internet. Vinte e três por cento na reeleição do Bush. **Eduardo: É muita coisa.** Agora, principalmente depois desse aproveitamento que o Obama fez de forma tão inteligente da internet, não tenho nenhuma dúvida. E aqui vai ser a mesma coisa. Apenas aqui a gente não mede nada, ou mede muito poucas coisas. **Eduardo: É questão de tempo, pra uma eleição ou duas, a coisa ser mais...** É, tem que deixar passar um pouquinho mais de tempo. Mas eu acho que sim. Acho que a internet terá, está tendo uma influência e terá cada vez maior.

7) Acredita que o jornalismo e os jornalistas de política, na internet, sites, blogs, são protagonistas e pautam de alguma forma os demais meios de comunicação e a própria política? Em que circunstâncias os blogs e o jornalismo político assumem esse papel de protagonistas?

**Noblat:** Principalmente pelo fato de que eles saem na frente com as informações. Isso aí é a grande diferença. Segundo, você tem uma pesquisa... um dia desses eu guardei até essa pesquisa. Ou alguém me mandou. Eu posso te repassar. Lá você tem: 82% dos jornalistas

entrevistados, 82... uma pesquisa de uma empresa de consultoria, só ouvindo jornalistas. E aí tinha lá: 82% dizem que lêem blogs todos os dias. **Eduardo: Dos próprios jornalistas?** Só com jornalistas, a pesquisa era só com jornalistas. Se 82 % dos jornalistas entrevistados dizem que lêem blogs todos os dias, é evidente essa influência. (...)

8) A internet e as novas tecnologias representam uma ameaça para o jornalismo político, a ponto de o jornalista precisar optar entre o interessante (sensacionalismo) e o importante (a credibilidade da informação)? (a pressa, velocidade, instantâneo, o superficial)

**Noblat:** Acho que não. Eu acho que elas podem ameaçar a mídia convencional. Não o jornalismo. Se amanhã, se um belo dia, o jornal impresso morrer, desaparecer, sumir, for para o buraco, o jornalismo... não é que se transfira, já está se transferindo para esse espaço aí da internet. Como para outros espaços que você terá, naturalmente. **Eduardo: E o jornalismo político, você acha que a internet...** Então eu acho que a internet, nem esses novos meios, não acho que eles ameaçam. Pelo contrário, eu acho que eles são espaços novos, que começam a ser, e que serão cada vez mais aproveitados, pelo jornalismo em geral, incluindo aí a política. Essa coisa de que “não, na internet é muito artificial, é muito superficial, tudo é fragmentado...” **Eduardo: É a pressa...** “É a pressa”. Nada. Pode ser assim, mas pode não ser assim. Tem ainda uma lenda de que na internet você não tem tanta responsabilidade de apurar a informação, como você tem que ter nos meios convencionais de comunicação. Mentira. Em qualquer meio convencional de comunicação o erro tem muitos pais, o que significa não ter nenhum. Fica ali distribuído: é o editor, é o chefe, acaba não sendo (de) ninguém o erro que saiu ali. E pro leitor se dilui, porque você tem ali aquele aparato da marca do jornal. É um erro do jornal, não

chega a ser. Mas quando você faz uma... **Eduardo: Mas quando você o erro na internet, ele aparece mais rapidamente...** Ele é brutal! E o mundo desaba na sua cabeça. Principalmente em blog. **Eduardo: Outro dia citaram, inclusive, o seu blog, a questão de um incêndio aqui em São Paulo, numa fábrica de colchões, que estavam falando que era avião, que não sei o quê, uma correria danada...** Não, mas aquilo ali eu botei uma notícia do Globo News. O título estava lá: a Globo News acaba de anunciar que um avião se chocou... **Eduardo: Mas logo em seguida já tem como corrigir. No jornal impresso fica.** Fica.

9) Política e jornalismo político: como foi (e é agora) sua aproximação com a política e o jornalismo político, a sua relação com as fontes e os meios de comunicação nessa área? Qual você acha que deve ser o papel do jornalismo político com relação ao poder?

**Noblat:** O jornalismo político deveria ser... aliás, “o” jornalismo – seja político ou não - ele deveria ser, ou pelo menos eu enxergo (assim), um instrumento de fiscalização do exercício do poder em qualquer nível. Eu só entendo o jornalismo como o exercício da crítica permanente. Eu acho que estamos muito distantes disso, cada vez mais distantes disso. E não só aqui, em toda parte. Basta ver o papelão que fez a imprensa americana na cobertura da Guerra do Iraque. Está aí, atrás do prejuízo de ter se aliado com o governo americano, e de ter escamoteado tudo que existia de verdade sobre aquilo ali. E isso implicou numa perda de credibilidade muito grande, para a mídia tradicional americana. Falarmos de liberdade de imprensa aqui no Brasil é uma balela. Você tem liberdade de imprensa, sob controle dos proprietários nos grandes centros (urbanos); onde você tem uma maior competitividade, você ainda tem (liberdade de imprensa), ali. Não dá pra eu ficar no Estadão sem dar determinada notícia porque desagrada ou fere os interesses da



empresa, se de repente a Folha vem e dá. Nesses grandes centros, onde você tem um nível de competição maior, você tem um espaço um pouco maior, ou um pouco menos acanhado, do exercício dessa liberdade de imprensa. Mas no resto do país... **Eduardo: Porque a própria competição faz com que os...** A própria competição faz isso. **Eduardo: No resto do país, é o dono que manda.** E é. E quando eu digo “o resto do país” eu não estou falando o Norte, Nordeste, Centro-Oeste. Aqui, o Paraná. A imprensa do Paraná é extremamente venal, ou sob controle, como sempre foi. Salvo um momento ou outro. Agora, no momento, estão lá brigando com o Requião (Roberto Requião, governador do Paraná, PMDB), então podem fazer oposição a Requião, mas é uma coisa muito pontual. **Eduardo: Como foi essa aproximação sua com o jornalismo político?** Veja, eu sempre gostei de política, porque eu participava do movimento estudantil, secundarista, no Recife, depois movimento universitário... Sempre tive gosto pela política. Não foi nem coisa de dentro de casa, porque meu pai não ligava muito para esse negócio de política. Meu avô também não era muito de política. Ele exerceu muita influência sobre mim, em termos da opção pelo jornalismo. Ele trabalhava no Diário de Pernambuco, era linotipista, contava histórias fantásticas daquele mundo ali. Aquilo me atraiu. Mas eu acho que o que me fez derivar para o jornalismo político, mesmo quando eu não fazia jornalismo político, mas acompanhava e gostava... foi meu gosto por me meter em política em movimento estudantil. Foi isso que me levou ao jornalismo político. **Eduardo: E o aprendizado foi dentro da redação e na prática política que você tinha fora.** Foi. Foi isso. Basicamente isso. **Eduardo: E a sua relação com as fontes no meio político? Amizade? Distanciamento?** Veja, eu sempre evitei – e até hoje evito – fazer amizade. Quer dizer, eu acho que sou uma pessoa de um convívio, digamos, social agradável, porque eu sou uma pessoa relativamente educada. Eu tive um bando de tias velhas que me ensinou as boas maneiras. Meu mãe e meu pai se preocupavam menos com isso, mas

minhas tias velhas não. Me educaram, não sei quê, fale baixo, seja cortês, levante da cadeira, dê lugar a mais velho, essas coisas todas. Mas eu sempre evitei essa coisa de fazer amizade com fonte. Até porque, como eu já fiz algumas vezes e não deu certo, eu tive que romper com essas fontes na hora em que elas se viram metidas em confusões. Por exemplo, Fernando Lyra foi Ministro da Justiça, do governo Sarney. Era do grupo autêntico do MDB, lá na época da ditadura e tudo. E eu fiquei amigo de Fernando. Ao ponto dele ter sido meu padrinho de casamento, com dona Rebeca, de 30 anos. Ele já era Ministro da Justiça. Por duas vezes, ao longo desses anos todos de amizade, nós ficamos rompidos um ano, sem se falar, por causa de matérias que eu fiz sobre ele, que ele ficou mal. Ele deixou de falar comigo, de me procurar, não sei quê. Nós depois acabamos nos recompondo. Então, eu sempre tive o cuidado de evitar amizade. E também porque a experiência me ensinou que... você faz amizade, e muitas vezes tem que deixar o cara mal, no exercício da sua profissão, você fica complicado. **Eduardo: Fica no meio do caminho. Fica no meio do caminho. Eduardo: Nem tem uma boa fonte, nem um amigo...** Então eu procuro, eu cultivo as fontes, eu converso, mas com muito cuidado de não... vamos dizer, nem deixar que ela entre na minha intimidade, nem entrar na intimidade dela. Eu não frequento casa de... não é que eu não possa ir, eu posso ir eventualmente, mas eu evito, eu mantenho certa distância. Sempre mantive.

10) Você trabalhou durante décadas num jornal da grande imprensa, ocupando lugar de destaque na empresa (Correio Braziliense). Seu blog já esteve hospedado no IG, no portal do Estadão e agora está vinculado ao portal Globo. São grupos de peso, tanto do ponto-de-vista econômico quanto na perspectiva política. A seu ver, qual é a relação entre jornalismo e poder político e econômico?

**Noblat:** Toda. O jornalismo faz parte do status quo, e não quer que esse status quo mude, a não ser que (se) ele mudar também, se favorecer também dessa própria mudança. Os meios de comunicação aqui, em 64, todos apoiaram o golpe. Em 1968, poucos reagiram ao recrudescimento, ou à reafirmação da ditadura ali. Redemocratização, muitos levaram muito tempo para aderir, para se engajar nisso. **Eduardo: O movimento das diretas (1984) é um exemplo disso.** O jornalismo é isso, e é isso em toda parte. Ele faz parte da máquina, do aparelho do poder, de quem controla o poder, de quem exerce o poder. E ele caminha dentro disso, e se adapta às circunstâncias, mas ele jamais confronta isso. Ou as poucas experiências que você tem de confronto disso... **Eduardo: A menos que os (seus) interesses sejam contrariados.** É, mas não basta. Muitas vezes ele tem até seus interesses contrariados, mas... **Eduardo: Compõe.** Compõe, e não tem forças para confrontar, ou não ousa confrontar. Não é um fenômeno só nosso, é em toda parte. É cada vez mais. Principalmente devido à concentração da propriedade dos meios de comunicação, que é cada vez maior no mundo inteiro. Então cada vez você tem um número menor de donos de meios de comunicação. E cada vez mais meios de comunicação numerosos nas mãos de poucos donos. As grandes corporações estão tomando conta de tudo isso.

11) Nesses dias estive em São Paulo um jornalista do El País (jorna espanhol), José Maria Irujo, que trabalha com jornalismo investigativo, e ele participou de uma Mesa do Neamp (Núcleo de Estudos em Arte, Midia e Política). Ele proferiu uma frase que eu gostaria que você comentasse: “Ter sempre em conta que um primeiro ministro é sempre um mentiroso”.

**Noblat:** Eu acho que ele está corretíssimo. Eu generalizaria, diria que é preciso.... eu acho que com primeiro-ministro ele quis dizer governos mentem. E mentirão sempre. Você teria

que levar isso em conta. Só que a imprensa não leva. Ou só leva isso de forma relativa. Ou só leva em conta quando não tem outro jeito, quando é uma mentira escandalosa demais.

### **Entrevista com Luis Nassif – 29 de setembro de 2008. São Paulo, 16h30 a 17h50**

1) O que o levou a construir seu **blog**? Qual foi sua **motivação**?

**Luis Nassif:** Olha, eu sempre fui ligado nessa questão de internet. A “Dinheiro Vivo” foi a primeira empresa a trabalhar com o conceito de informação eletrônica. Lá atrás, desde 2003, quando eu montei o “Projeto Brasil”, que a ideia era criar uma comunidade eletrônica para discutir políticas públicas. Então, a ida para o blog se deu até de uma forma... Eu estava na Folha (jornal Folha de S. Paulo) ainda e coloquei um blog no UOL (portal Universo On-line, do grupo Folha). E de repente eu reparava que (em) algumas colunas minhas chovia de e-mails e tudo mais. Antes de ter o blog, eu reparei que algumas colunas explodiam de comentários. E aí eu fui conferir, eram aquelas que tinham chamadas na UOL. Ali deu para perceber que você tinha uma nova visibilidade através da internet. Aí, quando a UOL me convidou para montar o blog, de cara deu para perceber a... **Eduardo: isso foi em 2004?** 2004, 2005. Eu saí da Folha em 2005, já estava na UOL. Continuei na UOL mais algum tempo. Acho que 2005. De cara deu para perceber esse potencial. **Eduardo: Quer dizer, primeiro você começou com a comunidade...** É, a comunidade já era mais antiga, era uma comunidade de discussão. Mas nós apanhamos muito da parte de sistemas aí. Tentamos vários desenvolvedores. Tentamos em (inaudível, em inglês), tivemos problemas com sistema. **Eduardo: E o blog, você achou que era uma coisa mais rápida, mais ágil?** O blog é muito simples. Hoje eu tenho uma comunidade atrelada ao blog. O que a gente faz é... você dá visibilidade no blog. Eu estou

agora alterando tudo lá, para montar um arquipélago de comunidades, inclusive trazer outras comunidades... A vantagem da internet é que... Não tem que ser “eu sou dono do pedaço”. Você pega os grupos que estão pensando de forma diferente, traz, junta, e dá visibilidade. E organiza o contraditório. Agora, o blog ele deu uma explosão nas eleições de 2006. **Eduardo: Você acha que aumentou a demanda?** Aumentou porque é o seguinte: ao mesmo tempo que os blogs começavam a se firmar, houve uma profunda desmoralização da mídia escrita. Uma perda de credibilidade enorme. Você teve uma transição em vários jornais, (em) que eles perderam o rumo. Justo no momento da transição para uma nova mídia. Se criou uma demanda para um tipo de público que não era atendido pela grande mídia. Ela ficou uniforme.

2) Conheci seu **blog**, por leitura e acompanhamento dos temas. Mas, gostaria de saber **como você vê seu blog?** Como o caracteriza?

**Nassif:** Eu tento – ainda não consegui ainda porque... Como você tem hoje um público não atendido pela mídia - tem que haver, (por exemplo), uma concentração muito grande de pessoas do PT ou... O que eu tento colocar no blog é a diversidade. Eu acho a diversidade um elemento essencial. E essa diversidade significa o seguinte: se eu coloco uma opinião... eu não sou dono da verdade. Então, se eu coloco uma... Isso ficou bem interessante no começo, quando você estava criando a cultura do blog – porque blog é uma cultura. Você cria a cultura inicial, você fica preso a ela. Outro dia eu estava conversando com o Favre (Luis Favre, blogueiro - <http://blogdofavre.ig.com.br/>), encontrei ele num evento. Ele disse: “Olha, a pior besteira que eu fiz foi, quando eu abri o blog, não ter moderado os comentários”. Então se criou uma agressividade lá... Você tinha no começo muitos blogueiros que queriam audiência, e deixavam passar tudo

(comentários). E estimulavam a catarse. Eu procurei fugir disso aí. É uma armadilha isso aí. Você fica prisioneiro. Não tem debate: você tem catarse. **Eduardo: Quando você fala de diversidade, na verdade é o contraditório.** É o contraditório. A diversidade tem dois aspectos aí. Um é essa questão do contraditório. Outro é a diversidade de temas também. Então nós conseguimos, por exemplo, dentro do blog lá, especialistas em Direito, especialistas em políticas estratégicas, especialistas em energia. Cada craque! **Eduardo: Outro dia você estava falando dos gravadores, dos grampos, do equipamento (suposto grampo telefônico de uma conversa entre o Ministro Gilmar Mendes e o Senador Demóstenes Torres, do DEM-GO), sujeito já veio com o perfil, característica técnica. Dois minutos já estava lá (no blog).** Você viu? Você pega essas três semanas em que desarmaram esses factóides contra a Satiagraha (Operação da Polícia Federal que envolveu o banqueiro Daniel Dantas) . É uma moleza. E você vê, eu tenho 500 coisas, não é que eu estou focado nisso aí. Mas chega lá o leitor vem e fala: “O Jobim (Ministro da Defesa, Nelson Jobim) falou tal coisa disso aqui. Isso aí é errado por conta disso.” **Eduardo: É como se você tivesse uma redação ampliada.** É isso. Então, mas vamos pegar um ponto central dessa história. Por que ocorreu isso aí? Porque eu abri mão de ser dono da informação. Se você tem uma postura autoritária, você não cria iguais lá. Ali, desde o começo, eu fiz questão de enfatizar que temos uma comunidade, temos vários comentaristas, um dos quais é o blogueiro. **Eduardo: A relação é horizontal.** É. E esse é o ponto. E outro ponto também é essa questão... Qualquer forma de intolerância lá, você coibir também. Você tem uma intolerância, que às vezes não dá para segurar muito, que é essa questão política aí que... Mas você tem, às vezes... você tem umas guerras aí em relação a cor, cota racial, ou guerra Israel X Palestina. Isso aí são problemas complicados que você tem que, talvez, definir regras lá. **Eduardo: Mas até por essa coisa de ter um perfil de leitor diferenciado, você inibe.** É isso. É isso. Os leitores hoje, se alguém

chega... Você quer saber o dia em que o blog se consolidou? Foi o dia em que o Noblat entrou (no blog dele, Noblat), colocou lá um comentário, eu comentei o comentário dele e ele veio com aquele pessoal mais belicoso dele lá (comentaristas do blog do Noblat). E deu um quebra-pau. E o pessoal mais antigo do meu blog quis que eu tomasse uma decisão de vetar os “estrangeiros” que estavam chegando lá. E eu deixei claro para eles lá que não. Não tinha cabimento o blogueiro... **Eduardo: O espírito da blogosfera é democrático. Se você não abrir comentários, ou pelo menos, não abrir para o diálogo... não é blog, é uma coluna. Você vê....** Eduardo: Eu entrevistei uma pesquisadora na Espanha (Tíscar Lara, da Universidad Carlos III, de Madrid) que disse o seguinte: **tem blogs que se apresentam como blogs que não são blogs. São colunas com uns penduricalhos. “Ah, tem um pouquinho de interatividade, tem não sei o quê”.** Claro. Claro. **Eduardo: Mas, por exemplo, esses que estão vinculados às empresas.** Esse é o ponto. Eu tive uma liberdade nesse aí... Agora, esse caso específico aí é interessante, porque criou um paradigma. O paradigma é o seguinte: o que eu mais temia lá era a “chacrinha”, você virar... Tudo bem, as pessoas ficam amigas lá, você tem os comentaristas de sempre. Mas se vira “chacrinha”, você está perdido. Então eu coloquei lá o “Trivial” (seção do blog) para quem quiser até se relacionar. E depois com a Renata (esposa de Luis Nassif), ela criou a comunidade “Verso e Prosa”. Daí uma parte foi para lá. E eu criei a comunidade do blog. Então as pessoas que querem conversar, trocar impressões, se relacionam lá. Eu acho que um certo clima de afinidade é bom. É bom. **Eduardo: Eu acho interessante que você responde comentários. O Noblat, por exemplo, raramente responde. O comentarista é estúpido, você vai lá e dá uma cortada. Ou tenta provocar a inteligência das pessoas. Isso é interessante, do ponto-de-vista de manter a credibilidade do blog.** Sabe uma coisa interessante? Quando começou a... Por exemplo, eu punha um artigo meu. Aí vinha um leitor e rebatia com bons

argumentos. Argumentos contrários. Eu pegava e publicava junto. Dava um nó na cabeça. Ainda não havia familiaridade com esse contraditório. Dava um nó na cabeça do leitor: “Mas vem cá, quem está com a razão?” Era uma discussão de argumentos e, no final do processo, os dois vão estar pensando diferente e vão... **Eduardo: Ficava argumento contra argumento e o leitor ficava com as duas visões...** É. E um ponto interessante é essa desconstrução que estamos fazendo... Eu sempre investi contra esse “efeito manada” da mídia. Eu lancei um livro em 2002, “O jornalismo dos anos 90”, em que analisava lá uns 20 casos de linchamento (da mídia), em que eu fiquei contra. Inclusive o caso da Escola Base, em que eu fiquei sozinho numa ponta lá, até inverter. Depois que o leitor começa a entender esse jogo, ele vem e traz. Você tem, por exemplo, os comentaristas de mídia lá de... Vamos pegar um caso fantástico: quando o Jobim (Ministro Nelson Jobim, da Defesa) soltou aquela lista de equipamentos da ABIN (Agência Brasileira de Informação; lista de equipamentos que teriam sido usados no suposto grampo acima mencionado), um professor de Filosofia entrou na internet e falou: “Gente, o que ele pegou foi copiar uma lista do site do fabricante”. Cinco dias depois, o Jobim foi lá na CPI (dos grampos eletrônicos), perguntaram para ele, não teve como negar. Ou seja, quando o leitor começa a entender a lógica... **Eduardo: Não assumiu, porque ele iria levar um laudo ou parecer que o General Félix disse que ele ia levar, ele disse: “Ah, não, não trouxe nada”.** Sim, mas agora o Globo (jornal) deu lá escondidinho que o laudo dizia que era impossível grampear (com os equipamentos que a ABIN possuía no momento). **Eduardo: Os dois, a Polícia Federal e o Exército também está dizendo.** O Exército também. **Eduardo: Um general pediu a demissão por conta desse negócio. O Ministro está desmoralizado.** Está desmoralizado. Mas a parte mais interessante é a seguinte - você está acompanhando o blog você vê: os leitores pegaram todas essas manhas. Todas essas manhas jornalísticas. Eles aprenderam a diferenciar, no dia-a-dia, o que é



manipulação, o que não é. Então, os jornais não se deram conta disso ainda. Quer dizer, hoje o que se tem... Você tem aquele pessoal que é ideologicamente a favor do governo e contra qualquer crítica que venha de onde vier. E você tem um pessoal que é aquele meio campo mais crítico, que passou a entender o que é essa lógica de manipulação dos jornais, todo esse ferramental. Isso não é de agora. Esse ferramental é histórico, de quem era dono da informação, e que agora não comporta mais. **Eduardo: Aquela expressão lá do Paulo Henrique Amorim, PIG (Partido da Imprensa Golpista), pegou...** Ah, totalmente. Hoje... Agora, você vê que interessante a (revista) Época. Aquela entrevista lá com o juiz. Você chegou a ver os comentários? **Eduardo: Vi. Eu li quase todos os comentários (no site da revista Época, comentários sobre entrevista com o Juiz Fausto De Sanctis, que está julgando o inquérito resultante da operação Satiagraha). 99% a favor do Juiz, contra o... Eduardo: Ministro Gilmar Mendes, do STF. É.**

3) Você se considera **livre para produzir e editar** seus textos no blog? O **blog lhe dá** essa **liberdade**, ou no **jornalismo convencional** você já é ou se sente livre?

**Nassif:** Liberdade completa ninguém tem. Você tem limites aí dados pela lei, limites dados pelos leitores, e limites dados pelo local onde você está. Na Folha, no período que eu fiquei até... até o afastamento do “seu” Frias, eu nunca tive nenhuma limitação para escrever. Às vezes, eu recebia algum telefonema do Otávio Frias, Filho, (ou do pai), com ponderações procedentes. “Olha, você está exagerando um pouco nisso”. Mas isso foram duas vezes, três vezes que eu recebi ao longo de... **Eduardo: Dez anos.** Mais tempo. Eu retomei a Folha em 1991. Mas nos últimos tempos acabou. Essa diversidade acabou totalmente. Em meados de 2005 acabou. Foi estimulado pelas eleições... Isso aí foi estimulado por outras razões, que eu não seria agora leviano de afirmar. Mas é evidente

que no período final que eu fiquei lá não tinha... não tinha... Eu continuei com a minha linha, mas criava um conflito cada vez maior. Quando você falava de alguns bancos de investimento, você tinha conflito. Quando você tocava... Ali era questão de lançamento de ações e tudo mais. E daí entra um ponto complicado também, que é quando entra a transição (de comando no jornal, empresa familiar)... O Otávio (Frias Filho) é muito instável. O pai, ele tinha uma lógica. Era um sujeito duro, frio, mais você entendia. Era um cara... Você entendia a lógica do pai. E a lógica do filho é muito ligada a idiossincrasias, muito sujeito a... Então isso aí provocava uma insegurança em todo mundo. Tanto que hoje você vê o time... **Eduardo: Pelo temperamento dele.** É um temperamento muito... Muito fechado, muito instável. O ponto central era que o “seu” Frias estimulava a diversidade. E a diversidade era um elemento central. Que a Folha... Você vê todas... A Folha sempre foi conhecida pelos exageros que ela cometia, de um lado ou de outro. Mas nunca pela parcialidade ou por “rabo preso”. Aquela história de não “rabo preso” realmente foi...(mote da propaganda em certo momento, que dizia que a “Folha era um jornal de rabo preso com o leitor”). Ela, dentro dos interesses que cercam uma empresa jornalística, ela foi a que soube se comportar melhor lá. **Eduardo: A Folha era uma referência. O pessoal do PT lia, a esquerda, o pessoal do...** Do PSDB, tudo. Agora, a loucura da Folha, quando o “seu” Frias sai, é que entra numa fase complexa, em que você tem que ter um conjunto de definições, mudança de padrão tecnológico, dificuldades financeiras que estavam passando e tudo mais. **Eduardo: Você pegou a fase do Cláudio Abramo?** Não. Quando eu entrei, o Cláudio já tinha... Era o Bóris. Ele (Cláudio) tinha a coluna (São Paulo, página 2). Mas, então, essa perda de parâmetro aí... Os meus conflitos, a minha saída, era apenas um capítulo. Você tem o caso do Beraba (Marcelo), o caso do outro Ombudsman. Isso tirou o referencial. Alguns colunistas mais independentes eles mantêm... mantêm uma linha meio intimidada, eu diria assim. E

outros, você pega aí, que seguem aquilo que eles acham que o Otávio (Frias Filho) quer ouvir. Então, com isso, você prejudicou muito a diversidade do jornal. **Eduardo: Fica... fica uma coisa meio forçada. O sujeito não escreve pela cabeça dele. Tem gente ali que... O Élio Gaspari foi um que mudou da água para o vinho.** É. O Gaspari “piscou” quando ele sofreu um ataque do... da Veja. Ele “piscou”. Isso é um ponto complicado, porque quando... isso aí foi uma das razões aí da minha série de Veja (“O Caso Veja”, série de artigos no blog mostrando contradições e ataques da revista a pessoas e instituições): quando a Veja me atacou... você pega uma revista com a tiragem da Veja, em que os colunistas tem autorização para atacar, o que é que você faz? Você “pisca”, se intimida e fala: “Vou ficar quieto para...”. Ué, então aposenta do jornalismo! Agora o blog, quando eu saí da Folha... **Eduardo: O Boechat (Ricardo Boechat) também foi atacado pela Veja.** Ah, foi. A Veja... Só que a Veja, ela sempre teve esse padrão das maldades e dos ataques, que vinha lá dos anos 80. Era com talento, e não tinha essa vinculação pesada que passou a ter com o Daniel Dantas, de 2005 para cá. Muito ligada a essa questão dos sul-africanos (investidores que passaram a ter participação no controle acionário do Grupo Abril, por uma abertura da legislação). Não foi imposição dos sul-africanos, mas foi a presença deles lá, mostrando como que... É 30% desse capital, mas não é aquela imposição do acionista. Ali, eles têm um estilo “barra pesada” e tem uma pessoa dentro da Abril... Parece que o Civita começou a aprender o que era você usar a parte jornalística como estratégia para ter uma influência política. Ele sempre foi alienado politicamente. Eu acho que foi aprendizado... Eu andei tentando entender, porque as pessoas falavam... A imagem dele, com as pessoas com que ele trabalhou, não é ruim. É uma pessoa que não tem a menor noção política, não tem ligação nenhuma com o Brasil. Mas com os sul-africanos, eles trouxeram um novo posicionamento nesse mundo de grandes capitais, e diversidade de poder, em que você usa a imprensa como um instrumento pesado para

tentar influenciar politicamente nos negócios. E a Abril caiu de cabeça nisso. Uma maluquice. **Eduardo: Mas no Brasil será que isso ainda está dando certo? Porque a imprensa está tão desmoralizada.** E ficou por causa disso. E foi feito com muita falta de talento, numa operação de alto risco, que colocou o pessoal em... **Eduardo: Não é o lobby, um grupo que está por trás?** Mais que isso. É mais que o lobby porque ali foi uma tentativa, num certo momento, quando houve esse pacto dos jornais, essa influência do Dantas em três grupos, especificamente, eles acharam que poderiam, em cima disso, conquistar o poder. Vamos abrir aquela entrevista que o Fernando Henrique deu, “isso aí é uma disputa pelo controle do Estado”, era aquilo. Então, no começo, quando eu vi aquele absurdo – isso enquanto eu estava na Folha, eu comecei a escrever contra isso ainda enquanto eu estava na Folha; você via... isso aí não estava dentro do padrão, nem para distorção jornalística. Era muita coisa. **Eduardo: Então, dentro da Folha, tinha algumas limitações.** Teve. **Eduardo: No blog, retomando aqui a pergunta: liberdade para produzir, editar...** Quando eu saí da Folha, parecia que eu tinha entrado numa piscina olímpica. **Eduardo: Piscina olímpica?** É. Parecia que eu tinha saído de uma banheira e entrado numa piscina olímpica. Apesar da Folha ter o alcance que tinha e o blog estar começando. Que ali (Folha), no final, foi complicado... **Eduardo: Mais interessante, porque na banheira você não consegue dar meia braçada...** Mesmo não tendo (o blog) pegado nem nada... Em dois sentidos: primeiro você passava a ter liberdade... não ter mais aquela “encheção de saco” de... Por exemplo, o caso da Veja. A Veja, no tempo da Folha, o meu maior medo, na minha briga com a Veja, na Folha, era levar uma “ferrada” por trás, uma puxada de tapete, uma coisa assim. Porque era... **Eduardo: Dentro da própria Folha.** Dentro de própria Folha! Eu já estava na fase de conflito... Então, quando você sai... Você fala: “Pô, mas o blog você não tem risco?” Tenho, uai. Tenho um portal lá (IG), que está por trás do... Mas o blog é a sua

personalidade que você coloca lá. O blog é a... Se você for pensar nas limitações e tudo, você não faz. Então, nunca tive... nunca consultei ninguém sobre o que escrever, o que não escrever.

4) Quais **critérios** são utilizados para **selecionar** os **temas e matérias (posts)** publicados em seu blog?

**Nassif:** É o pensamento diferenciado. Tem alguém – desde que não seja algum maluco – que coloca uma visão, vamos dizer... **Eduardo: Tanto os seus (posts), quanto os dos leitores, que você publica.** É. E aí às vezes choca, por parte dos leitores... Outro dia eu coloquei uma avaliação - (de) um dos leitores mais preparados que eu tenho – descendo o cacete na política externa brasileira para a América Latina. Eu não concordava não. Acho que o trabalho que está sendo feito na América Latina, do Brasil, é... O Brasil está ficando aqui a “potência amada”, que é uma coisa muito rara. Está virando a “potência regional amada”. Tanto que a aproximação com a Argentina se deu quando o Cavallo (Ministro da Fazenda argentino no governo Menem em 1997) desmoraliza as relações com os Estados Unidos. Hoje a Argentina... Mas eu publiquei o texto lá, porque era um texto muito instigante, com muito boas informações, numa visão totalmente contrária do que eu pensava. Deu um baita quebra-pau e tudo mais lá, mas... Essas visões diferenciadas são... o ponto central lá.

5) Qual é o tipo de **relação que tem com os leitores do blog?** Você oferece espaços para opiniões complementares ou contrárias às suas? Quais são os limites e dificuldades dessa relação?

**Nassif:** Você tem alguns leitores agressivos lá... Quando você tem... Você tem alguns leitores fiéis, que colaboram e tudo, mas que se sentem, às vezes, donos do pedaço. Então, começam a agredir outros leitores. É um ponto que você tem que colocar. Hoje, é muito mais fácil ter comentaristas “de fora” chegando sem serem mal recebidos por “panelinhas” lá. Você tem alguns casos de leitores que entram para atazanar. Eles tentam te monopolizar, te questionando. Questionam uma vez, questionam duas, questionam três, questionam quatro. Esse aí é o pior tipo (de leitor/comentarista), é o que dá mais trabalho. São questionamentos, em geral, educados, mas... Quando é o agressivo você já corta.

**Eduardo: Mais teimosia do que outra coisa.** É, mais teimosia. Mas aí você tem alguns leitores difíceis de... Agora, eu me dou bem com os leitores. Você tem alguns, por exemplo, que tem uma posição de admiração, defesa do blog, até a hora em que entra alguma coisa com que eles discordam. Então não tem nenhuma... Por exemplo: eu publiquei, umas duas semanas, informações que vieram de Brasília para mim, de que teria havido um acordo entre Lula e Veja para abafar essa Operação Satiagraha. Eu publiquei isso aí porque a fonte é... Eu nem sei se a fonte estava correta agora, mas é uma fonte bem situada, que me deu detalhes e tudo mais. Isso aí provocou um carnaval de leitores antigos, de agressão. **Eduardo: Contra?** Não contra a nota. Alguns deles, contra mim mesmo. Depois vieram pedir desculpa e tudo. Você tem... Eu estou numa trincheira hoje. Eu tenho parte de leitores que têm essa posição crítica aí de não se alinhar com grupos políticos. Agora, eu tenho uma parte dos leitores que, hoje, nós estamos juntos porque eu faço essa crítica à mídia. Mas amanhã, se tiver uma mudança, um outro tema em que haja... **Eduardo: Eleição, por exemplo.** Eleição, em que haja uma... **Eduardo: Se você tomar uma posição, que não agrade uma boa parte, eles vão...** É. A parte mais aguerrida lá, é uma parte que... Eles só querem ver aquilo que lhes agrade. E faz parte do jogo. Você tem que... **Eduardo: É que normalmente o leitor do blog não vai procurar**

**o contraditório. Vai procurar uma coisa mais ou menos na linha do pensamento dele.**

Mas você vê: lá no blog nós conseguimos uma diversidade bem interessante. **Eduardo: Quem não gosta sai. Quem não gosta da diversidade sai, procura um negócio com pensamento mais fechado.** Claro, claro. Por isso que quando tem alguns momentos de impacto, como a (Operação) Satiagraha, tem uma certa contaminação por um pessoal que passa a frequentar porque quer ouvir aquilo. **Eduardo: Você vê um comentário sobre a Satiagraha, a favor do Juiz De Sanctis, mas não necessariamente a favor do governo, ou das posições que o governo toma e...** Mas aí que a imprensa se queimou. Eu vou te falar o seguinte: essa insensibilidade da imprensa em relação a esse tema... Veja bem, vamos pegar a Época. A Época está... faz hoje o melhor jornalismo, dentro das 3 grandes revistas. Eu tiro a Carta Capital, porque ela é diferenciada, está bem acima aí, mas tem uma tiragem menor. E a Época, ela precisa do grande tema. Vamos pegar a Folha (de S. Paulo). A Folha se diferenciou nos anos 80 pegando as Diretas (campanha pelas eleições diretas para Presidente da República, cujo lema era “Diretas Já!”), e saindo sozinha. Se ela pegasse agora a defesa da Satiagraha... **Eduardo: Sozinha? Sozinha. Eduardo: Ela virava...** Agora, você acha que os caras não percebem isso? Por que estão todos dentro (na postura de condenação)? Porque tem interesses extra-jornalísticos nisso. Tem medos, receios. **Eduardo: Não foi à toa que a Andrea Michel fez a reportagem lá (que antecipou, em abril de 2008, a realização da Operação que seria deflagrada em julho e alertou Daniel Dantas).** Andrea eu ainda tenho minhas dúvidas, mas a Janaína (Leite), o período que ela ficou lá, em que a fonte preferencial era Heráclito Fortes (senador do DEM-PI), e se sabia que ela era ligada ao Dantas, e que assassina a reputação de uma juíza a serviço do Dantas, e tudo. O que explica isso? A Folha tinha a melhor jornalista do setor aí, que era a Elvira Lobato. Ela é afastada e entra essa moça aí, com todo... o editor sabendo que ela era ligada ao Dantas! Como é que faz isso?

6) Você pensa que os **sites** e **blogs** (e, por extensão, as novas tecnologias de informação e comunicação – NTICs) são **capazes de influenciar o comportamento político** das pessoas e de **interferir na política**? Onde você vê as possibilidades dessa intervenção?

**Nassif:** Eu vejo o seguinte: você tinha... Vamos pegar os Estados Unidos, a mídia convencional lá. Ela se auto-regula. Se o New York Times solta alguma coisa falsa, os outros jornais caem matando. Aqui você criou um cartel, em certo momento, com as eleições, em 2005-2006, com esse álibi do anti-lulismo, que eu denunciei naquela minha série da Veja. Aquilo era álibi. Era álibi para fazer coisa pesada. De alguns grupos, não de todos. Mas se criou aquele “grupo de auto-ajuda” lá, que você não tinha quem segurasse. Quem segurou? Foram os “lobbies”! Eu dei uma entrevista para o site “Vermelho”, chama-se “O suicídio da mídia”. Uma entrevista muito bem feita com o pessoal do “Vermelho” (site de agência de notícias ligado ao PC do B). Tinha gente que ligava e falava: “Minha avó mora no interior de Sergipe, lá na igreja imprimiram a entrevista e espalharam lá.” Hoje o fator... Por exemplo: teve o Prêmio Comunique-se 2008<sup>1</sup>. Eu estou fora da grande imprensa. Eu fui eleito. **Eduardo: Você ganhou o de jornalismo impresso.** De Economia. Impresso. E foi pelo trabalho do blog, obviamente. Você tem, a cada dois anos... **Eduardo: Não tem o prêmio de blog de economia.** Não. De blog geral, quem ganhou foi o Tas (Marcelo Tas, do blog do Tas). Criaram este ano. De blog geral. Agora você vê que hoje o fator de contenção desses abusos aí é a imprensa. Tinha muitos amigos lá (na premiação), jornalistas de primeiro time, que vinham conversar comigo envergonhados com o que está ocorrendo hoje, com essa manipulação da imprensa. Ou seja, eles conseguiram deixar mortos de vergonha os jornalistas sérios que

---

<sup>1</sup> Ver <http://www.comunique-se.com.br/>



estão na imprensa. **Eduardo: Você está dizendo que a internet é uma alternativa para a informação...** É uma alternativa. **Eduardo:... do leitor mais crítico, ou pelo menos que não aceita passivamente o jornalismo de “manada”, essa coisa que você falou de...** Veja bem: a internet é um universo totalmente diversificado. Tem desde aquele cara da Veja, que o papel dele é defender em qualquer instância a revista. Tem o cara da direita, tem o cara da esquerda, enfim... Mas o melhor depoimento que eu tive foi de um rapazinho, um leitor, o ano passado, ou retrasado, ele deixou um depoimento... que até foi gozado: ele deixou o comentário, eu publiquei o comentário e tinha gente lá dizendo... “pô, eu tô chorando”. Sabe aquele negócio da “revelação”. E o que ele falava? Ele falava: “-- Olha, eu sou filho de uma família de intelectuais. Meus pais são professores da USP, (meu) tio é professor da USP. E toda a base de informação deles são os jornais. Eu chego de manhã, entro no seu blog, entro no blog do Dirceu, entro no blog do Reinaldo, entro no blog do Paulo Henrique (Amorim), entro nisso, entro naquilo. E daí, quando chega no final-de-semana, no almoço de família, eu fico morrendo de dó deles. Eu sei muito mais do que eles.” Então o leitor, hoje, tem alternativa de confrontar visões diferentes. Ele confronta, ele questiona e tem o “feedback”. É outro jogo. **Eduardo – Mas isso você chamaria de mudança de comportamento por conta da internet?** Ah, totalmente. **Eduardo: Comportamento político?** Totalmente. **Eduardo: É influência da internet?!** Totalmente. Porque antes, você tinha o quê? As cartas dos leitores, só o Painel (dos leitores) da Folha (de S. Paulo) que tinha mais liberdade para os leitores se manifestarem. Quando vêm os e-mails, o leitor começa a “bater mais duro”. Quantas vezes o (Clóvis) Rossi e a Eliane Cantanhêde reclamavam da agressividade dos leitores? Por causa do e-mail. Que é internet. Quando você vem com os blogs... Vamos fazer o seguinte: você pega a Revista Época, lá, uma matéria que ela fez escondida (sobre o juiz Fausto De Sanctis e a Operação da Polícia Federal chamada de Satiagraha). Não havia nem chamada. De

repente você tem lá 400 comentários. Trezentos e noventa e tantos a favor do juiz. Isso aí é “feedback” que você não... **Eduardo: ...que jornal nenhum tem, por mais que fiquem lendo as cartas dos leitores.** Não. E aí é que está o negócio. Com a internet, com os blogs - por que eu leio todos os comentários dos (meus) leitores? - você tem o pulso do leitor na sua mão. **Eduardo: É isso que eu ia perguntar. Ainda sobre a sua relação com o leitor do blog. O Noblat, por exemplo, (toca o celular) disse que nunca aferiu o pensamento do leitor, nunca fez pesquisa para saber qual o perfil do leitor. Você afere isso pelos comentários?** Pelos comentários. Veja bem: o que o comentário te passa? Por exemplo, essa minha “guerra” com a Veja. Em determinado momento, a maior parte dos leitores estava estimulando, estimulando. De repente entram uns dois ou três e falam: “Pô, você está exagerando, 'dá um tempo!'” Não é uma questão quantitativa. Você então olha e fala: “Não, vamos manerar, então, para não dar uma 'overdose’”. **Eduardo: Porque tem uma competição aí, entre os blogs, por números de comentaristas. Eu acho que no teu blog funciona mais a questão da qualidade.** Não, a qualidade. Veja, os comentários são uma parte da audiência. Inclusive agora, neste período, eu estou com 25000 visitantes/dia. Às vezes cai para 20 (mil), cai... eu esto falando visitantes únicos. **Eduardo: IPs únicos (IP é o número que identifica cada computador que teve acesso ao blog).** É. Agora, o ponto central aí é... jamais eu vou... se eu for privilegiar... Obviamente, você pega os temas que você percebe que o leitor gosta mais, você é até induzido a entrar naqueles temas. Esse acompanhamento da (Operação) Satiagraha, isso aí é um tema que jornalisticamente não tem como você... **Eduardo: Não tem como escapar.** Não. É “o” tema! **Eduardo: Só a mídia hegemônica que está... desviando para “grampo”, para maleta, para não sei quê.** É muito na cara, não? (risos) Mas você vê: está uma delícia. Isso aí é um jogo, para mim, inesquecível. O que eu estou passando nessas semanas aí... Sai um factóide lá, meia hora depois os leitores vêm e derrubam. São os leitores! Eu uso

muito, nesse sentido, um ponto que... você tem parte dos leitores que são os “leva-e-traz”. Aquele que diz: “estão falando assim de você nesse blog”. Isso aí você tem que tomar cuidado, para não entrar nesse jogo. E você tem parte dos leitores que... a maior parte está a fim de uma discussão de nível mais alto. **Eduardo: E a interferência na política. Numa determinada circunstância, uma informação que não sai na grande mídia, mas sai no blog, pode interferir numa crise política. Pode até criar uma crise política. Pode. Eduardo: ... no sentido de que há uma reação do outro agente, do outro ator político...** Desde que tenha credibilidade. Tem que ter credibilidade. Mas o que eu digo é o seguinte: vamos pegar um ponto interessante aí dessa história. Você tem o “mercado de opinião”. No “mercado de opinião”, você tem quatro, cinco veículos que participam dele: a Veja, a Globo (de uma maneira geral, o Complexo Globo), Folha de S. Paulo, O Estado de São Paulo. Praticamente. Você tinha a Editora Três (que edita a revista ISTOÉ) que hoje está fora. Você tem esses quatro aqui. Quando eu comecei a série contra a Veja (O Caso Veja; citar o endereço eletrônico)... digamos que eu colocasse na Carta Capital. Talvez não tivesse a mesma repercussão do que colocando no blog. Então você vê que os blogs começaram a invadir esse “mercado de opinião”. O próprio Mino, no período de dele de blog<sup>2</sup>, você vê que ele tinha uma visibilidade maior do que tem hoje. Ou bem o blog, ele passou a invadir esse “mercado de opinião” - ora, não queremos a projeção do “grande jornal”, mas já é um elemento relevante, que não pode ser desconsiderado mais.

**Eduardo: É aquela coisa que o Paulo Henrique Amorim fala toda hora: “Jogue o**

---

<sup>2</sup> O blog do jornalista Mino Carta (“direto da Olivetti”), diretor de redação da Revista Carta Capital, esteve hospedado, inicialmente, no IG (Internet Group), no período de 4/9/2006 a 19/03/2008 (<http://blogdomino.blog.ig.com.br/>, acessado em 07/07/2009). Por solidariedade a Paulo Henrique Amorim, que teve seu blog no IG desativado sem aviso prévio, num episódio descrito na entrevista com Paulo Henrique Amorim (mais abaixo), Mino Carta resolveu desativar seu blog no IG naquela data (19/03/2008). O blog voltaria em 7 de outubro de 2008, no provedor que hospeda a revista Carta Capital, com o seguinte endereço: <http://www.blogdomino.com.br/> (acessado em 07/07/2009). Mino Carta desativaria, definitivamente, seu blog em 04/02/2009, dizendo-se desalentado e tendo falido sua crença no jornalismo (mais detalhes na entrevista com Mino Carta, mais abaixo). O jornalista continua, no entanto, a publicar editoriais e artigos críticos ao modo de atuar do que ele chama de “mídia nativa” na revista Carta Capital. A referência que Luis Nassif faz ao blog do Mino Carta remete ao primeiro período do blog.

**PIG (Partido da Imprensa Golpista) fora!”** Porque ele vai, dá uma informação que demole uma versão, demole um factóide... (risos) Um “barato”, não? **Eduardo: ... num estilo quase “rodrigueano”, ele bate assim meio obsessivamente em algumas coisas e já sai atacando a mídia em geral. Eu estou reparando que é uma característica que você, o Mino Carta e o Paulo Henrique Amorim têm: essa preocupação de analisar a mídia. Vocês não são só jornalistas que estão postando suas notícias, suas informações. Vocês estão fazendo um diálogo, estão tensionando essa própria mídia. Questionando o tempo todo.** Veja bem: quando eu comecei essa série da Veja, a minha maior preocupação era mostrar que não havia nenhuma preocupação de ordem ideológica. Quer ser conservador, quer ser direita, quer ser esquerda, cada qual segue lá o seu rumo. Agora, você tem um compromisso: tem que seguir os princípios jornalísticos. A força da série residiu no fato de você fazer a crítica jornalística. Eu vou lhe dar um exemplo da força dos blogs: outro dia eu coloquei um comentário de um comentarista amigo meu que fala para rádio. O comentário saía daquela posição única da mídia e fazia uma crítica a essa campanha contra a Polícia Federal. Eu coloquei lá. Daí os leitores não gostam muito dele, saíram batendo. O pessoal mais ligado ao PT. Eu tirei os comentários mais agressivos, mas deixei algumas críticas. No dia seguinte, ele faz um comentário “descendo a ripa” no Gilmar Mendes. Eu falei: “eu acho que ele veio no blog”. Daí no (Prêmio) Comunique-se<sup>3</sup> encontrei com ele lá: “Pô, fui no seu blog outro dia, mas o pessoal (estava) falando mal de mim lá”. Eu falei: “Ih, rapaz, a parte mais agressiva eu tirei!”. Comentarista de rádio. Ou seja, ele sentiu pelo tom das críticas que ele estava “mijando fora do penico”. Muitos dos comentaristas que mudaram de posição foi justamente em função desse... **Eduardo: É justamente a próxima pergunta...**

---

<sup>3</sup> Luis Nassif recebeu o Prêmio de Melhor Jornalista de Economia da Imprensa Escrita nos anos de 2003, 2005 e 2008. O portal Comunique-se promove uma premiação anual, em que votam mais de 90.000 profissionais da área de Comunicação.

7) Acredita que o **jornalismo e os jornalistas de política, na internet, sites, blogs**, são **protagonistas** e **pautam** de alguma forma os demais meios de comunicação e a própria política? Em que circunstâncias os sites e blogs e o jornalismo político assumem esse papel de protagonistas?

**Nassif:** Eu vou dar a minha experiência pessoal. O que eu escrevo hoje repercute mais na mídia – embora não digam meu nome; meu nome está no “index prohibitorium”, não sei por quanto tempo ainda – mas os enfoques que eu dou repercutem mais na mídia do que antes. Talvez porque seja no final desse ciclo de financeirização. Mas o outro ponto, o principal, é o seguinte: se eu escrevo na minha coluna e coloco aqueles enfoques, quem explorar aqueles enfoques vai estar “passando recibo” de que se baseou na minha coluna. É aquele estilo de análise. Quando você joga no blog, você tem muito jornal que lê e pega como “gancho” para fazer sua pauta. Antes você tinha o seguinte: televisão influenciando os jornais. Hoje você tem os blogs influenciando... televisão. **Eduardo: Televisão, rádio, impresso também. É.**

8) A **internet** e as **novas tecnologias** representam uma **ameaça para o jornalismo político**, a ponto de o **jornalista precisar optar entre o interessante** (sensacionalismo) e o **importante** (a credibilidade da informação veiculada)? (pressa, velocidade, instantâneo, o superficial)

**Nassif:** A internet, ela... Primeiro: essa superficialidade na cobertura já foi uma marca dos jornais nos anos 90. No Brasil, a imprensa abdicou de ser uma imprensa de opinião. A imprensa de opinião... você pega os Estados Unidos, Inglaterra: você tem a imprensa sensacionalista e a imprensa de opinião, que é uma instituição. Em geral ela é sóbria, se

manifesta sobre os principais problemas, aborda temas mais complexos. Ela tem que fazer uma escolha. Essa imprensa de opinião, aqui, nos anos 90, entrou numa competição em torno do marketing da notícia que desmoralizou. É uma imprensa que já é... Tem um termo que eu escrevi – parece que o (Clóvis) Rossi acabou incorporando – que é o “jornalismo *fast food*”. Isso já é uma característica... Agora, a internet é mais rápida. Você está sujeito a cometer erros de avaliação mais frequentes, mas você tem a correção do leitor. **Eduardo: O *feedback* é imediato.** Esse é o ponto. Às vezes eu coloco uma informação lá; passa um tempo, vem um leitor lá e fala “não foi bem isso, foi aquilo”. Você corrige. Às vezes tem alguns caras que falam “mas, pô, você tá mudando de opinião!” Mas claro, claro! Se eu tenho uma informação incompleta... eu jogo uma informação incompleta sabendo que posso corrigir se o leitor vier com uma outra. Muitas vezes, em temas mais dentro da “buxa” lá, você vai construindo sem ter a versão pronta no primeiro comentário (post) que você colocou. Isso aí faz parte. A questão é o resultado final que é... **Eduardo: Pensando nessa velocidade, nessa rapidez com que a internet dissemina informação crítica, para você o jornalismo político teria que se adaptar a esse novo tempo? Não se trata apenas de escrever uma coluna por semana, ou fazer o “Painel” no dia seguinte. Não dá mais tempo.** Ele vai ter que se adaptar. E aí você tem uma situação meio complicada, pelo seguinte: o jornalismo convencional tem uma posição unilateral: você é Deus! Você dá sua opinião lá e fica sentado. Quando muito você tem os leitores reclamando na (seção de cartas do leitor). Para você entrar no jornalismo da internet – eu digo “entrar” dentro do espírito blog; não estou falando naquelas maluquices de... naquele unilateralismo de você colocar a opinião e deixar o leitor falar o que quiser e você não... Você tem que ter dois pontos que não são paradoxais, são complementares: 1) você tem que ter humildade para se corrigir, tanto nos enfoques quanto nas informações que você dê e 2) você tem que ter uma baita auto-confiança para

aceitar ser corrigido. **Eduardo: É, porque se você ainda pensa que é Deus, qualquer fariseu abrindo a boca já é uma blasfêmia.** É. Você pega parte dos jornalistas do “primeiro time”, eles não estão acostumados a serem questionados. **Eduardo: Você acha que já houve uma adaptação, de jornalistas que são “híbridos” ainda, estão na imprensa escrita, mas estão entrando na internet... esse processo que você diz que acontece no seu blog, você vê isso acontecer noutro lugar?** Não. Porque os caras ainda são donos “do pedaço”. O máximo que fazem é permitir aquele monte de comentários, alguns contra etc, mas não é... A interação é fundamental. **Eduardo: Interação e interatividade.** É. Mas um ponto interessante – é que precisa de paciência, mas é muito importante - é quando você tem que discutir com o senso comum. Você está falando de Economia. Aí vem o senso comum. Mas o senso comum de que eu falo não é (aquele do) “cara” leigo não. Tem um economista que era ligado ao FMI, que vive entrando lá no blog. E é interessante, porque você tem... você ser confrontado com os chavões do senso comum é um exercício muito interessante, didático, pedagógico. Um outro ponto muito interessante, por exemplo... isso aí para o blog é muito importante. O blog te permite entrar em contato com o cidadão. Isso aí, para mim, em 2005, 2006... Por exemplo, as políticas sociais. Sempre defendi as políticas sociais, minha posição foi... você tinha que ter os indicadores e tal... Agora, num certo momento, lá atrás, eu parti para uma defesa do Bolsa-Família. Hoje o Bolsa-Família é uma unanimidade. Quando eu comecei a falar do Bolsa-Família lá atrás, nas eleições de 2006, qualquer coisa que você falasse no período de eleições era visto como propaganda. Mas você sentia... por exemplo, você tem muito dessa visão da esquerda contra processos de gestão. Uma parte é preconceito e uma parte é decorrência da própria maneira como... Você percebe que muitas das bandeiras de modernização eram meros álibis para impor cortes sem contrapartida. Quando você tem acesso a essa diversidade maior de opiniões, você começa... por exemplo, essa questão do

Lula, o fortalecimento do Lula, eu percebi muito mais claramente, antes que as eleições mostrassem isso, através dos comentários de blog. Eu sou de uma família que a maior parte é de petistas. Quando começou essa questão do “mensalão”, Nossa Senhora!, o almoço de família... sai de baixo!, o que xingavam o Lula, xingavam o Dirceu. De repente você começa a perceber a virada. E como é que você percebe a virada, através dos leitores, através da família? Quando percebe que a mídia estava querendo derrubar...**Eduardo: Derrubar o Presidente.** Aquilo lá que fortaleceu... Por exemplo, vamos pegar o PT. Você pega as avaliações agora, o PT é o maior partido. **Eduardo: Vai crescer nas Eleições (municipais de 2008), vai ganhar capitais importantes.** Vai ganhar as eleições. Eu tenho um *feedback* bom nessa parte política. Eu tenho na família a melhor analista política da imprensa que é a minha irmã, a Inês (Maria Inês Nassif, colunista do jornal Valor Econômico). Mas, digamos, essa questão da recuperação dos valores do petismo – independentemente de você gostar ou não do partido – isso você percebia claramente nos leitores que vinham... quer dizer, é aquele negócio do inimigo externo que trouxe a idéia da reorganização do partido.

**Política e jornalismo:** como é sua aproximação com a política e o jornalismo político, a sua relação com as fontes e os meios de comunicação nessa área? Qual você acha que deve ser o papel do jornalismo político com relação ao poder?

**Nassif:** Em geral se tem uma idéia do poder como algo uniforme. Não é isso. O meu relacionamento com sucessivos governos sempre foi o seguinte: em cada governo você tem os “tranqueiras” e você tem o pessoal que está querendo construir coisas produtivas. Então o seu papel é bater nos “tranqueiras” - fazer a separação – e fortalecer esse conceito de que você não tem partidos totalmente bons nem partidos totalmente ruins. Um ponto



que eu aprendi com o tempo, com uma visão mais diversificada de Economia e tudo mais, é que você tem aqueles ministros que “jogam para a platéia” e tem aqueles que fazem. Eu procurei, ao longo do tempo, fazer essa distinção. No governo Fernando Henrique, eu gostava do Serra (José Serra, Ministro do Planejamento e da Saúde nos governos FHC, de 1999 a 2002, do Bresser-Pereira (Luiz Carlos Bresser-Pereira, Secretário da Administração Pública nos mesmos governos), e não gostava do governo como um todo, do Fernando Henrique. Quando você pega o governo Lula, você tinha toda aquela politiz(ação)... o Palocci (Antonio Palocci, Ministro da Fazenda), para mim ele jogou fora... foi um desastre para o país, embora essa questão da estabilidade nós devemos considerar também. Porque se tivesse um mínimo de instabilidade aí... A estabilidade econômica leva a uma estabilidade política também. Então, (em) muitas coisas, hoje, eu tenho que reconsiderar a postura do Fernando Henrique e do Lula – aquela postura de excesso de cautela, porque o Brasil é complicado. Você tem fatores de instabilidade em que a mídia desempenha o papel central. A instabilidade política é promovida, fundamentalmente, pela mídia. E não só com o Lula, com o Fernando Henrique também. O Fernando Henrique, depois daquela mudança de câmbio (1999), tentaram derrubar várias vezes. É de uma leviandade. E quando você pega o governo atual, por exemplo... Bolsa Família: o que tinha o Fome Zero de ruim, de malfeito, tinha o Bolsa Família de bom. **Eduardo: O Patrus...** O Patrus, aquela equipe que ele trouxe lá, o trabalho com os indicadores. Você conversava e percebia; você percebe quem tem o que mostrar. **Eduardo: Politicamente (o Bolsa Família) tem um efeito...** Pois é. Ele rompeu com aquele coronelismo regional. Estabeleceu um vínculo direto com... **Eduardo: Com a mãe.** Com a mãe! (a responsável, na família, a quem são destinados os recursos a que cada família tem direito pelo programa). Esse negócio das políticas sociais... Você pega um quadro, que para mim é um dos melhores que tem aí, que é o Nelson Machado. Era da

Previdência e hoje está no Ministério da Fazenda. O Nelson é um cara sensacional. A Dilma (Roussef, Ministra Chefe da Casa Civil) quando começou a montar o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) com toda aquela metodologia de acompanhamento, você percebia que tinha coisa consistente ali. O Haddad (Fernando, Ministro da Educação) tem propostas consistentes. Ciência e Tecnologia (Ministro Sérgio Rezende?) tem trabalho consistente. Temporão (Rubens?, Ministro da Saúde) é um cara que faz parte de toda essa escola de sanitaristas. E tem os “tranqueiras”. Tem uns Hélio Costa (Ministro das Comunicações) da vida que... O que eu vejo aí é você, em cada área, em cada governo, identificar aqueles que tem espírito público, estão construindo coisas consistentes... **Eduardo: Esses são boas fontes?** São aqueles com que eu tenho afinidade. Nunca tive interesse em conversar com o Hélio Costa, por exemplo. Lobão (Edison, Ministro das Minas e Energia) não me entusiasma nada. Como eu não tinha com o Padilha (Eliseu Padilha, Ministro dos Transportes no segundo governo de FHC), lá atrás, com o Fernando Henrique. **Eduardo: Com relação aos outros meios de comunicação, na área política, qual é o seu relacionamento? Você troca informação? Com jornalistas?** **Eduardo: É, com jornalistas, em geral, de outros veículos...** Não. Não troco. Nessa (operação) Satiagraha, como eu não tenho contato com Ministério Público, polícia e tudo mais, às vezes me ligam para passar uma ou outra informação aí. Mas... eu gosto muito (de trocar informações) com a minha irmã (Maria Inês Nassif, colunista de política do jornal Valor Econômico). Ela sempre foi uma referência nessa parte política. **Eduardo: E o papel do jornalismo político com relação ao poder, fiscalizar etc?** Ah, não tem. **Eduardo: o jornalismo político deve analisar ou só noticiar?** Veja bem, uma coisa que eu sempre critiquei quando estava na Folha é o seguinte: você passou a ter uma competição entre os jornais e entre os colunistas. E essa competição enveredou por um caminho de um populismo fantástico. Muito (por) influência dos âncoras de rádio e

televisão, mas por um populismo fantástico. O cara... acontece um fato qualquer lá...em vez de o sujeito... o cara... você tem que ficar acima do leitor. Se o leitor está indignado, tem um conjunto de dúvidas, você tem que entender o que está acontecendo e passar para o leitor essa visão. Em vez disso, você passou a praticar o populismo jornalístico. Então, o leitor está indignado (e) o jornalista em vez de ir lá tentar explicar, entender e explicar para o leitor criticamente, ele fica indignado como um leitor comum. Coisa que o (Clóvis) Rossi faz... o Rossi faz. Hoje virou padrão, esse tipo de padrão. **Eduardo: Ou seja, ele joga para a torcida.** É, joga para a torcida! Se você vai ficar tão indignado quanto o leitor comum, abre mão do papel jornalístico e põe o leitor no seu lugar. Essa armadilha de você dar o que o leitor quer, isso é um risco do “cão”. Do “cão”. **Eduardo: Essa competição é dentro do campo jornalístico, quer dizer, é um pouco a vaidade do caráter sido...** Veja bem, o jornalista ele tem... a vaidade... todo jornalista... ele quer ter o apoio do leitor que é o que garante o espaço jornalístico dele, o prestígio, o espaço do jornal... Faz parte, isso aí é estimulante. Mas quando você começa a tentar ficar indignado... esse negócio da indignação é um “pé-no-saco”. A indignação é algo que você tem que exprimir algumas poucas vezes, quando você tem fatos inusitados. (Ou) quando você está sozinho. Você fica indignado quando você está sozinho. **Eduardo: Ela não acrescenta, do ponto de vista da análise?** Não acrescenta. Ele é importante pelo seguinte: se ninguém viu tal fato, só você viu, a indignação é um elemento jornalístico relevante. Quando todo mundo está indignado e você está indignado também, é demagogia. Demagogia. O que você tem muito hoje é, primeiro, essa indignação, segundo... **Eduardo: Certo moralismo barato...** Esse moralismo barato “enche o saco”, rapaz. Esse moralismo barato é usado seletivamente em favor do partido político a que a pessoa está ligada. Agora, com essa uniformidade, essa homogeneidade da mídia, qual jornalista político que pensa diferente? Você não tem. Todos eles batem nas políticas

sociais, todos eles... qualquer coisa que acontece... **Eduardo: Acriticamente. Não nem para falar bem ou falar mal. Batem porque é governo.** Batem por bater. Esse negócio do anti-lulismo aí foi uma besteira tão grande. Sabe uma coisa que se aprende com o tempo? Sabe qual é a maior força que você tem para criticar quem quer que seja? É a capacidade de você fazer um elogio antes. Elogio que eu digo não é adulação. Um elogio consistente... **Eduardo: Te dá o direito de ser crítico depois.** Pô! E dá uma baita força crítica aí. Se um pessoal sempre fala a favor num canto, ou sempre fala contra do outro, qual a relevância dele? **Eduardo: Desconfia disso...** O nosso papel é tentar influenciar a opinião. Se eu sempre sou a favor, ou sempre sou contra, eu influencio em que? Tudo que eu fizer, esse aqui vai estar contra ou vai estar a favor. **Eduardo: O direito de fazer crítica, então, está associado à sua capacidade de analisar de maneira imparcial. Que é um princípio jornalístico que já foi para o espaço faz tempo.** Claro, foi para o espaço.

10) Você tem trabalhado com veículos importantes da imprensa, ocupando lugar de destaque em sua atividade. Seu **blog** está hospedado no **IG**. As empresas com as quais trabalhou e trabalha são grupos de peso, tanto do ponto de vista econômico quanto na perspectiva política. A seu ver, qual é a relação entre jornalismo e poder político e econômico?

**Nassif:** Hoje eles estão umbilicalmente ligados. Você sempre teve um jogo mais discreto antes. Vamos pegar o Estadão. O Estadão sempre teve aquela posição conservadora, (conservadores sólidos). A Folha nos anos 80, 90 ela tinha aquela meia “porralouquice” dela, mas aquela visão do “seu” Frias, do “rabo preso com o leitor”, foi um elemento importante. Até simplificou demais. Para ficar de “rabo preso com o leitor” então, todo

funcionário público era preguiçoso, todo banqueiro era ganancioso, todo dinheiro era... umas simplificações que baixavam o nível. Mas de qualquer modo você tinha essa visão. De um tempo para cá, quando você tem a crise financeira dos grupos (de mídia), a partir de 1999, a entrada de novos grupos e quando você tem toda essa gama, essa mistura de entretenimento, comunicação, jornalismo e tudo mais... O que acontece? Os jornais perdem o rumo, porque eles estavam em dificuldades financeiras e, ao mesmo tempo, não sabiam o que fazer do futuro. É aí que começam a misturar, de uma forma muito escandalosa, negócios e jornalismo, e política. Então quando eles tentam, num primeiro momento, derrubar o Lula (em 2005, na crise do “mensalão”), a visão que eu tinha era a seguinte: “eles querem voltar aos tempos de glória do impeachment do Collor”. Mas o jogo era muito mais pesado do que isso. Naquele período (Collor) o prestígio era fantástico. Mas não era isso (em 2005). A (Editora) Abril mostrou claramente que era um jogo comercial baixo, complicado. Outros grupos aí se capitalizaram em cima de acordos nem um pouco transparentes. E fizeram isso num momento em que você tinha dois fatos acontecendo. Primeiro, a mudança do padrão tecnológico. Depois, a operação Satiagraha pegando. Por isso o pânico desse pessoal todo. É esse o motivo de pânico. Por que eles não fazem o óbvio que é apoiar a Satiagraha e ganhar um baita prestígio com todo o público leitor? Porque vão ser apanhados. E tem gravações de jornalistas aí, certamente. Tem gravações mostrando... Tem coisa. Você acha que... A Veja até determinado momento criticando (Daniel) Dantas. De repente, muda de lado totalmente. Não só muda, mas como a minha série (O caso de Veja, série de 23 artigos mostrando as contradições do jornalismo e as práticas da revista analisadas por Luis Nassif) mostra, passa a fazer matérias que seriam as estratégias de defesa dele (Daniel Dantas). Mas você vê, hoje, quando vemos isso aí o quê é? É motivo de chacota. Motivo de piada. Por que? Porque a internet mostrou que era uma piada, uma armação. Se tornou piada quando vazou para

todo mundo. **Eduardo:** o “formador de opinião” está se fundamentando para a **discussão política, para suas opiniões, na internet. Porque ele viu que os jornais fugiram totalmente da... de um mínimo de credibilidade.** Até pela características. Duas coisas: pelas características da produção jornalística, limitada ao papel, tempo, periodicidade e tudo mais. E segundo, pelo fim da diversidade. Hoje é um leitor que jamais voltaria a ler jornal acriticamente. É um leitor que vai lá no meu blog e pega um argumento. Vai lá no outro blog e pega um argumento contrário. Aí ele vem testar o argumento contrário. **Eduardo: Em menos tempo que ele levaria para ler o jornal.** Aí ele vem testar aqui. Às vezes tem um argumento que é repetido por quatro, cinco leitores. Você olha e fala: “eles foram ler em algum blog”. Eles estão vindo para cá pra quê? Para testar o argumento. **Eduardo: Como eu já vi argumento do Paulo Henrique Amorim, usando a expressão “PIG” (Partido da Imprensa Golpista), num comentarista do blog do Noblat.** Você pega a Época (comentários sobre matéria da revista no site daquele veículo), o que tinha de “PIG” no meio... O Paulo Henrique (Amorim), com esse negócio do “PIG”, acertou na mosca.

**12)** Você poderia, por gentileza, comentar esta máxima que o jornalista espanhol (El País) José Maria Irujo apresentou recentemente em São Paulo, quando falava sobre jornalismo investigativo: **“Ter sempre em conta que um primeiro ministro é sempre um mentiroso”.**

**Nassif:** (risos). Você tem as limitações institucionais do cargo (que) impedem as pessoas de mentir. De mentir, não, de falar a verdade. Eu tenho um artigo que fiz a um ano e meio atrás que hoje eu refaria. É interessante o seguinte: a hipocrisia é inerente ao exercício da política. Você não consegue fazer a política sem a hipocrisia. **Eduardo: As receitas do**

**Cardeal Mazzarino: dissimular, dissimular, dissimular.** (risos) É. Mas você tem um ponto aí que é: com a internet, a hipocrisia ficou difícil você trabalhar. Então, o que a imprensa está fazendo aqui, ela faria num ambiente fechado. Você pega o Lula. Se ele quiser recuar dessa operação Satiagraha, ele não consegue mais. Tem um problema que deu para perceber nesse jogo todo que é o (delegado da Polícia Federal) Protógenes (Queiroz). O problema não é o juiz De Sanctis, não é o (delegado) Lacerda, que são pessoas assentadas. O Protógenes tirou um monte de ilações que iam além da capacidade, da compreensão. E parece que tentou também entrar nesse negócio da Telecom, OI. Entrou nisso também. Isso aí pode, eventualmente, prejudicar a investigação. Mas o que está... ele fez o trabalho de campo, e o que o Ministério Público está fazendo, e o Juiz (Fausto De Sanctis), é um trabalho técnico que não tem por onde. É bem técnico. Mas esse jogo é interessante porque você estreitou de uma forma monumental o espaço para a hipocrisia. Eu escrevi um artigo, está na parte de economia do blog. Você tem a transição. É uma nova etapa que está vindo por aí. Você tem, de um lado, a profissionalização do Ministério Público, da Polícia Federal. **Eduardo: Está entrando gente nova no judiciário.** E esse pessoal é comprometido. Ainda não... Espero que se mantenha. E o compromisso deles é com a função. Estamos entrando numa outra etapa institucional brasileira. Não tem mais o intocável. Só que, o que aconteceu? **Eduardo: Efeito da própria democracia.** Da própria democracia e do avanço do desenvolvimento brasileiro. E o que aconteceu? Você tem todo um passado em que todo mundo transitou por aquela zona cinza da ilegalidade, da semi-legalidade, e como é que você faz a transição com esse passivo? O pessoal que aplicava em offshore, esses acordos espúrios com grupos “barras pesadas”, que todo mundo entrou nisso. Todo mundo entrou. O Serra entrou, o (José) Dirceu entrou, o Lula entrou, os jornais entraram. Você tem, então, que fazer a transição para um outro tempo, só que nessa transição você tem um passivo. E, principal, esse

passivo foi levantado detalhadamente num momento em que os jornais caíram de cabeça nesse acordo com o (Daniel) Dantas. **Eduardo: Tem interesse econômico até de quem está no meio da...** Claro, claro. Grupos (de mídia) descapitalizados, precisando fazer captação... alguns se salvaram nesse período aí. Veja bem, o sistema tradicional da própria VEJA. Quando eu sofri o ataque do (Diego) Mainardi lá atrás, 2005, em duas edições, doze páginas de publicidade da Telemig Celular. Esse é o método convencional que a VEJA sempre... e os outros usavam. Era a publicidade. A partir de um certo momento, você não vê mais a publicidade. O que você vê, o que você tem são operações de capitalização de três grupos. Coincidentemente quando esses três grupos aderem ao Dantas. **Eduardo: Quando abre o capital na Bolsa de Valores. Por exemplo, o UOL abriu o capital. Esse pessoal está entrando junto?** O Pactual (Banco), por exemplo, deu um presente de R\$300 milhões para o UOL. Foi um dos motivos do meu desgaste com a Folha, quando eu comecei a cobrir o (banco) Pactual. O (banco) Opportunity (de Daniel Dantas) eu não sei. Você teve um conjunto de fundos estrangeiros que entraram nesse episódio. Tem aí o Opportunity? Não sei. O ponto central é o seguinte: se teve vai poder esconder? Não vai. É porisso que eu digo, a hipocrisia... os jornais entraram nesse jogo numa época em que você está abrindo tudo. E a VEJA, o que ela faz? Quando ela percebe que entra nesse jogo “barra-pesada”, ela toma duas atitudes: primeiro ela solta um código de ética interno, da Abril, onde ela dizia que os jornalistas estavam proibidos de divulgar informações da Abril, uma coisa assim. **Eduardo: Isso é interno, não está...** É interno. Foi divulgado justamente quando começa com o Dantas. É um código de conduta que trata as informações internas como se fossem informações estratégicas de empresas industriais ou comerciais. Isso é a primeira coisa. A segunda coisa que eles fazem é explorar essa coisa da escandalização do nada para inibir os críticos. Eles colocam esse Mainardi e esse Reinaldo (Azevedo, blogueiro de Veja) para atacar quem chega perto, em



cima disso. Você inventa factóides em cima do nada. Para conseguir blindagem sabendo que estavam entrando num jogo de alto risco. Só que não sabiam que tinha... Cadê o grampo? (gravação da conversa entre Gilmar Mendes e Demóstenes Torres). E o gozado que eles jogam... e vem alguns leitores e falam que eles estão guardando para... Que, eu conheço bem jornalismo: quem tem não guarda não, que história é essa? Guardar, pô. Você vê, esse negócio do grampo é algo criminoso. Uma coisa é a “barriga” (erro jornalístico, informação não confirmada, equivocada, que é publicada inadvertidamente). Isso aí foi armado, há uma suspeita de que isso foi armado para criar uma crise institucional, para beneficiar uma quadrilha. Isso é crime. Eles tentaram anular a operação (Satiagraha), do ponto de vista legal. Isso foi utilizado pelos advogados do Dantas. Vai chegar um certo momento em que o Ministério Público vai ter que abrir um inquérito sobre a Abril. Vê por onde que os caras caminharam. **Eduardo: E já tem condenação. O Mainardi não é mais réu primário.** Isso é crime de imprensa, eu estou falando de coisa mais grave, de formação de quadrilha. A Abril pode ser incurso em acusação de formação de quadrilha, de fomentar uma crise institucional em cima desse grampo que ela não consegue comprovar. **Eduardo: É crime de Estado, crime contra o Estado.** É esse o ponto. Vê onde esses caras foram! E foram de burrice, porque já sabiam que estavam perdidos e resolveram dobrar a aposta, achando que iam matar a operação. Mais essa megalomania do Gilmar Mendes aí. Uma loucura. **Eduardo: Está bom, muito obrigado pela entrevista, desculpa tomar seu precioso tempo...**

## Entrevista com o Jornalista Mino Carta, 6 de outubro de 2008, das 17h20 às 18h00

1) O que o levou a construir seu **blog**? Qual foi sua **motivação**?

**Mino Carta:** (riso) Como eu lhe disse de saída, a minha relação com essas tecnologias novas é muito específica, muito especial, muito peculiar. Eu só sei bater à máquina. Por exemplo, não uso computador. Bato à máquina e forneço o resultado a uma solerte secretária; esta, que me acompanha a vinte anos, e que passa para o computador (o que escrevo). Ela sim, trata o aparelho com grande desembaraço. Eu não chego nem perto do computador, porque tenho medo do computador. Tenho realmente um pavor de que ele me engula. Na verdade, esse vídeo do computador é uma bocarra, pronta a me mastigar. E acho que muita gente já foi mastigada e não percebeu. Eu, por mim, nunca faria um blog. Atendo a insistentes pedidos, da Redação, da empresa que publica Carta Capital, e por isso acabei fazendo um blog que teve a duração de um ano e “lá vai pedrada”, porque depois eu saí do IG em solidariedade a Paulo Henrique Amorim. Agora meu blog vai voltar. Aliás amanhã, exatamente, dia 7 de outubro, eu recomeço... **Eduardo: eu vi o anúncio no site do Paulo Henrique Amorim.** ... porque eu fui instado de forma peremptória e até levemente agressiva, sempre pelos mesmos, para que eu volte a fazer o meu blog. Então eu estabeleço, de antemão, que escreverei de 3 a 4 posts por dia, a não ser que algum motivo justifique um esforço maior. E aí... nada, é o que eu farei amanhã. Significa o quê, basicamente? Que aqui eu vou batucar nessa minha Olivetti, vou passar para a moça (Mara, sua secretária), a moça vai passar para os blogueiros e os blogueiros vão impingir, vão obrigar as pessoas eventualmente interessadas a se impacientarem com as minhas besteiras. É isso, basicamente. **Eduardo: Então a motivação foi mais editorial, visando alguma forma de divulgação do seu trabalho e da Editora?** Mas meu trabalho eu faço... realmente não faço nenhuma questão... Não, faço questão de fazer

o meu trabalho em Carta Capital. Isso sim, é claro. Este é o meu trabalho. Agora, o blog eu dispensaria tranquilamente. Eles acham que é bom para Carta Capital, é bom para a nossa editora se eu tiver um blog. Então eu tenho um blog. Mas dispensaria com absoluta tranquilidade. Até, confesso, com um certo apreço, uma simpatia, apreciaria que me dispensassem. **Eduardo: Para evitar que o “bicho” (o computador)...** Não, o bicho eu não chego nem perto. Portanto, esse risco eu nem corro. Eu estou aqui (na pequena sala envidraçada onde trabalha), mais ou menos seguro. **Eduardo: A uma distância de mais ou menos 3 metros do computador mais próximo.** É isso. É isso.

2) Conheci seu blog, por leitura e acompanhamento dos temas, antes do “fechamento”. Mas, gostaria de saber **como o senhor vê seu blog?** Como o caracteriza?

**Mino Carta:** Agora, eu acho que como instrumento o computador tem grandes vantagens. E o instrumento, em si... depende de quem o usa. Está sujeito às mãos e à cabeça de quem o usa. Ele pode ser usado admiravelmente bem e pode ser usado admiravelmente mal. É um pouco como a máquina de escrever. A máquina de escrever está sujeita a quem batuca nela. Não vejo pecado algum na internet e no seu instrumento. Nada de ruim, pelo contrário. É um avanço muito interessante e acho que estamos falando de algo escrito. Portanto *scripta manet*, o que se escreve permanece. Um aspecto muito interessante dessa técnica, dessa tecnologia está no fato de que existe de que gera interação. Gera um contato imediato com o comunicado. O qual comunicado passa a ser comunicador também. **Eduardo: Há uma troca maior.** É isso. Isso é extraordinário, de alguma maneira. Porque veja, o comunicador só se realiza quando alcança alguém. Como jornalista da imprensa, da palavra impressa, que é a minha tradição desde os 15 anos de idade, eu sempre desejei ser lido. Os índices de leitura acabam chegando e são denunciados pela tiragem de uma

revista, por exemplo, e pela reação dos leitores, que manda cartas e tal. Mas não é uma comunicação tão eficaz quanto pode ser a outra, a da internet. Em termos de resposta. Você sabe se você chegou ou não chegou (ao leitor) com uma imediatez que o meu trabalho de jornalista nunca teve. Esse é um dado importantíssimo, acho.

3) O senhor se considera **livre para produzir e editar** seus textos no blog? O **blog lhe dá essa liberdade**, ou no **jornalismo convencional** o senhor já é ou já se sentia livre de alguma maneira?

**Mino Carta:** Ah, eu sou livre desde 1976, porque a partir de 76 – ou seja, já faz 32 anos, eu tenho de inventar os meus empregos. Ninguém me dá emprego nesse lindo país.

4) Quais **critérios** são utilizados para **selecionar** os **temas e matérias (posts)** publicados no seu blog?

**Mino Carta:** Critérios, diria, estritamente pessoais mas sempre a partir de uma percepção. Sim, ela é pessoal, mas também se baseia na reação do público. Se você acompanha uma determinada situação você verifica, sem maiores dificuldades, se ela realmente desperta interesse do público, porque você tem como aferir pelos jornais, pela televisão, por todos os meios possíveis e imagináveis. Isso é um indicador precioso para que você se concentre mais, ou menos, num determinado assunto. Não é, digamos assim, o indicador mais importante. A audiência. Mais importante é a tua percepção dos fatos. Pelo menos a mim. Claro, eu não posso deixar de levar em conta se aquele é o assunto que, naquele determinado momento, interessa mais do que outro, mas isso não me impede que eu me volte ao outro, se eu acho que o outro tem uma importância que está escapando à

percepção do público. Eu posso partir para a análise de outro, que não é o assunto naquele momento mais popular, digno de maior audiência, simplesmente porque eu acho que esse assunto não está sendo tratado corretamente. Não está sendo percebido como deveria. Esse seria o primeiro ponto. Mas não deixo, também, de considerar tudo mais.

5) Qual o tipo de **relação que o senhor tem com os seus leitores do blog?** O senhor oferece espaços para opiniões complementares ou contrárias às suas? Quais são os limites e dificuldades dessa relação?

**Mino Carta:** Bom, na internet os limites são muito menores, por razões práticas, eu diria. Muito menores do que na imprensa, na escrita impressa. Nós recebemos cartas (na revista) assim... eu tenho uma certa... posso “cheirar”, posso sentir, posso avaliar uma reação, mas muito mais devagar. Numa revista semanal, na melhor das hipóteses, tem um ritmo semanal. Se eu solto um post agora, pode ser que daqui a uma hora me venha uma resposta. E se eu achar que essa resposta me estimula, por uma razão ou por outra, ou porque ela é uma resposta agressiva, ou porque ela é uma resposta que oferece elementos à mais àquilo que eu expus, aí é ótimo, porque aí sim eu dou muito espaço às reações do público. Tanto positivas quanto negativas. **Eduardo: Dialoga com esse público.** Sim, claro, eu acho isso algo fundamental para quem se dispõe a ter um blog. **Eduardo: Eu vi que no seu blog tem algumas regras, sobre ofensas, baixarias. Isso não entra.** Sim, não entra. **Isso é mais ou menos comum a outros blogs.** Sim. Certo. Exato. Como você não declina seu nome, às vezes, e está livre para fazer o que você quiser, aí é um festival.

6) O senhor pensa que os **sites e blogs** (e, por extensão, as novas tecnologias de informação e comunicação – NTICs) são **capazes de influenciar o comportamento**

**político** das pessoas e de **interferir na política**? Onde o senhor vê essas possibilidades de intervenção?

**Mino Carta:** Eu vejo sim, eu vejo a possibilidade... se eu não tivesse essa ideia a me mover, eu não faria um blog. A ideia é que você tem alguma chance de influenciar. Eu acho sim, eu acho.

7) O senhor acredita que o **jornalismo e os jornalistas de política, na internet, sites, blogs**, são protagonistas e **pautam, de alguma forma, os demais meios de comunicação e própria política**? Em que circunstâncias os sites e blogs e o **jornalismo político** assumem esse papel de protagonistas?

**Mino Carta:** Depende da qualidade do blog. O Paulo Henrique Amorim, o Nassif, o Bob Fernandes. Você tem blogs que certamente influenciam sim. Tem um efeito. Quem está do outro lado da linha pode não concordar, mas de alguma maneira vai ter que enfrentar aquele assunto. Será motivado a perceber certas coisas que estão acontecendo. **Eduardo:** **Vai ter que reagir, de uma maneira de outra.** Não necessariamente, mas pode reagir sem reagir no sentido de que aquilo cala, ele vai pensar naquilo. Nem por isso vai fazer uma resposta. Nem por isso ele vai entrar no circuito, mas aquilo já “bateu”. **Eduardo:** **Mesmo porque o senhor está falando de jornalistas que não têm se pautado por aquilo que o senhor chama de “pensamento único”. São vozes discordantes.** Ah, são, completamente. Porque veja, o jornalismo brasileiro dá pena. Ele dá pena. É de muito má qualidade. Falo até tecnicamente. Falo como um pedaço inevitável da literatura. O nosso jornalismo é muito ruim, muito ruim. Além disso ele é ruim porque ele... sim, não tem qualidade literária alguma, mas sobretudo ele está sempre postado a serviço do poder.

Então esse é o “pensamento único”. Isso não existe em nenhum lugar do mundo. A Argentina é muito melhor do que a gente. Não estou falando de Europa. Estou falando de Argentina, Chile. Existem jornais que tem posições diferentes. Aqui não. Todos tem... digamos, diante da figura de Lula, estão todos contra. É um muro. Mas é porque o país não lhes interessa. Aquilo que compõe a grande conveniência do país não interessa. Interessa a grande conveniência da minoria privilegiada. É isso que interessa.

8) A **internet** e as **novas tecnologias** representam uma **ameaça para o jornalismo político**, a ponto de o **jornalista precisar optar entre o interessante** (sensacionalismo) e o **importante** (a credibilidade da informação veiculada)? (pressa, velocidade, instantâneo, o superficial).

**Mino Carta:** Eu vou te dizer uma coisa malvada, mas... É impossível prejudicar mais o jornalismo político brasileiro. Acredito que graças a essas vozes discordantes que surgem na internet, até esse jornalismo político é infinitamente superior àquele praticado pelos jornais. Pela imprensa, digamos, em geral. Jornais e revistas. A começar pela hedionda Veja, que eu fundei, faz nada mais nada menos que 50 anos e que é uma coisa vergonhosa.

9) **Política e jornalismo político:** como é sua aproximação com a política e o jornalismo político, a sua relação com as fontes e os meios de comunicação nessa área? Qual o senhor acha que deve ser o papel do jornalismo político com relação ao poder?

**Mino Carta:** Eu estou convencido de que o jornalismo, não só o político, o jornalismo se baseia em três princípios intransferíveis, inabaláveis. Primeiro o respeito pela verdade factual. Qual verdade factual, é a seguinte: eu estou tomando uma Coca-Cola Zero. Eu me

chamo Mino, este é um telefone. Essa é a verdade factual. Não posso fugir dela. Segundo ponto, o exercício do espírito crítico, desabrido e constante. Quer dizer, você tem que se postar diante dos fatos e mostrar o que você pensa a respeito deles. E o terceiro ponto é a fiscalização do poder. O qual poder - por isso eu digo que isso vale para o jornalismo em geral - o poder está em todos os cantos. Não é que só exista o poder político. Existe o poder econômico. No Masp (Museu de Arte de São Paulo) existe o poder. Na universidade existe o poder. E assim por diante. Então, onde quer que o poder se manifeste o jornalista tem a obrigação de fiscalizá-lo. Porque o jornalismo é uma função pública. **Eduardo: e como é a sua relação com as fontes e os demais meios de comunicação?** Eu tenho fontes, realmente muitas e boas fontes. Agora, o compromisso com a fonte tem que ser rigoroso. Se a fonte te diz: “olha, vou te contar uma história, mas você não pode publicar”, você não publica. Ela serve para a tua orientação. Mais cedo ou mais tarde ela poderá ser usada, aquela informação, mas de uma maneira adequada, sem que haja o menor risco para a fonte. Se houver risco para a fonte... digamos que só aquela fonte poderia ter me dado a informação, eu tenho que conversar. Naturalmente ela pode me adiantar. Eu posso saber que, se eu pisar num certo terreno, aquilo é areia movediça, por exemplo. Isso pode ser útil para mim, ao me mover como jornalista. **Eduardo: E os demais meios de comunicação na área de política, qual a sua relação com eles?** Eu acho hedionda. A imprensa brasileira é uma coisa vergonhosa. Eu não leio, simplesmente. Assim como eu escrevo e entrego para uma solerte secretária, da mesma maneira o pessoal aqui me diz: “Ah, leia esse editorial do Estado que você vai rir muito!” Aí eu leio o editorial do Estado (jornal O Estado de São Paulo) porque não me desagrada dar umas risadas. (risos) É isso.

10) O senhor trabalhou em veículos importantes da imprensa, ocupando lugar de destaque em sua atividade. É responsável pela melhor revista semanal do país. Seu blog esteve



hospedado no IG (e lamento profundamente o “fechamento” do blog – mas compreendo a nobreza de seu gesto em solidariedade a Paulo Henrique Amorim).

**Mino Carta:** Aquilo foi ótimo (encerrar o blog no IG)! **Eduardo:** **Uma ótima desculpa para sair... (risos)** Mas nunca confirmarei porque seria uma ofensa ao caríssimo amigo Paulo Henrique.

**Eduardo:** **As empresas com as quais o senhor trabalhou são grupos de peso, tanto do ponto de vista econômico quanto na perspectiva política. A seu ver, qual é a relação entre jornalismo e poder político e econômico?**

**Mino Carta:** É a mesma coisa. A mídia brasileira é um dos rostos do poder. Eu vejo assim. Por isso que está sempre ao lado do poder (risos). Repare que os donos das empresas jornalísticas brasileiras se detestam entre si, têm ódio. Mas diante daquilo que supõem ser um risco comum, eles estão sempre alinhados dentro dos limites do pensamento único. **Eduardo:** **Como diria Nelson Rodrigues, solidários no câncer. É isso. Isso.**

**Eduardo:** **Agora só para encerrar, queria que o senhor comentasse uma frase do José Maria Irujo, que é jornalista do jornal El País, que esteve recentemente em São Paulo falando sobre jornalismo investigativo. Ele diz o seguinte: “Ter sempre em conta que um primeiro-ministro é sempre um mentiroso”.**

**Mino Carta:** Eu acho uma frase muito engraçada, paradoxal, e portanto divertida. Não diria que deveria ser necessariamente tomada ao pé da letra. Mas acho que ela pode

significar, e aí eu concordo plenamente, “não se intimide diante do poderoso”. Não se assuste se você está diante de um poderoso. Você tem que estar sempre atento, e não deixar de levar em conta que o poderoso pode ser mentiroso. **Eduardo: Pode mentir por interesse.** Ah, mas lógico, claro. **Eduardo: E o seu blog, a nova versão, ele vai continuar na mesma formatação.** Eu não seria capaz de dizer sobre isso. **Eduardo: Vai manter o mesmo visual...** Sim, ah, não sei, o visual não me pergunte porque aí tem gente que cuida disso. Eu nem sei como que... eu mando (os posts) e façam o que quiserem. **Eduardo: Mas em termos de conteúdo...** Em termos de, digamos, enfoque, a maneira de enfrentar certas coisas, recorrer o mais possível à ironia, isso sem dúvida... porque é do meu... mas é do meu temperamento. É isso. Eu não tento, não tento disfarçar. Nunca quis. Isso às vezes já me perdeu. Nas relações humanas... É bom, quando possível, dar risada.

**Entrevista com o Jornalista Paulo Henrique Amorim, 10 de outubro de 2008,  
das 16h50 às 17h30**

1) O que o levou a construir seu **blog**? Qual foi sua **motivação**?

**Paulo Henrique Amorim:** Eu entrei na internet no ZAZ. No “falecido” ZAZ. Eu sempre tive uma obsessão, na minha vida profissional, que era a obsessão de estar sempre na tecnologia posterior. Eu tenho uma... talvez isso seja, de certa maneira, o medo da morte. O medo da morte profissional. Eu não quero estar atrasado em relação à mídia. O meu conceito é que o conteúdo é o mesmo. O jornalista tem a função de dar informações, de preferência originais, com imparcialidade, com respeito aos fatos e, sempre que possível, questionando os poderosos, como diz o Mino Carta. E essa é a função básica. A outra coisa é a questão de você estar sempre na penúltima mídia. Eu não queria ficar nunca na penúltima mídia. Eu queria estar sempre na próxima mídia. E a minha briga, a minha luta profissional sempre foi contra o relógio. Eu comecei fazendo revista mensal e fui andando mais rápido, mais rápido, fui para revista semanal, depois fui para jornal diário, depois fui para televisão, depois fui pro blog. E o blog entrou na minha vida por iniciativa própria. Eu procurei o Marcelo Lacerda, o presidente do ZAZ (depois você me dá teu e-mail e eu te mando um currículo com as datas; eu não me lembro das datas), e eu propus a ele um produto teoricamente genial, mas que foi um grande fracasso, que era o seguinte: fazer um chat na internet; quando o mercado fechasse, no minuto seguinte ao fechamento eu entraria com um chat, como autoridade do mercado, para falar sobre o mercado financeiro. E as pessoas entravam no chat, participavam desse diálogo. Hoje o podcast faz um pouco isso. Essa minha ideia foi muito boa, mas não vingou. Talvez eu estivesse, como dizem os americanos, *ahead of the curve*, na frente da curva. E não adianta você estar *ahead of the curve* se você não progride. Aí, depois disso, eu recebi uma proposta, do UOL, do Caio Túlio Costa, para fazer televisão na internet. Estava começando a

amadurecer a “bolha” da internet, e o UOL achou que precisava fazer TV na internet. E o UOL me chamou para fazer e eu fui fazer o UOL-NEWS, que foi um investimento muito alto: nós chegamos a ter 4 equipes completas de repórteres, com câmeras, ilhas de edição, boletins diários e matérias. Quatro equipes de ENG (engenharia de TV) trabalhando. A ideia, evidentemente, era qualificar o UOL para se tornar um grande parceiro de uma fusão ou de uma associação com um portal ou companhia telefônica internacional. Esse era o *business plan*. Aí veio a “bolha” (da internet, dos negócio ponto com), a “bolha” estourou e eu, para preservar o produto, para não deixar o UOL NEWS morrer... O Caio (Túlio Costa) já tinha saído da empresa, eu fui negociar com a Marion (Marion Strecker, diretora de conteúdo do UOL) e propus a ela um produto mais barato, que dependia sobretudo de mim, que era a análise instantânea da notícia. Consistia no seguinte: aconteceu o fato “x”, dez, quinze minutos depois eu entrava no ar, com a entrevista de um especialista para destrinchar aquele fato, fosse um fato político, econômico, esportivo, o que fosse. O produto era “Análise instantânea da notícia”. Então eram eu, dois produtores, dois editores e um produtor que ficava “caçando” as autoridades para serem entrevistadas. Bom, eu depois pensei em transformar isso num produto que fosse para o telefone celular. Cheguei a negociar, sempre nessa busca da mídia tecnologicamente mais avançada, com uma empresa de telefonia. A negociação fracassou porque a empresa de telefonia mudou de planos, preferiu trabalhar com outro tipo de conteúdo e não com aquele que eu estava oferecendo. E eu briguei no UOL. Briguei no UOL por motivos políticos. Naquela altura o UOL estava começando a ficar despidoradamente tucano. Eu achei que aquilo não era mais lugar para mim e aí saí da internet. Saí da internet e fiquei procurando espaço. Até que veio a expulsão do Daniel Dantas da Brasil Telecom e os novos controladores escolheram lá o presidente (do IG) chamado Ricardo K, que me chamou e disse: “--- Olha, eu quero que você tenha um espaço, porque nós queremos

combater o Daniel Dantas e você tem uma tradição de combater o Daniel Dantas”. Eu fui para lá com essa função. Negocieei esse contrato seis meses. Foi o mais longo contrato que eu negocieei com uma empresa. Seis meses porque os remanescentes, aliados do Daniel Dantas dentro do IG, minavam o contrato. E o contrato previa que eu teria que ter, sempre, um espaço fixo na capa, acima da dobra, com texto meu. Eu tinha uma janela na tela do portal, pequena. Só que o tema era eu que escolhia, e o título era eu que dava. E ninguém podia mexer no meu texto. Esta prerrogativa, que o Noblat tem no Globo, a Miriam Leitão tem no Globo, levou seis meses para o IG aprovar. Porque o Daniel (Dantas) já estava lá minando. Depois o IG, a Brasil Telecom (controladora do portal IG) mudou de lado, deixou de ser uma empresa que queria combater o Dantas e passou a ser uma empresa que se associou ao Dantas, que é a fundação dessa BROi (fusão entre Brasil Telecom e a operadora de telefonia Oi), que eu chamo de “patranha” e aí eles me mandaram embora. Agora, em março<sup>4</sup>. **Eduardo: Você ficou lá quanto tempo?** Eu fiquei lá quase 3 anos. Dois anos e alguma coisa. E aí oito horas e cinquenta e oito minutos depois meu site estava no ar de novo. Entrei com uma ação judicial. E agora, no fim deste mês, o meu blog vai se tornar um portal. Eu me associei com uma empresa e vou me tornar um portal. Para competir com IG, com TERRA, com UOL. Por que eu insisto em fazer internet, por que eu sempre quis fazer internet? Não é só uma questão de forma. É também uma questão de conteúdo. É porque, a partir de certo momento, eu percebi que na televisão aberta brasileira não haveria espaço para jornalismo político independente. A televisão aberta brasileira ou não tinha cobertura política, ou era uma cobertura política enviesada. Eu consegui criar aqui, na Record, as condições que para mim são condições

---

<sup>4</sup> Dia 18 de março de 2008, a página (site) Máximas e Mínimas do jornalista foi desativada sem aviso prévio e sua equipe impedida de entrar nas instalações do IG em São Paulo. O conteúdo, a produção intelectual do jornalista iria ser apagada do portal, mas uma ação na justiça garantiu que o jornalista recuperasse seu espaço na internet, em outro provedor, com preservação do conteúdo até então produzido. O jornalista chegou a afirmar, em nota explicativa sobre o ocorrido que com isso “...se encerrou a vida deste blog num portal da internet. Nenhum blog de relevância política nos Estados Unidos, por exemplo, está pendurado num portal”. Ver, por exemplo: <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080321120959AAbX95M>

profissionalmente muito interessantes, porque atendem também a uma vocação que eu tenho, que é ser repórter de televisão. Eu sou repórter de um programa chamado Domingo Espetacular, onde eu não tenho nenhuma atividade no campo político, ou de política econômica. Nenhuma, zero. Então, toda a minha atividade como jornalista, nesse campo, eu dedico ao meu blog.

2) Já conheço seu blog, por leitura e acompanhamento de temas. Mas, gostaria de saber como você vê seu próprio blog? Como o caracteriza?

**PHA:** Hoje o meu blog é uma expressão fidedigna das minhas inclinações políticas e ele expressa a minha indignação com a situação brasileira, a minha crescente decepção com as instituições políticas, com a forma como a democracia se instalou no Brasil, depois do regime militar. Eu achava que os males derivavam do governo tucano, dos oito anos do tucanato, e vejo hoje, em outubro de 2008, que o governo do PT saiu das entranhas do tucanato ou resolveu entrar nas entranhas do tucanato. Isso resulta numa cristalização de interesses econômicos profundos e um compromisso com a não mudança. O PT e o PSDB fizeram, na prática, um pacto para não mudar. Eu não me considero radical... **Eduardo: É um projeto de poder, não é mais um projeto político.** Não é um projeto político. O governo Lula foi apolítico, ele tirou... até ontem eu escrevi um negócio que eu acho que é uma súmula que eu pretendo repetir: o Figueiredo disse “esqueçam de mim”, o Fernando Henrique “esqueçam o que eu escrevi” e o Lula disse “esqueçam de onde eu vim”. O que eu vejo hoje, no meu blog? Ele é limitado, no sentido de que eu pretendo fazer uma coisa mais universal, mais eclética, e isso é o que eu pretendo fazer no novo portal. O portal continuará sendo chamado de “Conversa Fiada”, é um portal que terá o Paulo Henrique Amorim como âncora, mas será sobretudo um portal eclético, um portal plural e

sempre um portal polêmico. O lema do meu portal será “Idéias inteligentes aqui é o que não falta”. Você vai ver no ar agora, no fim do mês (outubro 2008). Continuará sendo o portal do Paulo Henrique, mas não só do Paulo Henrique.

3) Você se considera livre para produzir e editar seus textos no blog? O blog lhe dá essa liberdade, ou no jornalismo convencional você já era ou se sentia livre?

**PHA:** No jornalismo convencional nunca me senti livre. O jornalismo convencional é um jornalismo comercial. E quem disser que é livre mente. Não existe isso. Você é livre se você pensar como o patrão. No Brasil funciona assim: você tem toda a liberdade de pensar como o seu patrão pensa. Agora, na internet sim. Na internet sim. E eu fico muito feliz porque a imprensa escrita brasileira é de tão baixa qualidade, que abriu um espaço para haver uma imprensa de blogs. O jornalismo político no Brasil é risível, é risível de tão parcial, de tão medíocre do ponto de vista técnico. É um jornalismo, por exemplo que leva a sério pesquisa pré-eleitoral. Que dá... a Folha de S. Paulo dá dez páginas, num domingo, para pesquisa pré-eleitoral. E erra! Porque ela disse que o Kassab ia ficar em segundo lugar. No Datafolha. É uma pesquisa safada, porque é uma combinação de partidarismo na pesquisa, no *timing* da pesquisa, na forma pela qual a pesquisa é divulgada. E no fato de que no Brasil existem dois institutos de pesquisa. Nos EUA tem cinquenta. Cada candidato tem três institutos de pesquisa. O partido tem um instituto de pesquisa, a ONG tem um instituto de pesquisa, o *Washington Post* tem o seu, a universidade tem o seu, o *New York Times* tem o seu. E por que aqui só tem dois? Um ligado ao Globo e outro à Folha de S. Paulo. Eu acho que, felizmente, a imprensa é tão medíocre que permitiu esse espaço de autonomia, espaço de liberdade (os blogs).

4) Quais critérios são utilizados para selecionar os temas e matérias publicadas no seu blog?

**PHA:** Primeiro o critério jornalístico, ou seja, o que é notícia, o que não é notícia. E segundo, o meu fígado (risos), a minha taxa de indignação. **Eduardo: Esse é o que predomina, ou é o critério jornalístico?** Não, o que predomina é o critério jornalístico. Agora, eu usei esse metodologia de fazer a crítica do PIG (Partido da Imprensa Golpista)<sup>5</sup> que é uma maneira prática de você entender a manipulação. Hoje, por exemplo, o Protógenes Queiroz disse para o Daniel Dantas que ele lê os jornais hoje para saber o que o Dantas quer. E eu leio os jornais para saber o que os interesses, o que os lobbies plantam. E você vê isso hoje no chamado colunismo, que no meu site eu chamo de “colonismo”<sup>6</sup>. Nós vemos a “plantação” ali. Quem plantou o quê. E houve um fenômeno que o Protógenes observou, que o Dantas foi original, porque ele trabalhou em duas vertentes: numa vertente ele se associou aos donos do PIG; na outra vertente, ele fez negócio direto com os jornalistas e os colunistas do PIG sem que os donos soubessem. **Eduardo: Amarrou pelas duas pontas.** Exatamente. Ele não precisa necessariamente dar dinheiro para o dono da empresa, desde que ele pague o colunista. **Eduardo: Quer dizer, isso funciona como a pressão externa. Antigamente havia a censura, os militares nas redações etc. Agora é poder econômico.** E o Dantas é o Prêmio Nobel disso. Ele é a consagração. **Eduardo: Ele criou uma tecnologia.** Uma tecnologia. (toca o celular do pesquisador). **Eduardo: Desculpe.** Você desculpe, seu horário deve estar todo

---

<sup>5</sup> O jornalista dá a seguinte definição do PIG em seu blog: “Em nenhuma democracia séria do mundo, jornais conservadores, de baixa qualidade técnica e até sensacionalistas, e uma única rede de televisão têm a importância que têm no Brasil. Eles se transformaram num partido político – o PiG, Partido da Imprensa Golpista”.

<sup>6</sup> Paulo Henrique Amorim assim define “colonismo” no seu blog: “Não tem nada a ver com cólon. São os colonistas do PiG (...) que combatem na milícia para derrubar o presidente Lula. E assim se comportarão sempre que um presidente no Brasil, no mundo e na Galáxia tiver origem no trabalho e, não, no capital. O Mino Carta costuma dizer que o Brasil é o único lugar do mundo em que jornalista chama patrão de colega. É esse pessoal aí.”



desmontado.

5) Qual é o tipo de relação que tem com seus leitores no blog? Você oferece espaços para opiniões complementares ou contrárias às suas? Quais são os limites e dificuldades dessa relação?

**PHA:** No momento meu espaço é muito limitado, porque o novo desenho dele (blog)... ele ficou com um espaço muito restrito. Mas no próximo, o espaço será amplo e muito mais divertido. Evidentemente que todo comentário em blog pressupõe uma censura prévia. Você tem pessoas mal intencionadas, racistas, pedófilos. Pessoas que defendem pleitos óbvios. Que entram no blog repetidas vezes com o objetivo de “dar pau” no blog. Isso aconteceu comigo na versão anterior. Então você tem que fazer uma seleção prévia. Todo mundo faz isso. Uma moderação. Na medida do possível, você deixa fazer com que estes comentários sejam os mais ecléticos e os mais plurais possíveis, mas sempre existe uma... Quem entra no meu blog, em geral, é para concordar comigo. Quem gosta da Miriam Leitão (comentarista de economia do jornal O Globo) não vai no meu blog. (risos)

6) Você pensa que os sites e blogs (e, por extensão, as novas tecnologias de informação e comunicação – NTICs) são capazes de influenciar o comportamento político das pessoas e de interferir na política? Onde você vê as possibilidades dessa intervenção?

**PHA:** Eu acho que sim, a resposta é afirmativa, sim. No Brasil, crescentemente, os blogs exercem pressão política. Exercem sobretudo nos formadores de opinião, nos jornalistas, nos políticos, nos analistas políticos. E tenho a impressão de que isso só vai aumentar. Porque os jornalistas que estão fazendo blogs, hoje, levam para os blogs uma

credibilidade que eles carregam de antes. O Mino (Carta) é o Mino desde muito tempo, eu sou o Paulo Henrique, o Noblat é o Noblat, o Nassif é o Nassif. Nós não chegamos agora. E o que eu acho interessante é que, ao contrário dos Estados Unidos, é possível que aqui no Brasil haja uma resistência de ideias liberais, ou de centro-esquerda (para facilitar a discussão), através da internet. Nos Estados Unidos, a direita ganhou. Nos EUA a direita ganhou a blogosfera, o rádio e ganhou a televisão. Os *talk shows* são todos ou quase todos de direita. No cabo (tv a cabo), porque na tv aberta eles não brincam. Na tv aberta não tem essa brincadeira. Lá eles respeitam a lei de equidade, de *fairness doctrine*, quer dizer, se você deu espaço para os Democratas tem que dar (o mesmo) espaço para os Republicanos e assim por diante. Eu acho que aqui foi possível e será possível você ter um espaço de blogueiros liberais e de centro-esquerda, para enfrentar essa avalanche, esse tsunami conservador que tomou conta do Brasil. (Comentários sobre a parcialidade da mídia e comparação com o jornalismo espanhol, feitos pelo pesquisador). Infelizmente, essa mídia impressa está “indo para o saco”. Porém, ela ainda é decisiva. Como diz o professor Wanderley Guilherme dos Santos, ela é capaz de gerar crises. E gera crises, uma atrás da outra.

7) Acredita que o jornalismo e os jornalistas de política, na internet, sites, blogs, são protagonistas e pautam de alguma forma os demais meios de comunicação e a própria política? Em que circunstâncias os sites e blogs e o jornalismo político assumem esse papel de protagonistas?

**PHA:** Não, protagonismo não. Eu acho que o papel dos blogs é infernizar. É ridicularizar. Eu tenho um prazer especial em ridicularizar o PIG, a sua mediocridade, o seu provincianismo e o seu partidarismo. Mas não de protagonizar. Eu chamaria sua atenção

para dois blogs americanos, o The Huffington Post ([www.huffingtonpost.com](http://www.huffingtonpost.com)) – da Arianna Huffington, uma *socialite* que virou democrata, e o Daily Kos ([www.dailykos.com](http://www.dailykos.com)). Esses dois blogs eles fazem opinião. Eles pautam. Sobretudo a Arianna. A Arianna pauta. **Eduardo: E a que você atribui esse poder?** Ao fato de que ela é muito boa. Ela atinge na jugular. Ela atinge, como na Ilíada, entre o pescoço e o ombro. E é onde eu miro também. Uma vez eu dei uma entrevista e disse que até as vírgulas do meu blog têm um endereço. (risos)

8) A internet e as novas tecnologias representam uma ameaça para o jornalismo político, a ponto de o jornalista precisar optar entre o interessante (sensacionalismo) e o importante (a credibilidade da informação)? Refiro-me aqui à pressa, a velocidade com que se trabalha na internet. Será que há, na verdade, uma ameaça, o jornalismo político perde, num certo sentido?

**PHA:** Não, eu acho que o leitor na internet entende essa regra. Que é a seguinte regra: você “posta” às onze horas e dezesseis minutos e às onze horas e vinte e seis minutos você “posta” outra coisa dizendo o oposto. Faz parte do jogo. É tempo real. Você diz: “espera aí, não é isso não, é outra coisa.” E vai embora. E um vai dentro do outro. **Eduardo: Não tem essa pausa para ler, refletir...** Não tem, internet não tem pausa. (risos) Não existe. Eu escrevo, às vezes, às quatro horas da manhã. **Eduardo: E isso toma tempo?** Toma. **Eduardo: Faz uma diferença na produção?** Brutal. Brutal porque você fica o tempo todo sintonizado. Eu, graças a Deus, tenho o meu celularzinho aqui. Ele está tocando (toca o celular). Alô. Quem é? (pausa) Você tem que ficar sintonizado o tempo todo. Agora, para quem é jornalista isso é benfazejo, é bem-vindo. Faz parte. Faz parte. Essa coisa é importante, eu acho: cria uma rede de informantes em que você acaba sendo o centro de

recepção, como se fosse uma central telefônica. Esse cara que acabou de me ligar é um informante frenético. E ele fica me sintonizando: “olha, você leu isso, você leu aquilo?” Eu tenho uns quatro ou cinco assim. Que são anônimos, ninguém sabe quem é. **Eduardo: O Nassif constituiu a comunidade de milhares de colaboradores.** Mas a minha é uma comunidade anônima (risos). **Eduardo: Mas aí são fontes, é outra coisa...** Não necessariamente fontes, mas caras que ficam monitorando os outros blogs, os outros jornais. É o cara que fica: “Você viu como foi a ação da Brasil Telecom hoje?”. Aí eu vou lá e tem um assunto ali. Às vezes não tem, mas... (comparação dessa rede com a rede de colaboradores do blog do Noblat, feita pelo pesquisador). Não, não. Até porque eu jamais publicaria a Lúcia Hippolito. (risos)

9) **Política e jornalismo político:** como foi (e é agora) sua aproximação com a política e o jornalismo político, a sua relação com as fontes e os meios de comunicação nessa área? Qual você acha que deve ser o papel do jornalismo político com relação ao poder?

**PHA:** A primeira coisa é que jornalista e poder, quanto mais longe melhor. A proximidade do jornalista com o poder. (toca o celular do jornalista). A proximidade com o poder corrompe. A proximidade com o poder ilimitado da elite brasileira corrompe ilimitadamente. Eu não sou amigo de nenhum político brasileiro. Eu não janto na casa de nenhum político brasileiro, nem convido ninguém para jantar na minha casa. Isso já aconteceu no passado. Já tive ligações pessoais com alguns homens públicos, mas hoje não tenho e não quero mais ter. A minha decepção é pluripartidária e quase generalizada. A ligação pessoal com a fonte não dá certo. Não dá certo, é uma regra. Há exceções, mas a regra é essa. **Eduardo: E o jornalismo político, como foi essa escolha?** Não acredito que eu faça jornalismo político, nem econômico. Eu cubro o poder. Seja o poder no futebol,

seja o poder na política cultural, seja o poder na economia, seja o poder na política urbana, seja na saúde. Eu cubro o poder. E o que me deixa indignado é a forma despudorada e impune com que a elite brasileira governa este país a tanto tempo. Então a minha obsessão é a cobrir essa forma despudorada com que a elite governa esse país. Ou seja, cobrir o poder. Essa forma despudorada aparece, ela é mais genuína, ela emerge de forma mais inteira, por exemplo, no governo Fernando Henrique e agora, no governo Lula, de uma forma mais dissimulada. Mas o governo Lula não enfrentou a elite. O governo Lula fugiu da elite. **Eduardo: E em relação ao poder em si, o jornalismo político, na área do poder político, qual deve ser o papel do jornalista?** Como diz o Mino (Carta) é questionar. É questionar. Eu tenho um outro axioma na minha vida profissional que é: “Todo político mente. Como o antecessor e o sucessor”. E no Brasil a mentira compensa.

10) Você trabalhou (e trabalha) na grande imprensa, ocupando e ocupa lugar de destaque em sua atividade. Seu blog já esteve hospedado no IG (e lamento profundamente sua saída – principalmente a maneira como ela se deu)... **PHA: Mas teve a virtude ali de desnudar uma situação.** ...e agora está vinculado a um provedor independente. As empresas com as quais trabalhou e trabalha atualmente são grupos de peso, tanto do ponto de vista econômico quanto na perspectiva política. A seu ver, qual é a relação entre jornalismo e poder político e econômico?

**PHA:** Nós falamos até agora sobre os jornalistas e o poder. Eu acho que a tua pergunta é sobre os órgãos de imprensa e o poder. Eu acho que os órgãos de imprensa, a mídia no Brasil, especialmente a mídia impressa, ela é representante da elite. Mais do que isso – é uma observação original do Mino (Carta) com a qual eu concordo. O que eu chamo de PIG defende antes de tudo os próprios interesses. Quando os seus próprios interesses

coincidem com os interesses da elite, como aconteceu na hora de derrubar o Presidente eleito João Goulart e o Presidente eleito duas vezes Lula, o PIG e a elite trabalham juntos. Quando não, o PIG defende sobretudo a sua própria pele. Num governo trabalhista, o PIG vai para o golpe. Num governo conservador, como no governo Fernando Henrique, nos governos militares, no governo Sarney, ele assume e divide o poder. Ele toma grana do poder. O Roberto Marinho (Globo) tomou grana dos militares. O Roberto Civita (Abril) tomou grana dos militares. O Luis Frias (Grupo Folha) recebeu uma estação rodoviária do Adhemar de Barros. E todos eles “mamam” nos créditos subsidiados do Estado. Então, quando eles não estão no poder, eles tentam derrubar o poder. Quando eles estão no poder, eles “mamam” (n)o poder. É isso. Muito simples. E o crime que eu acho irreparável do governo Lula, foi que o Lula partiu da premissa de que o carisma, o charme dele transcenderia a inclinação conservadora do PIG. Ele teria um... primeir, ele seria capaz de “charmar” o PIG e, em segundo lugar, ele seria capaz de manter uma linha direta com a massa. Uma República Direta, como se ele subisse no banquinho da àgora de Atenas e falasse diretamente com o povo brasileiro. Só que ele esqueceu de uma coisa: o PIG, como diz a professora Marilena Chauí, faz a agenda política. Ele desmoraliza o governante. Ele controla as pesquisas de opinião pública. Ele intoxica os formadores de opinião e a classe média. Não adianta o Lula falar com o beneficiário do Bolsa-Família se a classe média, que ele beneficia nas Casas Bahia, é influenciável e a cabeça dela quem faz, fora das Casas Bahia, é o PIG, de forma direta ou de forma indireta. Eu ontem (9 de outubro de 2008) fui fazer uma palestra em Goiânia. Acabou a palestra eu recebi quatro perguntas. As quatro perguntas se originaram de opiniões emanadas de comentaristas da Globo ou da CBN. Não adianta. O que aconteceu? O PIG derrotou o Lula. O PIG deixou ele de quatro. Desmoralizou, transformou o governo dele num governo ineficaz. Da mesma maneira que transformou o governo da Marta (Suplicy, prefeita de São Paulo entre

2001 e 2004) num governo ineficaz. E a Marta não fez um governo ineficaz. E o Lula fez um grande governo. Mas um governo que não peitou as elites, não peitou o PIG, e o PIG transformou o governo dele num mal governo. Nenhum membro da elite vai convidar o Lula para jantar depois que ele sair do poder. O Lula vai ficar trancado em São Bernardo. O que a internet pode fazer? A internet é uma forma de denunciar isso. É uma forma de ridicularizar isso. De mostrar a suprema injustiça que existe na sociedade brasileira. Junto a formadores de opinião, junto a políticos. “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”. Mas cada vez vai chegar mais. Porque cada vez mais tem computador, tem banda larga, e cada vez mais as pessoas vão poder ler os blogueiros. Agora, o Lula cometeu um crime porque ele achou que resolveria o problema do PIG. Mas o problema não era ele resolver o problema do PIG. O problema era a democracia brasileira resolver o problema do PIG. E ele não teve peito para enfrentar isso. Ele fugiu. **Eduardo: Isso envolve concessão de rádio e tv, envolve...** Ele deixa os ministros irem fazer um seminário na VEJA! Põe anúncio do Banco do Brasil na Veja! Da Petrobras! Quê é isso?! Ele capitulou, como capitulou diante do Gilmar Mendes (Presidente do Supremo Tribunal Federal), que é o novo ídolo do PIG. Quando ele (Lula) no segundo turno (das eleições presidenciais de 2006) viu que a Globo ia derrubá-lo – a Globo deu o golpe do segundo turno, em vez de ele ir para cima da Globo, o que ele fez? Ele fez a TV Brasil, que é o maior fenômeno de televisão do mundo, porque é uma TV que só existe na imprensa escrita. Ninguém vê a TV BRASIL. Você lê as reportagens sobre a TV BRASIL. O governo Lula não tem um portal. Não tem um portal do governo. Experimente descobrir qual foi a última medida provisória que o Congresso aprovou, ou experimente descobrir qual foi o último decreto que o Lula aprovou. Não tem, não vai descobrir. Você vai levar seis horas na internet, navegando, não vai descobrir. Não tem um portal de informações do governo. Por que? Porque ele não quis concorrer com o PIG. Ele teve medo de concorrer com o PIG.

**Eduardo: Porque se fosse concorrer seria derrubado?** Podia não ser. Mas ele deixava um legado para a democracia brasileira. Se tivesse feito uma TV pública para valer, desde o primeiro dia. E não aquele conselho (da EBC – Empresa Brasil de Comunicação) ridículo, que é um conselho de soma zero. Ele convida o Boni (ex-executivo da Rede Globo) desde que o Boni não fale de televisão, convida o Cláudio Lembo, convida o Delfim Netto<sup>7</sup>. O que ele acha que vai acontecer ali naquele conselho? O conselho é feito para que aquela televisão não funcione. A TV Brasil não conseguiu entrar em São Paulo. Passou meses sem conseguir entrar em São Paulo. O Gilberto Gil (Ministro da Cultura), que era um dos sujeitos mais progressistas desse governo, defendia uma tese muito interessante. Um dos sujeitos mais progressistas, politicamente, e um dos sujeitos mais atualizados do ponto de vista da tecnologia da mídia. Ele propôs que o esforço central do governo, ao lado da TV BRASIL, fosse uma central de produção de conteúdo. Fazer com que o governo se tornasse efetivamente um produtor de conteúdo alternativo. Para entregar na TV BRASIL, na tv a cabo, na internet, no rádio, no cinema, no youtube. Mas ser uma usina de produção de conteúdo independente. O governo preferiu fazer a televisão. O governo tem que fomentar a criação de ideias novas.

11) O jornalista do El País, José Maria Irujo, esteve recentemente no Brasil, na PUC-SP e, quando ele falava sobre jornalismo investigativo, ele proferiu esta máxima que eu queria que o senhor comentasse: “Ter sempre em conta que um primeiro-ministro é sempre um mentiroso”.

**PHA:** Esse negócio de jornalismo investigativo é um oxímoro. Jornalismo é investigativo. Eu vou te dizer uma coisa agora: o problema é que essa expressão no Brasil, jornalismo

---

<sup>7</sup> Dos nomes mencionados, apenas Claudio Lembo ainda (março de 2010) integra o Conselho.



investigativo, se transformou num conluio entre certos jornalistas e produtores e (n)a face mais cinzenta do aparelho policial. Sobretudo dos Estados. A prática dessa expressão é... Mas o nosso amigo Irujo tem toda a razão. O primeiro ministro mente. E o vice-ministro também. O atual, o passado e o sucessor. É isso.

**FIM DAS ENTREVISTAS**

comunicación que necesitan ganar dinero, que necesitan pagar a los artistas, a los periodistas. Y, al mismo tiempo, en un espacio libre. Bueno, esto todavía no se ha encontrado un modelo de negocio. Entre otras cosas, porque no se ha intentado en serio. Porque todavía hay la esperanza de que esto pase y de que de alguna forma se consiga controlar Internet. Entonces, volvemos a utilizar los mismos modelos comerciales que han estado en el mundo preinternet. Bueno, esto es simplemente una ilusión y cuanto más tardemos en encontrar formas de modelos de negocio, más habrá apropiación sin pago de los productos culturales en Internet por parte de millones y millones y millones de personas. O si consigue ser innovador, en lugar de ser rentista, en crear nuevos modelos de negocio, o el conjunto de las empresas de información – distinto del entretenimiento – entrarán en una crisis terminal, de donde surgirá otro tipo de industria que todavía no conocemos.

**Mayte Pascual** Cree usted, Manuel, después de todos sus años de investigación, después de toda su trayectoria, de todo que ha hecho, de estar en una multitud de países, de haber estudiado todas y cada una de las culturas que hay en este mundo, que realmente estamos en condiciones de decir que gracias a Internet y la comunicación libre la imaginación está alcanzando la posibilidad de llegar al poder?

**Manuel Castells** Al poder comunicativo, que es el poder fundamental.

**Mayte Pascual** Muchísimas gracias, Manuel Castells, por esta entrevista.

**Manuel Castells** A usted.

Fonte: <<http://www.rtve.es/mediateca/videos/20091127/entrevista-sociologo-manuel-castells/638711.shtml>> acessado em 15/03/2010.

### ANEXO 3

Entrevista al sociólogo Manuel Castells Olivan, por Mayte Pascual (Maria Teresa Pascual de la Cueva), periodista de la TVE

(Informe Semanal) 27/11/2009

**Mayte Pascual** (off + imágenes del entrevistado con la periodista caminando por una exposición de arquitectura) – Acaba de terminar su último trabajo sobre la comunicación y el poder. Una extensa investigación que demuestra como la comunicación puede derribar muros y como la forma esencial de poder reside en la capacidad para moldear las mentes de las personas. Castells expone como los poderes se cuelan en nuestras mentes, como los medios de comunicación son las redes esenciales y como los nuevos medios, como Internet, unidos a los nuevos movimientos sociales, propician una autocomunicación de masas capaz de generar nuevos códigos y nuevos significados que compartir.

**Mayte Pascual** Usted acaba de publicar, en inglés originalmente, y ahora en castellano, su último trabajo, su última investigación, precisamente sobre la comunicación y el poder. ¿Por qué ha hecho usted esta investigación de este libro, Manuel?

**Manuel Castells** Porque finalmente, al cabo de todas las investigaciones que estube haciendo estos años, hay una cuestión clave que es la cuestión del poder. Porque quién tiene o quiénes tienen el poder son los que definen la reglas del juego en nuestras sociedades, en todas las sociedades. Por consiguiente, conocer de donde surge y como se estructura el poder, quién tiene el poder y el poder de hacer que todos los demás tengamos que seguir ese poder, es quién define el marco en el que vivimos todos. Entonces, lo que finalmente he podido, yo creo, demostrar en este libro es que el ámbito onde se construye el poder es, sobretodo, la

mente humana. Por eso, digo que el poder se construye en el espacio de la comunicación. Ustedes en la televisión construyen el espacio del poder y yo en la internet construyo un espacio de poder, aunque no siempre en el mismo sentido.

**Mayte Pascual** Es muy difícil, Manuel, pedirle que resuma cual es el panorama de los medios. Pero, ayudenos, guienos por ese panorama. ¿Cómo es?

**Manuel Castells** Bueno, en primero lugar, hay una concentración de los medios de comunicación en grandes grupos mediáticos. Recordemos que los grupos mediáticos, sobretodo, lo que (son) es un negocio. Entonces, hace falta ganar audiencia para ganar dinero. Esa es la regla fundamental. Si, además de eso, si puede informar o entretener, está bién. Pero el fundamental es esto. Entonces, ese mundo de la comunicación está sufriendo una extraordinaria transformación tecnológica – la cultura digital, la revolución digital. Los medios de comunicación tradicionales tienen que afrontar la transformación que se está produciendo. Por ejemplo, la prensa escrita, hoy en día, tiene que saber que la gente cada vez más lee y leerá los periódicos en Internet. Y los que no tienen Internet no (o) los leerán muy poco, lo cual eso transforma extraordinariamente. Incluso la televisión: entre los menores de 30 años cada vez se ve menos la televisión, o se ve por internet. Y, por tanto, los medios tradicionales estarán perdiendo, pero difícilmente (van) a cambiar su modelo de negocio para tener que relacionarse con esta red - sin que la información ya no es el monopolio de los grandes grupos de información sino que está en las manos del conjunto de la sociedad.

**Mayte Pascual** Va a sobrevivir la prensa escrita? La televisión va a sobrevivir a este escenario?

**Manuel Castells** Bueno, una cosa es la prensa o la televisión como medio de comunicación. Otra es la plataforma, quer sea en papel, o sea digital. Aquí claramente la tendencia es que la plataforma de comunicación sea cada vez más digital. Desde este punto de vista, **yo diría que lo importante no es tanto la preservación de la prensa escrita como tal, sino de la prensa y del periodismo profesional.** Y aquí el periodismo tiene, hoy en día, sea televisión, sea radio, sea prensa, tiene dos elementos que todavía son la gran ventaja comparativa: **la credibilidad y la profesionalidad.** Es decir, **hay enormes cantidades de información en Internet, pero la gente tiende a creer lo que surge de un medio mucho más responsable, que en principio son los grandes medios de comunicación.** El sitio de internet de comunicación más visitado en el mundo es la BBC. El segundo es el New York Times y el tercero es CNN. Entonces, esto todavía (sigue) siendo fundamental. **Ahora, en la medida en que los medios pierdan credibilidad, en la medida en que sus informaciones no sean contrastadas o censuren informaciones que la gente le interesa... si pierden credibilidad, lo pierden todo. Porque es la única ventaja real que tienen con respecto a internet.**

**Mayte Pascual** Según sus estudios, sus investigaciones, el negocio en internet, como tal negocio, como conocemos ahora el negocio de pagar por lo que consideras que te interesa en Internet, esto no es posible.

**Manuel Castells** Internet es un espacio de comunicación libre porque se creó así, se diseñó así, lo diseñaron así los primeros innovadores de Internet y, en gran medida, no es posible acotarlo y venderlo por trozos, técnicamente. A menos que se desorganize todo el sistema Internet. Desde ese punto de vista, no hay que pensar en como se hace negocio con toda Internet. **El problema es como si puede hacer un modelo de negocio utilizando Internet en algunos sectores como la cultura digital, el entretenimiento, los medios de**

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)